

UNIVERSIDADE DE SANTA CRUZ DO SUL

**CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
HABILITAÇÃO JORNALISMO**

Vanessa Costa de Oliveira

**AS VOZES E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UMA ANÁLISE DO
DISCURSO DOS JORNAIS *ZERO HORA* E *DIÁRIO DE SANTA MARIA* NA
COBERTURA DO INCÊNDIO NA *BOATE KISS***

Santa Cruz do Sul
2013

Vanessa Costa de Oliveira

**AS VOZES E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UMA ANÁLISE DO
DISCURSO DOS JORNAIS *ZERO HORA* E *DIÁRIO DE SANTA MARIA* NA
COBERTURA DO INCÊNDIO NA *BOATE KISS***

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Ms. Hélio Afonso Etges

Santa Cruz do Sul
2013

Vanessa Costa de Oliveira

**AS VOZES E A CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS: UMA ANÁLISE DO
DISCURSO DOS JORNAIS *ZERO HORA* E *DIÁRIO DE SANTA MARIA* NA
COBERTURA DO INCÊNDIO NA *BOATE KISS***

Esta monografia foi submetida ao Curso de Comunicação Social da
Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC, como requisito parcial
para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Prof. Ms. Hélio Afonso Etges

Professor orientador

Prof. Ms. Elenor José Schneider

Prof^a Ms. Cristiane Lindemann

Ao Valentin, pela sabedoria, cafunés e chás de camomila.

AGRADECIMENTOS

O senso comum diz que a pesquisa é um processo solitário. Ou ele está errado, ou talvez o que eu tenha feito não seja uma pesquisa. Em nenhum momento eu me senti sozinha. Ao longo desse processo muita gente esteve sempre ao meu lado. Às vezes dando apoio sem perceber.

Desde que soube do incêndio na *Kiss* e percebi o vasto material de pesquisa que haveria naquela cobertura e defini o tema da monografia, tive três pessoas fundamentais do meu lado a quem é preciso agradecer. Aos meus pais, Laerte e Maristela, um muito obrigado por todos os momentos de incentivo e por acreditarem no meu potencial. Ele certamente não seria o mesmo se eu não tivesse sempre vocês junto a mim. E ao Valentin por, do alto dos seus 11 anos, sem entender muito bem o que significa essa pesquisa, acrescentou em suas orações “a monografia da Vanessa”.

O professor Hélio Etges, meu orientador, também sempre esteve ao meu lado. Obrigada por me guiar neste trajeto que era tão novo e confuso. Agradeço por todas as orientações, provocações e sugestões que fizeste; por permitir que eu sugerisse algumas mudanças no percurso. Obrigada por ter me imposto esse desafio do discurso, por acreditar que eu seria capaz. Essa pesquisa é nossa.

E foi no dia a dia em Santa Cruz, longe da família, nos momentos de angústia, que os amigos davam uma força extra. Obrigada a eles que, perguntavam como tudo estava indo, diziam que tudo daria certo. O apoio de vocês também foi muito importante nesse processo. Um agradecimento especial para a Andressa e a Isadora, que sempre vinham com pensamentos positivos. As palavras de vocês melhoravam os meus dias.

Agradeço ainda a três colegas que se tornaram amigas e exemplos: Cassiane, Débora e Jonara. A dedicação de vocês me inspira.

Cobrir a Kiss foi muito mais do que cobrir uma guerra. Tu estás dentro da tua cidade, com duzentos e poucos mortos. A gente buscava ser muito útil nesse momento. Era essa nossa preocupação: sermos úteis, ajudarmos com a informação.

(Fabiana Sparremberg, Diário de Santa Maria)

Foi um pouco essa sensação estranha, de narrar a tragédia na minha própria terra, que senti hoje ao chegar ao jornal para a cobertura de ZH sobre o incêndio que tirou a vida de mais de 230 jovens em Santa Maria. [...] Um trabalho difícil de fazer. Mas necessário. Acreditamos que, ao retratar a realidade, com respeito, dedicação, mas sem descuidar da busca pela verdade, de cobrar responsabilidades, estamos ajudando a evitar que novas tragédias se repitam. Ou pelo menos, acreditamos que ajudaremos a amenizar a dor de quem fica. É assim. No Haiti ou no Rio Grande do Sul. Hoje, o terremoto foi aqui.

(Rodrigo Lopes, Zero Hora)

RESUMO

Esta monografia teve como objeto de estudo seis textos das edições do dia 28 de janeiro de 2013 dos jornais *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria*, um dia depois do incêndio na *Boate Kiss*. Buscou identificar as vozes existentes nesses textos, bem como o sentido explícito e implícito deles. E, com isso, compreender o discurso dos jornais na cobertura do primeiro dia do que se convencionou chamar *tragédia*. Para que fosse possível essa análise, foram trabalhados os conceitos de jornalismo, e também os métodos utilizados na produção de notícias. Observou-se ainda a teoria sobre linguagem jornalística e tragédia. Os jornais analisados pertencem ao Grupo RBS, mas têm características distintas. *ZH* prioriza a imagem do gaúcho, já o *DSM* valoriza o local, o santa-mariense. Por meio da análise de discurso francesa foi possível identificar que o jornal de Santa Maria fez uma cobertura polifônica, diferente de *ZH*, que teve um discurso falsamente plural. Eles apresentaram algumas semelhanças no sentido expresso nos textos, mas do ponto de vista da AD, o *DSM* levou mais informação ao leitor, enquanto *ZH* foi um pouco mais objetiva, pois manteve um distanciamento maior do acontecimento.

Palavras-chave: Jornalismo; *Zero Hora*; *Diário de Santa Maria*; Análise de Discurso; Incêndio na *Boate Kiss*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2. CONCEITOS E CARACTERIZAÇÃO DO JORNALISMO	13
2.1 Jornalismo: a difusão de notícias	13
2.2 O profissional e a empresa jornalística	16
2.4 Funções e características do jornalismo	18
2.4.1 Informar a sociedade: uma função jornalística	18
2.4.2 Características do jornalismo	21
3 O JORNALISMO COMO MÉTODO	24
3.1 Linguagem e significação	24
3.1.1 Linguagem jornalística.....	26
3.2 Acontecimentos que serão notícia	28
3.3 Pauta, fontes, apuração: a produção da notícia.....	32
3.3.1 O planejamento da notícia	33
3.3.2 Fontes de notícias.....	34
3.3.3 A apuração da notícia	36
4 A COBERTURA JORNALÍSTICA DE UMA TRAGÉDIA	38
4.1 O trabalho dos jornais <i>ZH</i> e <i>DSM</i> na cobertura do incêndio da Boate Kiss.....	41
4.1.1 O grupo RBS no contexto da imprensa gaúcha	41
4.1.2 <i>Zero Hora</i> : o jornal dos gaúchos	42
4.1.3 <i>Diário de Santa Maria</i> : o jornal da região central do RS	44
5 INCÊNDIO NA KISS: PESQUISA E ANÁLISE DE DISCURSO	47
5.1 Pesquisa qualitativa: a interpretação da realidade	47
5.1.1 Pesquisa bibliográfica.....	49
5.1.2 Pesquisa documental	49
5.1.3 Entrevista em profundidade e semiaberta	50

5.1.4 Estudo comparado.....	52
5.2 Entre a ideologia e o texto: uma análise de discurso	53
5.2.1 O sujeito e a criação do sentido na AD	55
5.2.2 A construção do <i>corpus</i> da pesquisa e a interpretação na AD	57
5.2.3 Uma pluralidade de vozes: a polifonia.....	57
5.2.4 O dito, o não dito e o silêncio	58
6 O DISCURSO COMPARADO DOS JORNAIS <i>ZH</i> E <i>DSM</i>	60
6.1 A pluralidade de vozes na cobertura do incêndio da Boate Kiss	61
6.1.1 <i>ZH</i> e <i>DSM</i> : a polifonia comparada	71
6.2 O dito, não dito e o silêncio nos textos de <i>ZH</i> e <i>DSM</i>	72
6.2.1 O dito, não dito e silêncio: um comparativo.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS	87
ANEXO A - Texto 1 - DSM	93
ANEXO B – Texto 2 – DSM	94
ANEXO C – Texto 3 – DSM	95
ANEXO D – Texto 1 – ZH	96
ANEXO E – Texto 2 – ZH.....	97
ANEXO F – texto 3 – ZH.....	98
ANEXO G – Questionário semiaberto para entrevista com editores	99

1 INTRODUÇÃO

No jornalismo se convencionou chamar de *tragédia* os acontecimentos que envolvem um grande número de mortos, catástrofes, acidentes graves e crimes que chocam a sociedade. O termo tem origem na literatura e no teatro da Grécia clássica, mas foi ampliado para a compreensão que se tem hoje de um acontecimento que desperta horror e sofrimento nas pessoas. O fazer jornalístico muda nessas situações. O trabalho de cobertura tende a ser mais complicado pela falta de tempo e pelas circunstâncias investigativas e emocionais com as quais os jornalistas trabalham. Há quem acredite que os meios de comunicação investem em pautas sobre *tragédia* com o intuito de aumentar a audiência. O fato é que se trata de um dos valores-notícia mais antigos do jornalismo.

Numa situação dessas, talvez mais do que em qualquer outra, o jornalismo deve cumprir a sua função de informar. E informar com responsabilidade. Cabe a ele facilitar a comunicação entre os grupos sociais. Para isso, faz uso da linguagem e de recursos discursivos. Trata-se de uma atividade com a responsabilidade de promover o bem comum. No domingo, 27, coube aos veículos de comunicação levar informação apurada ao seu público.

O jornalismo é estudado por pesquisadores pelo menos desde 1690, quando a primeira tese foi apresentada na área. O conceito se atualizou, mas não perdeu sua essência: é uma atividade que visa bem informar a sociedade. E a qualidade dessas informações influi diretamente na vida das pessoas. Seja no impresso, no rádio, na TV ou na *web*, o jornalismo orienta, informa e também diverte. É preciso lembrar, no entanto, que essa informação passa por filtros, seja do profissional ou da empresa.

Conceitos e reflexões teóricas convivem com a prática do jornalismo, com a técnica. Não há receita, mas há uma espécie de roteiro a se cumprir. A escolha das pautas baseada nos critérios de noticiabilidade, os tipos de fontes e a apuração fazem parte das rotinas dos jornalistas. Porém essa rotina não é constante. Ela existe de acordo com o acontecimento, com o inédito. E, assim, um dia é diferente do outro e, muitas vezes, é preciso se adaptar. Essa adaptação do trabalho jornalístico pode ser observada na cobertura das chamadas *tragédias*, por exemplo, quando tudo é atípico.

O *acordar* do dia 27 de janeiro de 2013 pode ser figurativo. Os brasileiros, mais especificamente os gaúchos, não apenas despertaram do sono: acordaram para a falta de prevenção contra incêndios em locais públicos e privados. A notícia dava conta do incêndio em uma casa noturna, a *Boate Kiss*, em Santa Maria, interior do Estado. O número de mortos

confirmados só aumentava, as especulações sobre culpados também. De acordo com o que foi divulgado, pouco antes das 2 horas começou o incêndio, durante a apresentação do grupo musical Gurizada Fandangueira. O fogo teria sido causado por um sinalizador que, ao entrar em contato com a espuma isoladora de som, fez com que o fogo se alastrasse rapidamente.

Na *web* as notícias eram a cada instante atualizadas no dia 27 e davam conta do aumento do número de mortos. Muitas emissoras de televisão fizeram a cobertura ao vivo, em um primeiro momento dos próprios estúdios, com o auxílio de correspondentes e, posteriormente, da própria equipe que se deslocou para Santa Maria. O mesmo ocorreu com a rádio, já que também é uma plataforma jornalística de alcance imediato. Os jornais impressos, contudo, foram lidos apenas no dia seguinte. O fato é que os veículos de comunicação não falavam de outra coisa e, naturalmente, as capas dos jornais impressos, na segunda-feira, 28, estampavam manchetes da *Tragédia de Santa Maria*, como se passou chamar o acontecimento que vitimou 242 pessoas.

Esta pesquisa buscou identificar se o discurso dos jornais *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria* na cobertura do incêndio da *Boate Kiss* foi o mesmo. O material de análise é composto por seis textos, três de cada veículo, publicados na edição do dia 28 de janeiro de 2013: a primeira edição após o incêndio. O critério de escolha dos textos foram as pautas. Uma vez que os jornais pertencem ao mesmo grupo e trabalharam juntos, muitos dos textos eram iguais em ambos. Optou-se por aqueles que eram únicos em cada um dos jornais e que, de alguma forma, contemplassem aquele domingo de cobertura jornalística. As pautas escolhidas foram o incêndio, a espera dos familiares por notícias e o início dos funerais. Os primeiros, *Santa Maria, 27/01/2013*, do jornal *Zero Hora*, e o *Jamais esqueceremos*, do jornal *Diário de Santa Maria*, contextualizam o incêndio. *A pior notícia*, do jornal estadual, e *Um vale de lágrimas*, do jornal regional, tratam da espera dos familiares por notícias das vítimas e o reconhecimento dos corpos. E o texto *Hora do adeus*, de *Zero Hora*, e *A dura hora da despedida*, do *Diário de Santa Maria*, falam sobre o início dos funerais e dos sepultamentos.

Para essa análise, apenas os textos foram considerados. Por meio da análise de discurso pretendeu-se interpretar e identificar a pluralidade de vozes e de sentidos presente neles. Compreender, também, por meio do discurso dos jornais, como eles cumpriram com sua função de bem informar a sociedade. A cobertura de grandes acontecimentos que geram comoção pelas circunstâncias que os cercam são momentos muito específicos no jornalismo e merecem atenção científica. A ausência de estudos que sistematizem a técnica utilizada nesses momentos atípicos, justifica uma pesquisa nessa área.

Para que o problema da pesquisa fosse resolvido, fez-se uso da análise de discurso (AD) com filiação à Escola Francesa. Através da pesquisa qualitativa, que contextualiza e interpreta a realidade, os textos foram submetidos à AD, que foi complementada pelas entrevistas e a pesquisa bibliográfica. As entrevistas foram realizadas com representantes do jornal *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria*. Já a pesquisa bibliográfica buscou conceitos-chave para melhor interpretação e análise do discurso realizado pelos jornais que na sequência foram comparados.

Inicialmente fez-se um resgate conceitual sobre o que é jornalismo, suas funções e características. Autores como Traquina e Chaparro serviram de base para a condução desse capítulo. Os estudos de Beltrão, Genro Filho e Amaral também contribuíram para essa revisão. A pesquisa segue tratando dos primeiros estudos da linguagem e, mais especificamente, da linguagem jornalística. Nesse contexto aparece Bakhtin, por sua contribuição na linguística – e também na análise de discurso filiada à escola russa. Ele foi usado na pesquisa como referência para linguagem, e não para a AD, visto que a opção metodológica deste estudo foi pela escola francesa. Já Lage e Motta discutiram a linguagem jornalística.

Aspectos como critérios de noticiabilidade, pautas, fontes e apuração, foram trabalhados sob uma ótica técnica, mas também teórica. Percebeu-se a necessidade, ao longo da realização da pesquisa, de conceituar tragédia e entender sua condição de valor-notícia dentro do jornalismo. Buscou-se ainda um breve histórico dos jornais analisados. Enquanto *Zero Hora* existe desde 1964, o *Diário de Santa Maria* chegou até os leitores em 2002.

A análise do discurso dos textos foi estruturada de acordo com os tópicos da AD selecionados. Primeiro, analisaram-se os seis textos sob a perspectiva da polifonia, posteriormente do dito e não dito e silêncio. Ao final da análise de cada um dos itens, comparou-se o discurso dos dois jornais. Por meio desse método foi possível interpretar e identificar o discurso de *ZH* e do *DSM* no episódio da *Boate Kiss*.

2. CONCEITOS E CARACTERIZAÇÃO DO JORNALISMO

O jornalismo é uma atividade complexa e dinâmica: adapta-se a diferentes circunstâncias, sejam elas históricas ou tecnológicas. Para alguns, sua função é social, para outros, é levar informações suficientes ao público, para que este possa fazer suas próprias interpretações sobre os acontecimentos. Age, portanto, como um produtor de conhecimento. Ele orienta a vida em sociedade por meio da veiculação de notícias e, conseqüentemente, influencia na formação da opinião pública.

2.1 Jornalismo: a difusão de notícias

Pensar em jornalismo, em um primeiro momento, pode parecer simples, uma vez que ele faz parte do cotidiano. Porém, pesquisas em jornalismo existem desde 1690, ano de defesa da primeira tese apresentada na área, de Tobias Peucer, na Universidade de Leipzig, na Alemanha. Ele define o jornalismo, os *relatos periodísticos*, como a exposição dos fatos, ocorridos recentemente, por meio das notícias. Em sua tese, Peucer ensaia uma classificação desses acontecimentos: “[...] misturam coisas de temas diferentes, como acontece na vida diária ou como são propagadas pela voz pública, para que o leitor curioso se sinta atraído pela variedade de caráter ameno e preste atenção” (PEUCER, 2004, p. 16).

É necessário destacar nesse contexto histórico que, antes das guerras mundiais, o jornalismo e, conseqüentemente, a produção de notícias, funcionou como “agente organizador de pessoas, apelando para instâncias irracionais, sentimentos pátrios, o orgulho nacional” (MARCONDES FILHO, 2009, p. 10). De acordo com o autor, o jornalismo e a informação são questões muito sérias que influenciam o modo e a forma das pessoas verem o mundo.

O jornalismo surgiu paralelo ao desenvolvimento das relações capitalistas, com o objetivo de controlar e reproduzir a sociedade burguesa, tratando-se a informação de um patrimônio universal. Dentro de um contexto de alteração histórica dos sentidos humanos, “o jornalismo é a cristalização de uma nova modalidade de percepção e conhecimento social da realidade através da sua reprodução pelo ângulo da singularidade” (GENRO FILHO, 2012).

Assim, pode-se afirmar que o jornalismo se desenvolveu com o advento da modernidade. Existe, portanto, em uma sociedade desenvolvida, seja ela urbana ou rural, em que haja liberdade de imprensa.

O jornalismo é a síntese do espírito moderno: a razão (a “verdade”, a transparência) impondo-se diante da tradição obscurantista, o questionamento de todas as autoridades, a crítica da política e a confiança irrestrita no progresso, no aperfeiçoamento contínuo da espécie. (MARCONDES FILHO, 2000, p. 9).

O jornalismo possui um compromisso social com os indivíduos: fornecer informação. Sousa (2001) define o jornalismo como uma forma de difundir informação na sociedade. Chaparro (1994) recorre ao artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, para validar esse compromisso. O artigo diz que todo indivíduo tem o direito de investigar e receber informações e opiniões. Para o jornalismo, portanto, se estabelece que esse direito deve ser assegurado aos que não podem exercê-lo. Ainda de acordo com o autor, ele é um processo social de ações conscientes, a combinação do fazer com as intenções.

Entre os conceitos de jornalismo há os que são realistas e objetivos, ou os negativos, ou sonhadores. O termo, de acordo com Bond (1962), significa todas as formas de divulgação da notícia. Admite, porém, que as definições diferem. “Para o cínico, o jornalismo é meramente um comércio; para o idealista, revela-se como uma responsabilidade e um privilégio” (BOND, 1962, p. 15). O seu foco deve ser a coleta de informações precisas e aprofundadas. A comunicação tem, portanto, um importante papel do ponto de vista político e social. O jornalismo definido como comunicação útil, aquela que noticia todos os acontecimentos relevantes para a sociedade, é defendida por Jorge Pedro Sousa (2001):

O jornalismo é, portanto, uma modalidade de comunicação social rica e diversificada. Não há um jornalismo. Há *vários* jornalismo, porque também há vários órgãos jornalísticos, vários jornalistas, várias pessoas que podem ser equiparadas a jornalistas, vários contextos em que se faz jornalismo. (SOUSA, 2001, p. 15).

O jornalismo é múltiplo e dinâmico e, por isso, reinventa-se a todo o momento. Luiz Amaral (1978) descreve o jornalismo como uma forma de conhecimento, assim como Meditsch (1992), e o trata como uma ciência que, assim como as outras ciências, deve ser estudada. No entanto, Sousa (2001) ressalva que, diferente de muitas ciências, ele não é exato e nem sempre é possível encaixá-lo em fórmulas prontas. É praticado no mundo todo e, em cada lugar, tem suas peculiaridades. Amaral (1978), porém, conceitua o jornalismo de forma objetiva:

Ao assumir a condição de ciência, (o jornalismo) toma contornos acentuados e bem visíveis, e pode ser definido como o estudo do processo de transmissão de informação, através de veículos de difusão coletiva, com características de atualidade, periodicidade e recepção coletiva. (AMARAL, 1978, p. 16).

Teoria e prática precisam andar lado a lado para que os estudos no jornalismo tenham validade. Genro Filho (2012) considera que se a teoria não condiz com a prática, então há

algo de errado na teoria. Ele classifica o jornalismo como o resultado de um processo que envolve uma reprodução simbólica, sendo, assim, a imediaticidade o ponto de chegada. Ora, se a teoria deve corresponder à prática e não o contrário, Kovach e Rosenstiel (2003) estão no caminho certo. Baseados em conhecimentos empíricos, eles definem que: “O jornalismo é simplesmente o sistema criado pelas sociedades para fornecer as notícias. Por isso nos preocupamos com a natureza das notícias e do jornalismo de que dispomos: influenciam a qualidade de nossas vidas, nossos pensamentos, nossa cultura” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 18).

Se de um lado há pesquisadores que partem da prática, outros utilizam a própria teoria para criar conceitos. Para Traquina (1999), o jornalismo trata-se de uma atividade profissional difícil e complexa, baseada em determinar quais são os acontecimentos que figuram na agenda de preocupações da sociedade e, portanto, temas importantes da opinião pública. E também uma atividade preocupada em definir os significados dos acontecimentos, fornecendo informações suficientes para que o público possa compreendê-lo. No entanto, o autor não desconsidera a prática:

O jornalismo [...] é um alvo fácil de criticar. Afinal, os jornalistas são frequentemente obrigados a elaborar a notícia, a escrever a <<estória>>, em situações de grande incerteza, com falta de elementos, confrontados com terríveis limitações temporais, pressionados pela concorrência dos outros órgãos de informação. (TRAQUINA, 1999, p. 12).

Nas operações científicas diárias, nem sempre se observa uma interação das ciências com a sociedade, sendo o jornalismo, também, um mediador nesse contexto. Ele tem a tarefa de superar as barreiras de comunicação que aí se interpõem e vincular as diferentes formas de conhecimento (KUNCZIK, 1997). Por isso Beltrão (1992, p. 65) o classifica como “uma atividade essencial à vida das coletividades, como uma instituição social que, no mundo moderno, assume posição da mais alta relevância”. Fazer jornalismo, antes de qualquer coisa, é disponibilizar informação.

Durante muito tempo os jovens ingressavam na profissão com vontade de mudar o mundo e ter acesso, de forma mais rápida, ao poder. Assim, poderiam concretizar seus sonhos. O autor acrescenta que o jornalismo não é uma atividade como qualquer outra.

Certo que os homens que produzem nosso noticiário cotidiano não se distinguem muito do homem comum, mas há uma diferença, algo adicional, que é a de exercerem a função de reconstruir diariamente o mundo, despejando verdades cristalizadas sobre as pessoas, sobre fatos, sobre novas ocorrências, exercendo uma tranquilizadora e gratificante atividade de manter o mundo exatamente como ele é. (MARCONDES FILHO, 2009, p. 10).

Sempre ligada à vida social, a existência do jornalismo influi na fixação de conceitos e faz com que ideias circulem, tornem-se públicas e, com isso, agrupem-se nas correntes de opinião sobre os acontecimentos, podendo vir a alterar o pensamento coletivo (BELTRÃO, 1992). O autor, assim como já citado por meio de outros pesquisadores nesta monografia, afirma que a essência do jornalismo é a informação. Sejam fatos correntes, acontecimentos registrados no setor da vida social ou em qualquer outra parte do universo, das ciências, artes, natureza e espírito, desde que eles despertem o interesse dos cidadãos. Essas informações, devidamente interpretadas, necessitam ser transmitidas periodicamente à sociedade para, então, difundir conhecimento, orientá-la e promover o bem comum (BELTRÃO, 1992).

O jornalismo tem caráter subjetivo, é uma representação da realidade. Kunczik (1997, p. 97) o define como uma profissão em que as pessoas, os jornalistas, reúnem, detectam, avaliam e difundem as notícias, os fatos do momento. Há duas classificações que o autor chama de “comuns” para o jornalismo e que são contraditórias. De acordo com uma delas, ele é neutro e objetivo; na outra, é ativamente participativo e socialmente engajado. Apesar de contraditórias, as definições não se excluem, sendo o jornalismo uma mistura disso tudo. Chaparro (2008, p. 225) propõe “enterrar” a teoria de que ele está dividido em opinião e informação. Faz-se necessário compreender que, como linguagem e discurso, ele é construído com informação e opinião e, portanto, não é segmentado. Assim como o jornalismo tem as suas peculiaridades, o profissional que o pratica, o jornalista, também possui. Da mesma forma que ocorre em outras profissões, o profissional deve respeitar algumas características e estar consciente da sua função na sociedade.

2.2 O profissional e a empresa jornalística

O grande número de cursos de jornalismo no país e, conseqüentemente o número de profissionais que entram no mercado a cada ano, mostram que essa é, sem dúvida, uma profissão atraente. Sousa (2001) atribui isso aos mitos por trás da profissão, como a imagem pública e, também, os jornalistas criados por Hollywood. Afirma, ainda, que ser jornalista traz recompensas pessoais, mas que exige muito, em todos os sentidos. Apesar da sua importância, ele nunca deve sobressair à notícia (SOUSA, 2001). No jornalismo a notícia, a informação jornalística, é sempre mais importante que o profissional que a fez.

Peucer (2004, p. 19) denominou o jornalista de escritor, na sua tese de 1690. Ele relacionou a credibilidade do “periódico” e “o amor à verdade” à vontade do jornalista. Essa vontade seria optar pela imparcialidade de não se deixar levar por questões políticas e

econômicas. Se o profissional deve ser um indivíduo responsável pelos seus fazeres e, como apontou Chaparro (1994), assumir princípios éticos e morais com a sociedade, mostra-se necessário compreender quem ele é, ou como deve ser. Assim, facilitará o entendimento do que é jornalismo. Para Traquina (2001), ele é um observador que, com honestidade e equilíbrio, relata o que acontece, com o cuidado de não emitir sua opinião.

É realmente inviável exigir dos jornalistas que deixem em casa todos esses condicionamentos e se comportem, diante da notícia, como profissionais assépticos, ou como a objetiva de uma máquina fotográfica, registrando o que acontece sem imprimir, ao fazer seu relato, as emoções e as impressões puramente pessoais que o fato neles provocou. (ROSSI, 1984, p. 10).

A informação jornalística sempre vai passar por algum filtro, seja na pessoa do repórter, seja na própria empresa de comunicação. Por isso, é natural que se confunda o jornalista com a notícia (SOUSA, 2001). Como mostra Genro Filho (2012), de um lado o jornalismo deve ser objetivo, por outro, deve interpretar os fatos e guiar os leitores. Dessa maneira, “[...] há uma interpretação e um sentido que devem brotar naturalmente dos próprios fatos, com base, portanto, nos preconceitos e concepções dominantes na sociedade, que se manifestam no chamado *bom senso*” (GENRO FILHO, 2012, p. 38). Isso evidencia que não se trata apenas de relatar ou descrever um fato, mas sim de uma nova forma de compreender o real, “onde os fatos são *analisados* subjetivamente (normalmente de maneira espontânea e automática) e, logo após, reconstruídos no seu aspecto fenomênico” (GENRO FILHO, 2012, p. 41).

Fica evidente a improbabilidade de uma informação não conter o mínimo de opinião de quem a fez, já que para isso, além dos filtros pelos quais ela passa, tem as opções feitas por jornalistas e editores com relação à forma como determinado fato será tratado. Sousa (2001) explica que em muitos textos jornalísticos há essa visão pessoal do profissional, uma vez que ele foi atrás das informações e fontes. Contudo, ressalta que o jornalista não deve se destacar à informação. “O centro de uma peça jornalística deve ser a sua temática, não o jornalista” (SOUSA, 2001, p. 14). Isso não significa, porém, que um jornal não deva emitir opinião. Deve, mas nos textos apropriados.

Os interesses da mídia muitas vezes impedem o trabalho honesto dos jornalistas. Em contrapartida, para Meditsch (1992), os jornalistas não estariam preparados para inverter essa situação. De acordo com Amaral (1978), a contradição da profissão está exatamente aí, no momento em que as necessidades da empresa são muito mais importantes do que a necessidade dos leitores. Mas o autor também pondera que, mesmo com a grande responsabilidade que os jornalistas, diretores e proprietários dessas empresas tenham com o

público, há uma estrutura comercial que depende de um balanço financeiro para poder responder a essas responsabilidades.

Traquina (2001) também trata dessa relação do jornalismo com a empresa, mas é mais enfático. Para ele, as problemáticas trabalhadas pela redação de um jornal não podem deixar de estar relacionadas com os recursos econômicos da empresa. Ressalta que o jornalismo também é negócio e que, mais cedo ou mais tarde, irá enfrentar a tirania do balanço econômico. Apesar de, como se pode perceber, a notícia ser uma mercadoria, Marcondes Filho (2000) lembra que informação é diferente de capital, que espera por rentabilidade, mas algo perecível, que deve ser consumida de forma rápida e integral. Negócio ou não, é fato que o jornalismo tem suas características próprias e uma função a exercer na sociedade.

2.4 Funções e características do jornalismo

O jornalismo, além de técnica própria, também deve buscar manter suas características. Sua função, seja no impresso, no rádio, na TV ou na web, tem o objetivo de informar, interpretar, orientar e divertir, apesar de, algumas vezes, não responder a isso. As funções do jornalismo estão vinculadas à divulgação da informação. Além disso, de difundir notícias, o jornalismo deve estimular a mais ampla e livre troca de ideias entre as pessoas, independente de quais sejam suas convicções (TRAQUINA, 2001).

2.4.1 Informar a sociedade: uma função jornalística

A definição de quais são as funções e os objetivos do jornalismo perpassa questões ideológicas. Pulitzer (2009) defende que o jornalista deve trabalhar em prol da sociedade, vigiando o poder público e sempre informando a população. Para ele o profissional não deve ser aquele que “fica pensando em seu salário ou nos lucros dos proprietários, está ali para zelar pela segurança e pelo bem-estar das pessoas que nele confiam” (PULITZER, 2009, p. 27).

Assim como Pulitzer, os pesquisadores, em geral, tratam o jornalismo como tendo uma função social. Para Meditsch (1992), a principal delas é manter a comunicabilidade entre as mais diversas classes, desde o cientista ao operário. Kunczik (1997) afirma que a mediação feita pelo jornalismo em uma sociedade democrática facilita a comunicação entre os diferentes grupos que a integram, “não podendo, assim, o jornalista se dedicar à autorrepresentação subjetiva nem exercer o poder pessoal” (KUNCZIK, 1997, p. 100). É

finalidade do jornalismo fornecer informação para que as pessoas sejam livres e capazes de se autogovernar (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). E, ainda, expande o horizonte de conhecimento e influencia a vida em sociedade.

Baseado nas quatro teorias da imprensa, de Siebert Schramm e Peterson, Kunczik (1997) aponta seis funções para o jornalismo:

- 1 – servir ao sistema político, fazendo com que, em geral, a informação e a consideração dos assuntos públicos sejam acessíveis;
- 2 – informar ao público para que este possa adotar uma ação autodeterminada;
- 3 – proteger os direitos do indivíduo como vigilante do governo;
- 4 – servir ao sistema econômico – por exemplo, unindo compradores e vendedores através da publicidade;
- 5 – proporcionar entretenimento (que significa somente “bom” entretenimento, seja ele qual for);
- 6 – preservar sua autonomia financeira, para não vir a depender de interesses e influências especiais. (KUNCZIK, 1997, p. 76).

De uma maneira geral, essas funções recaem sobre aquilo que já vinha sendo dito, de que o jornalista tem uma função social, informar os indivíduos de uma sociedade. Outra de suas finalidades é gerar conflitos nos espaços de discussão pública e também contribuir para que os conflitos noticiáveis se realizem a favor dos processos sociais. Para isso, segundo Chaparro (2008), faz-se uso de uma linguagem com recursos discursivos que permitem dar conta dessa função, por meio de relatos que valorizem e elucidem os conflitos da atualidade, nos quais os agentes sociais organizados agem pelo que dizem e fazem.

O jornalismo é o elo que, nos processos sociais, cria e mantém as mediações viabilizadoras do direito à informação. Eis aí o vínculo com o princípio ético universal que deve orientar a moral das ações jornalísticas e em função do qual o jornalista assume a responsabilidade consciente pelos seus *fazeres* profissionais. (CHAPARRO, 1994, p. 23).

Esse elo com os processos sociais viabiliza, também, outra função do jornalismo. A função educativa é apontada por autores como Kunczik, Amaral e Beltrão. Citado por Beltrão (1992), o Primeiro Congresso Nacional de Jornalistas em Havana, em 1941, define como objetivo do jornalismo informar e orientar a opinião, censurar e sancionar as ações públicas dos habitantes de uma região e divulgar a cultura entre a população de um país. E é esse tipo de trabalho que, com uma função educativa, visa esclarecer a opinião pública para que, com discernimento, sinta e aja na busca pelo progresso e ordem da comunidade. “Em outras palavras, a finalidade do jornalismo é a promoção do bem comum” (BELTRÃO, 1992, p.666).

Os pesquisadores agrupam as funções do jornalismo de formas diferentes ou usam outros termos para defini-la. Contudo, há um consenso no que se refere ao tema. Para Amaral

(1978), por exemplo, as funções da imprensa se agrupam em quatro itens principais: política, econômica, educativa e entretenimento. Genro Filho (2012) cita Beltrão e concorda com o autor. Acrescenta, ainda, que “cabe ao jornalismo uma tarefa orgânica, quer dizer, solidária com o modo de produção capitalista e suas instituições políticas e econômicas” (GENRO FILHO, 2012, p. 39).

Por função política, “entende-se os meios de informação, em sua crescente, como instrumento de direção dos negócios públicos, e como órgãos de expressão e de controle da opinião pública” (AMARAL, 1978, p. 17). Segundo o autor, as relações dos governos com os meios de comunicação são cada vez maiores. Elas se mantêm com sutis trocas de favores. A função política, no passado, era exercida de forma mais escancarada, contudo, nos dias de hoje é feita pelos meios de comunicação de forma cada vez mais discreta, “com tom de imparcialidade”.

Entre os pesquisadores que se detêm em refletir sobre as funções do jornalismo, Amaral (1978) se destaca. Com relação à função econômica e social, ele afirma que o jornalismo tem contribuído para o desenvolvimento da indústria e do comércio assim como para melhorar as relações sociais de um modo geral. Por meio dos noticiários, o jornalismo fornece diariamente informações econômico-financeiras ao homem de negócio. Proporciona, dessa forma, pressupostos para o desenvolvimento. “Tão importante é hoje essa função para o empresariado que nenhum homem de negócios inicia seu dia de trabalho sem, antes, tomar conhecimento de tudo quanto saiu publicado sobre sua atividade específica e sobre o mercado, em geral” (AMARAL, 1978, p. 19).

O autor ainda menciona as funções educativa e de entretenimento. Para ele, o jornalismo praticado visando à educação é algo posto e muito praticado, que não pode ser contestado. As técnicas audiovisuais, juntamente com a imprensa, são consideradas “os instrumentos necessários para uma educação universal e permanente, de jovens e adultos” (AMARAL, 1978, p. 20). E a educativa está diretamente ligada ao estilo de vida das pessoas, que depois da fase pós-industrial passam a valorizar mais o lazer. É dever dos meios de comunicação acompanhar essas mudanças e melhor satisfazer o seu público (AMARAL, 1978).

Para a Sociedade Americana de Diretores de Jornais, “a função primordial dos jornais é comunicar ao gênero humano o que seus membros fazem, sentem e pensam” (apud AMARAL, 1997). Citada por Amaral (1997, p. 25), *La Prensa*, jornal de Buenos Aires, em sua primeira edição do dia 18 de outubro de 1869, publicou que “o jornalismo tem uma finalidade santa”. Baseados em conhecimentos empíricos, Kovach e Rosenstiel (2003)

afirmam que a finalidade do jornalismo, de uma forma extraordinária, tem se mantido constante, mesmo com todas as mudanças de natureza tecnológica e histórica, sempre existiram uma teoria e uma filosofia claras com relação a essas funções. Assim como as funções, suas características também têm se mantido.

2.4.2 Características do jornalismo

Das características do jornalismo, provavelmente a mais questionada seja a da objetividade. Por algum tempo, considerada fundamental na divulgação de notícias, ela passa a ser um mito. Rossi (1984) explica do que se trata: os meios de comunicação deveriam ser neutros e publicar tudo o que acontece, deixando para o leitor a tarefa de tirar suas próprias conclusões. Trata-se de um mito, pois cada jornalista possui seus próprios ideais e experiências de vida que acarretam determinado posicionamento.

Afinal, entre o fato e a versão que dele publica qualquer veículo de comunicação de massa há a mediação de um jornalista (não raro, de vários jornalistas), que carrega consigo toda uma formação cultural, todo um *background* pessoal, eventualmente opiniões muito firmes a respeito do próprio fato que está testemunhando, o que o leva a ver o fato de maneira distinta de outro companheiro com formação, *background* e opiniões diversas. (ROSSI, 1984, p. 10).

Quem trabalha com jornalismo deve ter consciência sobre a sociedade em que seu público está inserido. “O homem moderno não dispõe de tempo para dedicar à leitura de jornais e revistas; e o público a quem se destinam jornais e revistas é um público variado, onde se misturam pessoas cultas, pessoas alfabetizadas e pessoas um pouco menos que analfabetas” (AMARAL, 1978, p. 53). Entende-se, dessa forma, que o jornalismo deve ser simples, claro e usar palavras usuais. No entanto, Meditsch (1992) afirma que, apesar de o jornalismo evoluir como forma, a produção de conteúdo jornalístico fica estagnada. O jornalismo acaba por empobrecer a sua capacidade de interpretar os fatos e isso é percebido pelo público.

Acreditando que ele forneça informação confiável e independente, precisa e compreensível – elementos que são importantes para que o cidadão seja livre -, Kovach e Rosenstiel (2003) elencaram os nove elementos do jornalismo. Eles vão ao encontro do que dizem outros pesquisadores. Destacam-se, por relevância, os itens relacionados à verdade, à informação checada à exaustão. Um jornalismo que não trabalha com informação verdadeira, não é jornalismo. Os elementos são:

1. A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade.
 2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos.
 3. Sua essência é a disciplina da verificação.
 4. Seus praticantes devem manter independência daqueles a quem cobrem.
 5. O jornalismo deve ser um monitor independente do poder.
 6. O jornalismo deve abrir espaço para a crítica e o compromisso público.
 7. O jornalismo deve empenhar-se para apresentar o que é significativo de forma interessante e relevante.
 8. O jornalismo deve apresentar as notícias de forma compreensível e proporcional.
 9. Os jornalistas devem ser livres para trabalhar de acordo com sua consciência.
- (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 22-23)

O jornalismo é um desafio que, quando colocado em prática, faz as pessoas pensarem. Ele tem como característica informar sobre eventos programados, denunciar práticas incorretas, revelar tendências em movimento (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003). Jornalismo é contar história, mas não sem uma finalidade. Seu objetivo é fazer com que as pessoas entendam o mundo por meio das informações que recebem. Para os autores, o primeiro desafio é identificar quais são as informações de que a sociedade precisa ter conhecimento e, o segundo, é fazer com que essas informações sejam significativas, relevantes e envolventes. “O jornalismo também ajuda a identificar os objetivos da comunidade, seus heróis e vilões” (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 31).

São seis as características apontadas por Beltrão (1992) para o jornalismo. São elas a atualidade, a variedade, a interpretação, a periodicidade, a popularidade e a promoção. A principal delas é a atualidade, uma vez que o jornalismo vive do presente, do cotidiano e de penetrar e retirar dele tudo o que há. “Tomemos o jornal, como veículo principal da moderna obra periodística, e que morre ao cabo de algumas horas de circulação. [...] A frase “o jornal disse” equivale ao “estava escrito” dos islamitas, e quase um dogma da fé” (BELTRÃO, 1992, p. 74).

O jornalista precisa estar bem informado, para informar ao seu público sobre o que for. Para Beltrão (1992), é nesse contexto de variedade que surge o especializado para que os meios de comunicação pudessem dar conta de informações de vertentes distintas. As notícias não estão escassas, pelo contrário, e aí está a dificuldade: o volume de informação é muito grande e se torna quase impossível de o homem assimilá-las (BELTRÃO, 1992). Outra característica, a periodicidade, trata-se, de acordo com autor, dos intervalos em que são tornadas públicas manifestações jornalísticas. Sem essa constância em que os fatos são levados a público, as notícias não atingiram sua finalidade.

A popularidade e a promoção também são características indicadas por Beltrão (1992). Na primeira, compreende-se o fator que impulsionou o jornalismo em toda a sua trajetória e que continua impulsionando-o para o futuro. Para que os objetivos sejam alcançados, o autor

diz ser necessário que ele circule, penetre e repercuta em todas as camadas sociais e, assim, continue tendo popularidade. Já a promoção de informações assegura o bem comum. Por meio dos relatos e ideias expressas pelo jornalismo, este propulsiona a ação individual e coletiva.

Resta, ainda, a característica da interpretação. O simples fato de publicar algo já denota uma interpretação, visto que, para decidir que será publicado ou não, o fato deve ser examinado quanto a importância, caráter, interesse, repercussão e informação. Para Beltrão (1992), é nesse processo pelos quais passam os dados, ou seja, em que eles são interpretados, há uma seleção crítica e, posteriormente, será transmitido ao público aquilo que realmente tem valores significativos para a sociedade.

Apesar de ter características claras, alguns pesquisadores acreditam que o jornalismo está perdendo pouco a pouco. Kunczik (1997) atribui a falta de investigação, redação e edição jornalística às promoções dos jornalistas que, por terem um bom desempenho, mudam de posto dentro das redações para cargos onde as habilidades com os fatos não serão exercidas. Já para Marcondes Filho (2000), a verdade não é mais questionada, assim como a política e os políticos. Para ele, os noticiários deixam de informar para surpreender as pessoas com as pessoas e as coisas. Isso ocorre em uma nova orientação de jornalismo onde a prioridade são os assuntos associados ao curioso e ao imageticamente impressionante.

Se, como dito, alguns conceitos caracterizam o jornalismo como instrumento do bem comum, com uma função social, faz-se necessário lembrar que ele também possui características empresariais. De acordo com Genro Filho (2012), a atividade é condicionada pelo capitalismo, mas possui potencialidades que ultrapassam esse modo de produção, não sendo apenas ligada ao jornal, como meio, mas também a uma empresa. Para Meditsch,

o jornalismo como conhecimento é condicionado por sua produção industrial como mercadoria, por valores ideológicos de seus produtores, pelo autoritarismo de suas formas, pela arbitrariedade de suas escolhas, pelas falsas categorias que a sua tradição e sua técnica construíram. (MEDITSCH, 1992, p.56).

Mesmo sendo o jornalismo uma forma de conhecimento, com uma função social e características empresariais, é preciso lembrar que ele também é um método. O jornalismo, como dito no início deste capítulo, não é uma ciência exata e, portanto, também não possui um método dessa forma. Mas há noções básicas, técnicas-chave para se fazer um bom jornalismo e também com que o leitor perceba que aquilo é jornalismo e não ficção, por exemplo. Por isso, o capítulo seguinte trata de questões como a linguagem, os critérios de noticiabilidade, a pauta, as fontes e a apuração jornalística.

3 O JORNALISMO COMO MÉTODO

O fazer jornalístico possui um método próprio. Ele é influenciado por diversos fatores, o que faz com que mude de um grupo comunicacional para outro. Considera-se que cada veículo, seja rádio, TV, jornal, revista ou web, também têm suas peculiaridades, trata-se de outras mudanças referentes à linguagem e ao modo de tratamento da pauta. Para além de um esforço individual ou empresarial na produção da notícia, a prática do jornalismo depende de um conjunto de negociações. Essas negociações são estabelecidas entre o jornalista consigo mesmo, com as fontes, com os destinatários, com o Estado e a sociedade de forma geral (ADGHIRINI; MOURA; PEREIRA, 2012). Entra nesse sistema, ainda, a forma como o jornalista redige o texto, as palavras que usa, a linguagem que se estabelece nesses textos.

3.1 Linguagem e significação

Todo pensamento moderno sobre linguagem refere-se aos primeiros estudos de Ferdinand de Saussure (RIBEIRO, 2004). Interessa aqui uma das características atribuídas à linguagem por Saussure: a língua, parte social, que é compartilhada. Propôs, então, que se fizesse um recorte na linguagem onde a língua fosse privilegiada. Ribeiro (2004, p. 82) explica essa opção: “A língua era a parte essencial da linguagem, porque social: um sistema abstrato de normas [...], que seria anterior ao indivíduo e a ele se imporia como uma força coercitiva”. Assim, o objeto de estudo da linguística seria parte da linguagem humana.

Mas o que é a língua? Para nós ela não se confunde com a linguagem, ela é apenas uma parte dela, essencial, é verdade, é, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para possibilitar o exercício de tal faculdade pelos indivíduos. Considerada em sua totalidade, a linguagem é multiforme e heteróclita; cavaleando sobre os diferentes domínios, ao mesmo tempo físico, fisiológico e psíquico, ela pertence ainda ao domínio individual e ao domínio social; ela não se deixa classificar em nenhuma categoria dos fatos humanos, e é por isso que não sabemos como determinar sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo em si mesmo, e um princípio de classificação. Uma vez que nós lhe atribuímos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem. Introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação. (SAUSSURE, 2006, p. 17).

Apesar do pioneiro nos estudos da linguagem e da semiologia ser Saussure, foi Roland Barthes que começou a tematizar sobre o poder e o discurso. Para Barthes, qualquer matéria significante pode se tornar um mito. Para isso, considerava a perspectiva denotativa e a conotativa. O autor pretendia, com seus primeiros estudos, revelar que a mistificação, uma vez que o objeto de estudo era a mitologia, transformava a cultura burguesa em cultura

universal (RIBEIRO, 2004). Seguia uma linha marxista, acreditava, assim, que o poder era exercido pela classe dominante para que toda a sociedade aceitasse suas representações particulares como verdades universais. Para ele,

O ponto de partida desta reflexão era, as mais das vezes, um sentimento de impaciência frente ao “natural” com que a imprensa, a arte, o senso comum, mascaram continuamente uma realidade que, pelo fato de ser aquela em que vivemos, não deixa de ser por isso perfeitamente histórica. Resumindo, sofria por ver a todo momento confundidas, nos relatos da nossa atualidade, Natureza e História, e queria recuperar na exposição decorativa do-que-é-óbvio, o abuso ideológico que, na minha opinião, nele se dissimula. (BARTHES, 1980, p. 7).

Na década de 1970, houve uma mudança no pensamento linguístico de Barthes, provocada pela obra de Mikhail Bakhtin. Barthes considera a denotação como o principal sistema de significação. “[...] passa a admitir que a relação de significação não é nunca imediata ou espontânea. A linguagem, em qualquer nível, é sempre ideológica” (RIBEIRO, 2004, p. 85). Das considerações de Bakhtin (1997a), acrescenta-se o fato de os signos se confrontarem em índices de valores contraditórios. Para ele, a linguagem nunca se estabiliza.

A significação, na linguagem, é afetada por diversos fatores. Bakhtin (1997a, p. 15) aponta, para isso, “a entonação expressiva, a modalidade apreciativa sem a qual não haveria enunciação, o conteúdo ideológico e o relacionamento com uma situação social”. Em todo enunciado, segundo ele, quando olhado no detalhe, se descobrem palavras ocultadas pelo autor do texto ou com diferentes graus de alteridade. Isso tudo, não deixando de considerar as condições concretas da comunicação verbal.

Dir-se-ia que um enunciado é sulcado pela ressonância longínqua e quase inaudível da alternância dos sujeitos falantes e pelos matizes dialógicos, pelas fronteiras extremamente tênues onde os enunciados são totalmente permeáveis à expressividade do autor. (BAKHTIN, 1997a, p. 318).

Barthes era marxista, Bakhtin também. Percebe-se essa posição de pensamento claramente em seus conceitos. “O signo é, por natureza, vivo e móvel, plurivalente; a classe dominante tem interesse em torná-lo monovalente”. Ambos os pesquisadores apontam a língua como um sistema ideológico e, portanto, influenciado pelos meios. A palavra, afirma Bakhtin (1997a), é um fenômeno ideológico. Para o autor, ela é o modo mais puro e sensível na relação social. Ressalta-se o destaque dado por Bakhtin (1997a) com relação à comunicação na vida cotidiana. “É uma parte muito importante da comunicação ideológica que não pode ser vinculada a uma esfera ideológica particular” (BAKHTIN, 1997a, p. 37).

Se a palavra é um signo social, como afirma Bakhtin (1997a), é preciso analisar para compreender o seu funcionamento. Para o pesquisador, a palavra tem o papel de material

semiótico da consciência do indivíduo, do seu discurso interior. Ele atribui a isso o fato de a palavra funcionar “como elemento essencial que acompanha toda a criação ideológica, seja ela qual for” (BAKHTIN, 1997a, p. 37). Os fenômenos ideológicos, para serem compreendidos, devem estar vinculados a esse discurso interior. Assim, sem o discurso interior, não existirá consciência (BAKHTIN, 1997a).

As características da palavra enquanto signo ideológico, [...], fazem dela um dos mais adequados materiais para orientar o problema no plano dos princípios. [...] Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações da colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. (BAKHTIN, 1997a, p. 41).

Todo texto falado ou escrito implica receptividade e um juízo de valor. Conforme o que afirma Bakhtin (1997b), o leitor, ao se apropriar de determinado texto, se posiciona em relação a ele. Isso ocorre por meio de atitudes como concordar ou não com a enunciação, com a possibilidade de adaptá-lo, acrescentando ou retirando informações e também com a mudança de tonalidade. A reação desse indivíduo reflete em uma resposta, que Bakhtin chama de compreensão responsiva ativa.

Linguagem e comunicação e, portanto, jornalismo, são dependentes. Essa comunicação cotidiana apontada por Bakhtin (1997b) é rica e fundamental para a compreensão dos sistemas de linguagem. Ela diz respeito às ideologias de cada indivíduo e também aos processos de produção, o que também ocorre na linguagem jornalística.

3.1.1 Linguagem jornalística

No jornalismo, a linguagem tem uma definição, e uma forma de ser trabalhada, diferente daquela apontada pelos pesquisadores da linguística. O conceito que a classifica como “um subsistema de uso da língua, subconjunto de regras de determinados idiomas selecionados para emprego em situação particular” (LAGE, 2006, p. 5) não cabe ao contexto de linguagem jornalística. No campo jornalístico, que interessa neste trabalho, ela possui uma força elocutiva: emite palavras para além do seu significado. Descreve os acontecimentos do mundo, seduz por meio das notícias, afirma ou nega os fatos, nomeia, esclarece, analisa, compara, atribui funções e prioridades (MOTTA, 2004).

Por meio da linguagem jornalística, atribui-se valor e, além das tarefas citadas, realiza muitas outras, no ato de comunicação. O ato de comunicação, lembram Ferrari e Sodré (1986), está subordinado ao seu objetivo primordial, a informa o. A linguagem jornalística  

[...] uma atividade verbal dinâmica entre interlocutores. Caracteriza-se pelos mesmos aspectos que regem toda atividade humana: tem uma motiva o psicossocial, uma finalidade semântica e uma realiza o linguística textual. Isto significa que o jornalista, enquanto interlocutor, está motivado por interesses profissionais imediatos, mas também por interesses subjetivos que refletem motiva es, necessidades e desejos nem sempre explícitos, claros ou sob seu controle. (MOTTA, 2004, p. 124).

Antes mesmo, como mostra Gomes (2000), de registrar, de informar, ou ainda de suas características como periodicidade, universalidade e atualidade, o jornalismo   um fato da língua. Como fato de língua, afirma a autora, o jornalismo terá como fun o principal o de organizar-se discursivamente. Por meio dessa organiza o discursiva o jornalismo passa a produzir sentidos. “Trata-se do fato de que o processo de produ o de significa es, o jogo do signo, do signo a signo,   atravessado por um a mais de significa o, que d  uma dire o interpretativa genérica a todo conjunto” (GOMES, 2000, p. 54).

No jornalismo, a linguagem deve ser correta e de fácil acesso a todos. Ficando apenas no jornal impresso, destaca-se a necessidade de compreender que ele pode ser lido por diferentes classes sociais. Para que o jornalista tenha a capacidade de elaborar textos claros e concisos, como exige o jornalismo,   seu dever primeiro conhecer as regras gramaticais a fim de saber como us -las da melhor forma possível. Na comunica o e, conseqentemente, na linguagem utilizada por ela, o importante   fazer-se entender. “O melhor conhecedor do vernáculo, mas que tenha um estilo difícil e se utilize de palavras pouco conhecidas, não será, em tempo algum, bom jornalista” (ERBOLATO, 1991, p. 91).

Os termos precisos   que compõem a linguagem no jornalismo. Bahia (1990) acrescenta ainda o avaliável, o nítido, o referenci vel, o concreto sobre o abstrato, o direto sobre o figurado, a ênfase sobre a metáfora. Essas características também são apontadas por Erbolato (1991): linguagem simples, ordem direta, frases curtas, voz ativa, evitar adjetivos e ser simples. Ressalta-se o viés técnico pelo qual os dois autores tratam a linguagem.

Quando bem escrito, e com inten o clara, o texto jornalístico desperta no leitor diversos significados e faz com que ele atribua sentido ao acontecimento, por meio daquilo que foi escrito pelo jornalista. Ele se apresenta como um profissional influente na consciência crítica e social, como mostra Cotta (2005), justamente por fazer bom uso da palavra. O autor lembra, também, que assim como uma única frase pode ter muitos significados, um significado pode ser expresso em diversas frases diferentes. Ferrari e Sodré (1986, p. 9)

acrescentam que cabe ao jornalismo moderno usar sua força de forma sedutora: “nenhum rebuscamento estéril, nenhuma forma monótona de colocar-se entre o olhar do leitor e o fato restituído em sua veracidade”.

Com um olhar mais científico, Motta (2004, p. 124) considera que usar a linguagem não se trata apenas de fazer uso das palavras e sintaxes, mas também “ativar uma série de conhecimentos que as palavras evocam para os participantes do ato comunicativo e que não necessitam fazer-se explícitas”. Surgem, assim, significados provenientes da intencionalidade do jornalista e das interpretações feitas pelo leitor.

O uso da linguagem para atribuir valor ao acontecimento também é mencionado por Dines (1986). Para ele, de uma maneira geral, há um empobrecimento na linguagem jornalística, mas alguns jornalistas ainda procuram enriquecê-la. Dessa forma, fazem uso do processo analítico da semântica, que cria palavras e significados. Cita, ainda, a etimologia, que oferece ao jornalista o sentido mais profundo das palavras e o instrumentaliza a enriquecer o vocabulário.

Manchetes, títulos, textos, legendas, linhas de apoio: tudo faz parte do sistema linguístico jornalístico. Para Lage (2006), tem-se, aí, um dos sistemas simbólicos do jornalismo. Na produção jornalística, as restrições postas pela linguagem específica facilitam a operacionalidade da construção do texto e também o controle de qualidade do material produzido pelo jornalista. O autor destaca que a literatura também possui essas restrições. No entanto, diferente da literatura, no jornalismo a ênfase é deslocada para o conteúdo, para o que é dito (LAGE, 2006).

O jornalista serve-se, no dia a dia, da sua atividade profissional, dos códigos e regras extraídas do campo da linguagem. As mensagens articuladas na elaboração do texto são construídas a partir dos procedimentos de seleção e combinação. Para além dos códigos linguísticos, o jornalista também é regido por outras regras postas como na seleção de notícias, por meio dos critérios de noticiabilidade, e a forma como a pauta deve ser apurada, fazendo uso das fontes de informação.

3.2 Acontecimentos que serão notícia

O fazer jornalístico perpassa a escolha dos acontecimentos que virão a ser notícia. Trata-se de uma decisão calcada em diversos fatores como a política editorial do veículo de comunicação, a plataforma em que a notícia será veiculada e também o tipo de leitor/ouvinte/espectador do veículo. Há, ainda, uma lista de atributos que mudam de um

pesquisador para outro, os quais devem ser identificados no acontecimento para que ele seja digno de ser apurado e publicado. São os chamados critérios de noticiabilidade.

Para compreender a sistematização dos critérios de noticiabilidade, é preciso compreender, em um primeiro momento, o seu conceito. Entende-se noticiabilidade como o fator, ou fatores, que são capazes de guiar o processo de produção jornalístico, por meio da apuração das notícias. Vão desde as características dos fatos, os julgamentos pessoais do jornalista, condições favorecedoras ou limitantes da empresa de mídia, relação com as fontes e com o público, fatores éticos e as circunstâncias atuais da sociedade (SILVA, 2005). Os critérios de noticiabilidade, portanto, estão espalhados em todo o processo de produção.

Como se vê, esses critérios não podem ser tratados apenas como uma lista de atributos dos fatos. Traquina (2001, p. 94) entende que as notícias são resultados da transformação de uma matéria-prima, o acontecimento, em um produto. Esse processo seria o resultado de uma produção definida por ele como a “percepção”, a “seleção” e a “transformação” do fato inicial. Wolf (2009) também explica a noticiabilidade como um conjunto de fatores.

A noticiabilidade é constituída pelo conjunto de requisitos que se exigem dos acontecimentos – do ponto de vista da estrutura do trabalho nos órgãos de informação e do ponto de vista do profissionalismo dos jornalistas – para adquirirem a existência pública de notícias. (WOLF, 2009, p. 193).

No entanto, Silva (2005, p. 97), acredita ser “reducionista” conceituar noticiabilidade como uma série de elementos que guiam o trabalho dentro de uma empresa jornalística. Noticiabilidade seria a soma dos valores-notícia, que orientam a seleção primária dos fatos, o tratamento hierárquico, que considera a empresa e o formato do produto, e ainda as questões ético-epistemológicas (SILVA, 2005). Essa necessidade de seleção das notícias se dá em decorrência do grande volume de material, que pode se tornar jornalístico, e falta de espaço, ou tempo, para veicular todos eles.

As pesquisas em torno da seleção de notícias partem geralmente, como afirma Silva (2005), do conceito de *gatekeeper*. O termo passou a ser usado com o sentido de seletor de informações, de acordo com Kunczik (1997). No entanto, Tobias Peucer, em 1690, já discutia a importância de selecionar a informação, no sentido de elencar quais as características faziam dos acontecimentos merecedores de serem conhecidos pelo público. No texto que é considerado a primeira tese a tratar sobre jornalismo, Peucer indicou os acontecimentos que mereciam ser publicados:

Os prodígios, as monstruosidades, as obras ou os feitos maravilhosos e insólitos da natureza, da arte, as inundações ou as tempestades horrendas, os terremotos, os fenômenos descobertos ou detectados ultimamente fatos que têm sido mais

abundantes do que nunca neste século. Depois as diferentes formas de império, as mudanças, os movimentos, os afazeres da guerra e da paz, as estratégias, as novas leis, os julgamentos, os cargos políticos [...], as obras novas dos homens eruditos, as instituições, as desgraças, as mortes e centenas de coisas mais que façam referência à história natural, à história da sociedade, da Igreja, da literatura: tudo isto costuma ser narrado de forma embaralhada nos periódicos... (PEUCER, 2004, p. 21).

Como se pode ver, a necessidade de se estabelecer o que permitirá que um acontecimento se torne notícia é antiga. Para Tuchman (1983, p. 51), citado por Rodrigo Alsina (2009, p. 153), “a avaliação do que é noticiável é um fenômeno negociado, constituído pelas atividades de uma complexa burocracia criada para supervisionar a rede de informação”. Nesse sentido, um acontecimento é considerado como tal, em função de uma significação já existente (RODRIGO ALSINA, 2009). Ainda de acordo com autor, o noticiável nos acontecimentos é uma valorização assumida socialmente.

Considera-se, então, que os critérios de noticiabilidade são relativos, variam de acordo com as inúmeras circunstâncias. Erbolato (1991) exemplifica essa variação por meio de fatores como o tempo e espaço geográfico, assim como as questões empresariais já citadas. Com relação ao tempo, ele sugere que um acontecimento novo de ontem, já não tem o mesmo valor hoje, e ainda acontecimentos vinculados àquilo que ocorreu pela primeira ou última vez. Já quanto ao espaço geográfico, o que tem valor-notícia no Rio Grande do Sul, não necessariamente terá em Santa Catarina, por exemplo. No entanto, como lembra Wolf (2009, p. 193), “os critérios de relevância são, por um lado, flexíveis e variáveis quanto à mudança de certos parâmetros e, por outro, são sempre considerados em relação à forma de operar do organismo que faz a informação”.

Uma vez definida a noticiabilidade como o conjunto de elementos que guia a empresa jornalística na seleção do tipo de acontecimento que será noticiado, os valores-notícia podem ser definidos, como sugere Wolf (2009, p. 193), “como um componente da noticiabilidade”. Esses elementos são como respostas às questões feitas pelos meios de comunicação, no sentido de compreender quais fatos são suficientemente interessantes e relevantes para serem transformados em notícias.

Grande parte dos valores-notícia, elencados pelos autores, são uma interpretação daquilo que foi dito em 1690. Em geral, os autores elencam grandes listas que especificam um a um. Em geral, eles aparecem em mais de uma listagem, ou ainda, apontados por termos sinônimos. Silva (2005) organizou uma tabela com o resultado de uma avaliação desses atributos, inclusive aqueles apontados por Peucer. Veja:

Proposta de tabela de valores-notícia para operacionalizar análises de acontecimentos noticiáveis/noticiados	
IMPACTO Número de pessoas envolvidas (no fato) Número de pessoas afetadas (pelo fato) Grandes quantias (dinheiro)	PROEMINÊNCIA Notoriedade Celebridade Posição hierárquica Elite (indivíduo, instituição, país) Sucesso/Herói
CONFLITO Guerra Rivalidade Disputa Briga Greve Reivindicação	ENTRETENIMENTO/CURIOSIDADE Aventura Divertimento Esporte Comemoração
POLÊMICA Controvérsia Escândalo	CONHECIMENTO/CULTURA Descobertas Invenções Pesquisas Progresso Atividades e valores culturais Religião
RARIDADE Incomum Original Inusitado	PROXIMIDADE Geográfica Cultural
SURPRESA Inesperado	GOVERNO Interesse nacional Decisões e medidas Inaugurações Eleições Viagens Pronunciamentos
TRAGÉDIA/DRAMA Catástrofe Acidente Risco de morte e morte Violência/crime Suspense Emoção Interesse humano	JUSTIÇA Julgamentos Denúncias Investigações Apreensões Decisões judiciais Crimes

Fonte: SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos de jornalismo e mídia*, Florianópolis: Insular, v.2, p. 104-105, 2005.

Os valores-notícia mudam com o passar do tempo, não se trata de algo imutável. Aplicados em todas as etapas de produção jornalística, são um grupo de elementos constituído

e interiorizado pelos jornalistas. Eles adquirem o seu significado no processo produtivo, desempenham sua função e são tidos como norteadores que levam a uma escolha certa (PEREIRA JÚNIOR, 2001). Essa demarcação se dá dentro da compreensão de que a notícia é um produto social e deve atender as necessidades da sociedade e, como mostra Wolf (2009), possibilita a repetição do processo:

O rigor dos valores/notícia não é, pois, o de uma classificação abstracta, teoricamente coerente e organizada; é, antes, a lógica de uma tipificação que tem por objetivo atingir fins práticos de uma forma programada e que se destina, acima de tudo, a tornar possível a repetitividade de certos procedimentos. (WOLF, 2009, p. 197).

Um acontecimento normalmente deve conter mais de um valor-notícia para que seja selecionado. Rodrigo Alsina (2009, p. 160) propõe três hipóteses sobre a ação conjunta desses fatores. Na primeira, sugere a “agregação” dos valores, o que faria o fato ter uma importância maior. Na outra, a “complementariedade”, em que algum elemento seja insignificante, mas é compensado pela relevância do outro. E, por último, a “exclusão”, seleção e consequente descarte, devido ao acontecimento não atender a nenhum dos valores-notícia.

A conceituação e consequente delimitação dos valores-notícia são uma pequena parte para entender a noticiabilidade para além de um conceito limitado. A reflexão acerca do que é ou não notícia, do que pode, e deve ser trabalhado jornalisticamente, exige um estudo mais detalhado do processo como um todo. Questões relacionadas ao tratamento do fato noticioso, como a própria pauta, as fontes e a apuração também influenciam nesse contexto.

3.3 Pauta, fontes, apuração: a produção da notícia

A informação jornalística, depois de selecionada, passa por um processo de produção que perpassa a pauta propriamente dita, as fontes e a apuração feita pelo repórter. Rodrigo Alsina (2009) defende que esses três itens formam o eixo central na construção da realidade jornalística. Em um contexto em que a sociedade está cada vez mais voltada para o espetáculo e exposição na mídia, as ações sociais, de acordo com Henn (2002), na maioria das vezes são planejadas com o intuito de se transformarem em pautas para os jornais.

3.3.1 O planejamento da notícia

No jornalismo, a pauta destina-se ao planejamento de um texto noticioso e também a uma edição inteira. Em geral, ela guia o trabalho do jornalista, orientando-o sobre quais caminhos seguir. “A pauta é uma espécie de viagem para a interioridade das ocorrências na tentativa de despi-las desses círculos concêntricos e, ao mesmo tempo, projetá-la para os patamares da atualidade ou do futuro” (HENN, 1996, p. 85). É ela o componente-chave na primeira filtragem do “caos ecossistêmico”, afirma o autor. Uma vez que ela norteia os repórteres, a elaboração da pauta concentra grande poder dentro do sistema jornalístico.

A pauta é o fato que será transformado em notícia. Henn (1996) classifica os acontecimentos como a matéria bruta essencial ao jornalismo. Eles são selecionados e ordenados de acordo com regras e técnicas diversas, algumas já descritas anteriormente. “Existe na atividade jornalística, entre outras, uma tensão constante, cotidiana mesmo, traduzida em um jogo de ordem e desordem” (HENN, 1996, p. 59). O acontecimento é considerado por Rodrigo Alsina (2009), como um fenômeno social. Henn complementa a definição:

A definição do que é acontecimento passa necessariamente pela noção do que é noticiável. Porque ocorrências, nas sociedades, explodem aos milhões, mas somente algumas são interpretadas como tal e passíveis de serem transformadas em notícias. [...] É nela que se alinhavam os critérios de noticiabilidade e suas respectivas codificações, que se atualizam no fluir do tempo e nas especificidades de cada grupo social. (HENN, 1997, p. 70).

A figura do pauteiro aparece, nos grandes veículos, atrelada às pautas. Surge a figura de *gatekeeper*, “já que ela é o filtro inicial por onde se encaminham os acontecimentos rumo a noticiabilidade” (HENN, 1997, p. 76). Nesta linha, Wolf (2009) acredita que a hipótese de *agenda-setting* tem um impacto direto, embora não imediato, sobre os destinatários. Esse impacto se configuraria em dois níveis: a ordem como os assuntos se apresentam na agenda da mídia e a ordem de importância que se os elementos ocupam durante o dia.

Lage (2003) explica que as pautas normalmente são propostas a partir de fatos geradores de interesse, encarados de uma perspectiva editorial. A pauta passa, assim, pelo crivo dos critérios de noticiabilidade, sejam eles relacionados aos valores-notícia ou à política editorial da empresa jornalística. E também no que se refere ao filtro das fontes escolhidas e da forma de apuração.

3.3.2 Fontes de notícias

Na instância de produção jornalística são compreendidos os diversos profissionais integrados à cadeia jornalística e o componente fundamental é o jornalista (CHARAUDEAU, 2007). No entanto encontra limitações: ele não está presente em todos os lugares para presenciar os diversos acontecimentos. O profissional recorre às suas fontes, aquelas que fornecem dados sobre os fatos, seja por presenciarem algo ou ainda por deter determinadas informações.

Um dos primeiros estudos sobre fontes foi feito por Giber e Johnson (apud SCHMITZ, 2010), ainda que apresentem uma tipificação simples. Tiveram como objeto de pesquisa a prefeitura de Nova Iorque e consideraram, essencialmente, a fonte oficial. Essa classificação apresenta-se de forma frágil, uma vez considerada a variedade de fontes representativas. No entanto, Tobias Peucer (2004) já abordava a variedade e a credibilidade das fontes. “É preciso averiguar se quando um fato acontecido recentemente é anunciado imediatamente em locais diversos, é confirmado pelo testemunho de muitos” (PEUCER, 2004, p.20).

As fontes influenciam as decisões jornalísticas. Para Schmitz (2010), os jornalistas consultam as fontes conforme as necessidades de produção, considerando a proximidade delas, social e geograficamente, com o acontecimento. Ao citar Gans (1980), o autor explica que as fontes tentam informar o que lhes convêm e sob o ângulo que lhes interessa. Os jornalistas buscam os ângulos alternativos, normalmente escondidos pelas fontes.

As informações jornalísticas advêm de diversos tipos de fontes e, portanto, são plurais. Assim, as fontes são utilizadas pelos jornalistas no intuito de reforçar ou confirmar os fatos. Em decorrência da variedade de fontes, há um esforço dos pesquisadores no intuito de classificá-las. Chaparro (2009) propõe sete tipos: organizadas, informais, aliadas, de aferição, de referência, documentais e bibliográficas. Foi o autor que, mais recentemente, constituiu a ideia de que a fonte é um ator social observado, investigado e entrevistado pelo jornalista, como forma de obter informação.

Essa definição de fontes, proposta por Chaparro, foi ampliada por Pinto (2000). Para ele, as fontes podem ser pessoas ou instituições sociais, ou vestígios como documentos e dados.

As fontes remetem para posições e relações sociais, para interesses e pontos de vista, para quadros espaço-temporalmente situados. Em suma, as fontes a que os jornalistas recorrem ou que procuram os jornalistas são entidades interessadas, quer dizer, estão implicadas e desenvolvem a sua atividade a partir de estratégias e com táticas bem determinadas. (PINTO, 2000, p.278).

As fontes são como produtoras de notícia. Muitas vezes são elas que fazem um acontecimento ter valor para ser transformado em fato jornalístico. Para se fazer um bom jornalismo, de qualidade e credibilidade, é preciso um suporte informativo, no caso, as fontes de informação. Por serem produtoras, é essencial que, no momento de elaboração da pauta, as fontes sejam apresentadas. Henn (1996) afirma que essa indicação deve prever as fontes mais acessíveis e as que podem fornecer o maior número de informação. Essas seriam aquelas que têm condições de contextualizar o fato e interpretá-lo. Henn (2002) define o bom jornalismo como aquele que usufrui de uma grande rede de fontes. Essa seria uma condição para que a pauta, quando apurada, não se tornasse um emaranhado de dados oficiais e de interesse.

A relação fonte/repórter, portanto, é uma ponta de conectividade da redação com os demais sistemas e subsistemas que compõem o mundo circundante do jornalismo. Na outra ponta temos a relação com o público, que pode, em determinados momentos, viver o papel da fonte, até mesmo no sentido de pautar matérias. (HENN, 2002, p. 30).

Parte da credibilidade do trabalho jornalístico ou da empresa de comunicação tem uma relação direta na forma como ele utiliza das fontes. Para Lage (2003), o processo de comunicação começa justamente na representação formulada pela fonte sobre determinado acontecimento. Ele define fontes como aqueles que detêm informação. Ressalta-se que cada indivíduo envolvido na cadeia informativa compreende a realidade conforme seu próprio contexto social, na sua memória e experiências. As fontes desempenham um papel fundamental. Bahia (1990, p. 38) lembra que elas estão protegidas pela legislação democrática “que reconhece o sigilo, resguardando-as de qualquer violação”.

As fontes têm seu papel importante nas teorias do jornalismo, ainda que, como aponta Schmitz (2010), sejam desprezadas nesse campo. Elas interferem no jornalismo, uma vez que têm conhecimento sobre o seu funcionamento. Fontes e jornalistas são dependentes no processo de construção da notícia. De um lado, o profissional se vale do conhecimento da fonte para produzir o material noticioso, de outro, elas induzem o que será informado aos leitores.

Percebe-se, ao analisar os diferentes conceitos de fontes, que há uma grande variedade delas, sendo necessária a classificação para uma melhor compreensão. Chaparro (2009) fez essa classificação, assim como outros pesquisadores. Contudo, Schmitz (2010), baseado também em outros estudiosos, contribui com outra classificação, adotada nesta monografia. São elas:

- 1 Segundo a categoria: primária e secundária
- 2 Segundo o grupo: oficial, empresarial, institucional, individual, testemunhal, especializada e referência
- 3 Segundo a ação: proativa, ativa, passiva e reativa
- 4 Segundo o crédito: identificada e sigilosa
- 5 Segundo a qualificação: confiável, fidedigna e duvidosa.
(SCHMITZ, 2010).

As fontes de informação também têm seu interesse, seus objetivos. Sob um ponto de vista funcional e utilitário, Pinto (2000) tipifica essas motivações. Cita, entre elas, a visibilidade, a marcação da agenda pública e a imposição de determinados temas, neutralização de adversários e a criação de uma imagem pública positiva. De outro lado, os jornalistas buscariam certos benefícios como a informação inédita. Possibilitam, dessa forma, uma melhor apuração com a confirmação ou não de dados e a credibilidade e legitimidade das informações obtidas.

3.3.3 A apuração da notícia

Um texto jornalístico é constituído de informação, mas informação com veracidade, checada. Para isso é preciso uma exaustiva apuração. É necessário um contato direto com as fontes, por parte do repórter, para a apuração de uma pauta. Cotta (2005) orienta que o profissional deve procurar especialistas de cada área e ouvir as informações das fontes. Cruzar informações é outro ponto importante do processo de apuração e, se preciso, voltar a ouvir as fontes e buscar dados complementares. “A apuração é o mais importante para a notícia, da mesma forma como a notícia é o mais importante para o jornalismo” (BAHIA, 1990, p. 40).

Questionar, averiguar, esclarecer, desfazer-se das dúvidas, conhecer, buscar novas informações: é isso que faz a apuração no jornalismo. Não se pode deixar dúvida sem resposta. A notícia precisa fornecer, aos seus destinatários, o acontecimento de forma ampla e exata (BAHIA, 1990). Informações que no percurso parecem irrelevantes podem ser importantes no futuro. Assim,

no jornalismo, construir sentido é reduzir incertezas. Por que a realidade não pode ser contada aos outros por inteiro, noticiar é selecionar fatos para organizar um sentido. Cabe ao jornalista sedimentar uma realidade sólida para o público, sem enganá-lo com a falsa promessa de uma realidade “real”, pronta, acabada. Seu trabalho é ser categórico: um fato ocorreu deste jeito, não de outro. O real, no entanto, será o sentido que damos à massa caótica de estímulos que recebemos. (PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 70-71).

Trata-se do completo levantamento de dados sobre determinado acontecimento. Com um caráter padronizado, a apuração de notícias elegeu a entrevista como uma técnica jornalística. Ela introduz a pauta como condutora da ação do repórter e absorve as novas rotinas produtivas (SANTI, 2010). Falar em apuração jornalística é considerar, portanto, um conjunto de técnicas utilizadas pelos jornalistas como a observação, a entrevista e a pesquisa.

Há quem faça uma comparação entre a apuração jornalística e os métodos de pesquisa das ciências sociais. Meyer (apud SANTI, 2010) foi um desses pesquisadores. Ele propôs um jornalismo de precisão baseado nas concepções quantitativas dos métodos das ciências sociais. A intenção do pesquisador era de que um novo conjunto de ferramentas de apuração pudesse ampliar as possibilidades de apuração jornalística. Machado (apud SANTI, 2010) aponta as técnicas qualitativas de pesquisa como a etnografia, a observação participante e a entrevista em profundidade. Essas técnicas, se usadas, poderiam complementar o trabalho dos jornalistas.

Apesar de a apuração jornalística estar muito relacionada ao que alguém tem a dizer, é preciso salientar a importância da pesquisa em documentos. Segundo Lima (2009), o uso da documentação se dá por meio de coleta, exame e classificação de dados, disponíveis em diferentes meios. Cabe ao jornalista a sensibilidade de analisar o que e onde buscar. Recorre-se à documentação, geralmente, quando o jornalista, mesmo depois de cruzar as informações obtidas por meio das entrevistas, percebe que nem tudo está claro (LAGE, 2003). Porém, sabe-se da dificuldade dessas averiguações documentais, visto a falta de tempo hábil na apuração dos acontecimentos.

Apurar é confrontar evidências. O rigor na apuração deve ser considerado pelo viés de que cada afirmação feita em um texto jornalístico deve ser clara e exata. Assim como a linguagem, a pauta e as fontes, a apuração também pode ter diferenças de um meio de comunicação para outro. Por isso a proposta deste trabalho é analisar e comparar o discurso dos jornais Zero Hora e Diário de Santa Maria.

4 A COBERTURA JORNALÍSTICA DE UMA TRAGÉDIA

O jornalismo, como foi dito, é uma atividade dinâmica, mas nem por isso desorganizada. De igual modo foi mostrado, no capítulo 3, que o fazer jornalístico é permeado por pautas, critérios de noticiabilidade, fontes e formas de apuração. Ainda há as questões ligadas à estrutura dos textos e às linguagens. Isso sem mencionar as funções do jornalismo e suas responsabilidades éticas e morais. Neste contexto de fazer jornalismo, assuntos relacionados a tragédias costumam ser recorrentes. De acordo com Traquina (2005), o trágico desperta interesse do público desde os primórdios do jornalismo. O verbete é apresentado como

tragédia *s.f.* (sXV) 1 TEAT na antiga Grécia, peça em verso, em que figuram personagens ilustres ou heroicos e a ação, elevada, nobre e própria para suscitar o terror e a piedade, termina por um acontecimento funesto 2 TEAT peça, ger. em verso, cuja ação termina de ordinário por acontecimentos fatais 3 TEAT o gênero trágico 4 *fig.* Ocorrência ou acontecimento funesto que desperta piedade ou horror; catástrofe, desgraça. (HOUAISS, 2009, p. 1863).

A etimologia da palavra *tragédia* está, de certa forma, distante da compreensão que se tem hoje sobre o termo. Azevedo e Martins (2008) explicam que a ideia de tragédia foi ampliada em decorrência do desenvolvimento das manifestações literárias. Não se refere mais somente ao teatro. Agora passou a servir como sinônimo de situações em que o cotidiano é surpreendido por uma calamidade com grande abrangência social. Tragédia é hoje “como o acontecimento imprevisto e irreversível que transforma nossas vidas através do sofrimento. É um momento de espanto!” (CODATO apud SANTOS, 2002, p. 73). Fatos inesperados comovem e até aterrorizam a sociedade, muitas vezes, independente do número de vítimas, mas sim com relação à sequência e ao contexto do acontecimento.

Há quem aposte na teoria de que o jornalismo investe na cobertura de tragédias almejando aumentar a audiência, ou a atender àquele que seria o gosto do público leitor ou telespectador. Ou então

[...] se tem sangue, vira manchete, reza o antigo lema dos jornais populares e dos plantões jornalísticos de chamadas rápidas na tevê aos quais se reage com compaixão, ou indignação, ou excitação, ou aprovação, à medida que cada desgraça se apresenta. (HAZLITT apud SONTAG, 2003, p. 20).

A teoria mostra, no entanto, que a valorização da cobertura de acontecimentos dessa natureza não é recente. Traquina (2005) analisa três períodos históricos e encontra o valor-notícia tragédia em todos eles. O historiador Mitchell Stephens, nas primeiras décadas do século XVII, identificou o insólito como um dos principais valores-notícia. Destacavam-se os acontecimentos espantosos e extraordinários à época como catástrofes, milagres e feitiçarias.

No segundo momento analisado, período entre 1830 e 1840, predominavam os fatos sensacionalistas. Foi quando entrou em cena a *penny press* que priorizava matérias de interesse humano com ênfase no sensacionalismo. O último período analisado compreende o ano de 1967 e a década de 1970, onde se destacavam: “1) os crimes, escândalos e investigações; 2) os protestos violentos ou não, 3) os desastres; e 4) o insólito” (TRAQUINA, 2005, p. 68).

Cabe questionar o que leva as pessoas a terem interesse e curiosidade em assuntos trágicos, em histórias cruéis. Sontag (2003) escreve sobre esse suposto fascínio que os indivíduos têm pelo tormento alheio. William Hazlitt (apud SONTAG, 2003, p. 82) indaga sobre essa atração: “‘Por que sempre lemos, nos jornais, as notícias sobre incêndios pavorosos e assassinatos chocantes?’. Porque, responde ele, ‘o amor à maldade’, o amor à crueldade, é tão natural aos seres humanos quanto a solidariedade”.

Motta e Rublescki (2013) relacionam o termo tragédia com catástrofe. Utilizam o conceito de Ascêncio (2002, p. 49) para caracterizar o último verbete: “o que diferencia um acontecimento catastrófico de um não catastrófico seria a maneira como os sujeitos percebem e referenciam o acontecimento que mexe com sua estabilidade habitual”. Para as autoras, normalmente a tragédia se refere a um crime passional ou a um acontecimento com numerosas vítimas como o incêndio na Kiss, que levou a óbito 242 jovens.

O assunto, quando pesquisado na comunicação, normalmente está associado ao sensacionalismo, esse sim, bastante discutido na área. Sontag (2003) referencia o poeta francês Baudelaire (1860) para mostrar que suas observações ainda podem ser atuais.

É impossível passar os olhos por qualquer jornal, de qualquer dia, mês ou ano, sem descobrir em todas as linhas os traços mais pavorosos da perversidade humana [...]. Qualquer jornal, da primeira à última linha, nada mais é do que um tecido de horrores. Guerras, crimes, roubos, linchamentos, torturas, as façanhas malignas dos príncipes, das nações, de indivíduos particulares; uma orgia de atrocidade universal. E é com este aperitivo abominável que o homem civilizado diariamente rega o seu repasto matinal. (BAUDELAIRE apud SONTAG, 2003, p. 89-90).

Em situações inesperadas como as tragédias, o fazer jornalístico se modifica. O tempo normalmente é curto, a carga emocional é muito grande e as informações são confusas. Uma cobertura de tragédia é caracterizada pela dificuldade de apurar e de conseguir informações em um ambiente de caos onde nem as fontes oficiais são confiáveis (MOTTA; RUBLESCKI, 2013). Nesses casos, é recorrente o uso de personagens: aquelas figuras que dão seus testemunhos ou depoimentos e ilustram a matéria. Para Bill (2010), o uso do personagem legitima o trabalho jornalístico e retrata a imparcialidade opinativa do profissional.

Não há uma receita sobre como deve ser a cobertura de uma tragédia e assim como não há reflexões científicas sobre o que seria uma cobertura de tragédia ideal, a não ser o que toca o sensacionalismo, que não é objeto desta pesquisa. É preciso considerar os fatores atípicos desses trabalhos como o acontecimento inesperado, a falta de tempo e, muitas vezes, o caos que se instala no local do ocorrido. Se, de um lado, o material científico em torno do tema é quase inexistente, de outro, não é preciso uma pesquisa para saber que, em coberturas de tragédia, mais do que em qualquer outra cobertura jornalística, se deve prezar pela checagem e precisão da informação.

O material encontrado com relação ao tema nada mais é do que o testemunho de jornalistas que já trabalharam nessas situações. Rodrigo Lopes (2011), correspondente internacional do jornal *Zero Hora* e também integrante da equipe responsável pela cobertura no incêndio na *Boate Kiss* no dia 27 de janeiro de 2013, explica que para chegar à figura do personagem e conseguir elementos para contar a sua história, é preciso discrição. “Por isso é tão importante ouvir. Não apenas ver ou falar, mas ouvir” (LOPES, 2011, p. 18). E não somente o que as pessoas dizem, mas também a forma como dizem.

A agilidade necessária na cobertura de uma tragédia não permite uma pesquisa sobre o assunto a ser noticiado. Para Lopes (2011), o jornalista se prepara a vida inteira para esses momentos. São os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos que servem de base para o início dos trabalhos. Seja o que se aprendeu na escola, por meio das experiências vividas, ou ainda, pelo fato de saber que um jornalista deve estar sempre preparado para tratar do assunto que for. A emoção e a empatia também são fundamentais nesse processo.

No início deste ano, o incêndio na *Boate Kiss*, que ficou conhecido como a *Tragédia de Santa Maria*, levou muitos jornalistas a testarem esses conhecimentos adquiridos ao longo da vida. A pesquisa trata, nas próximas seções, um pouco da história dos jornais *Zero Hora* (ZH) e *Diário de Santa Maria* (DSM) e como ambos trabalharam na cobertura deste acontecimento. Vale ressaltar que, por ser um jornal de grande abrangência no Rio Grande do Sul, e também no país, ZH já noticiou inúmeras tragédias ao longo de sua história; por outro lado, o *Diário de Santa Maria* tem a responsabilidade de ser o principal veículo impresso de comunicação na cidade, e região, do incêndio.

4.1 O trabalho dos jornais *ZH* e *DSM* na cobertura do incêndio da Boate Kiss

Uma cobertura, no jornalismo, é o registro de algum fato, em determinado veículo de comunicação. Rabaça e Barbosa (2002) definem a cobertura jornalística como a apuração de um fato para transformá-lo em notícia. Ela pode ser feita de forma individual ou em equipe, quando o acontecimento exige apuração de informações de forma simultânea, como acontece em *tragédias*. Por meio do trabalho de cobertura, muitas vezes conjunto, *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria* produziram edições temáticas sobre o incêndio na *Kiss*. São objetos desta pesquisa seis textos publicados na edição do dia 28 de janeiro de 2013 por estes jornais. Pertencentes ao mesmo grupo, a Rede Brasil Sul (RBS), os impressos possuem trajetórias e públicos diferentes.

4.1.1 O grupo RBS no contexto da imprensa gaúcha

O Rio Grande do Sul tem suas peculiaridades, principalmente em questões relacionadas à valorização do local. Isso fez com que os sistemas de comunicação midiáticos se desenvolvessem com fortes vínculos locais e comprometidos principalmente com os interesses regionais (FACCIN, 2009). Boa parte das empresas de comunicação no Estado propõem-se a trabalhar a comunicação local. De acordo com o pesquisador, este modelo que supervaloriza o local, ao invés do nacional, tem como aliado os índices socioculturais do Rio Grande do Sul. Do ponto de vista mercadológico, favorece o desenvolvimento da empresa.

As empresas de comunicação no estado passam a existir de fato quando há uma fusão entre as empresas de jornalismo impresso e as de radiodifusão. Isso provoca o surgimento de grandes e médios conglomerados de comunicação (FACCIN, 2009). O primeiro grande grupo era o de Assis Chateaubriand, pertencente aos *Diários Associados* (SODRÉ, 1978). Atualmente, o maior grupo de comunicação do Sul do país é a RBS, criada a partir da compra da Rádio Gaúcha, em 1957.

O Grupo RBS, do qual fazem parte os jornais *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria*, opera no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina nas áreas de televisão, rádio, jornal, internet serviço de informação e uma fundação social. Conta com 18 emissoras de TV aberta - afiliadas à Globo -, 24 emissoras de rádio, 2 emissoras de televisão segmentada - TVCom de Porto Alegre e de Florianópolis -, 1 emissora segmentada focada no agronegócio - Canal Rural -, 8 jornais diários, 4 portais de internet, editora, gravadora, gráfica, empresa de logística, empresa de marketing e relacionamento para o público jovem, participação em

empresa móbil marketing e uma fundação de responsabilidade social - Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho. São mais de 6,5 mil colaboradores. O jornal com maior tiragem e consequente circulação é *Zero Hora*¹.

4.1.2 *Zero Hora*: o jornal dos gaúchos

A “vanguarda” do jornalismo gaúcho foi formada pelos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, mas o caráter regional passou a existir desde que o jornal *Zero Hora* foi adquirido por Maurício Sirotsky Sobrinho, em 1970 (FACCIN, 2009, p. 7). Este padrão de jornalismo regional pode ser identificado por meio das estratégias empresariais do respectivo impresso, bem como suas práticas discursivas ligadas ao contexto e mercado simbólico regional.

O jornal foi fundado em 4 de maio de 1964, em substituição ao jornal *Última Hora*, que era dirigido por Ary de Carvalho, fechado após o golpe militar, em março do mesmo ano (LOPES, 2007). A expressão “última” foi substituída por “zero”, no título do jornal. Para Faccin (2009, p. 8), discursivamente, essa mudança traduz a “funcionalidade das novas orientações do jornal no sentido de que todos os esforços do trabalho jornalístico deveriam convergir para garantir a liderança jornalística no Sul do Brasil em relação à circulação do próprio trabalho jornalístico”. A imagem do jornal passa a ser construída por meio de um discurso autorreferente. A primeira edição de *ZH* teve 24 páginas e foi impressa em uma rotativa terceirizada.

Zero Hora passou a pertencer ao Grupo RBS em 1970. Era liderado por Maurício Sirotsky Sobrinho e adotou uma nova linha editorial, na tentativa de ser economicamente viável. Ressalta-se que o jornal contrariou o fato de a fase moderna ter introduzido no jornalismo de referência do país o formato *standard*: *Zero Hora* manteve o formato tabloide. Apesar de o modelo *standard* ser considerado o formato dos jornais sérios, de maior credibilidade, *ZH* manteve o tabloide em decorrência da melhor adesão do modelo junto aos gaúchos, o que reforça seu viés regional. Essa atitude contrariou a tendência que associa os tabloides ao jornalismo sensacionalista (FACCIN, 2009).

O jornal líder em leitura no estado do Rio Grande do Sul foi o primeiro diário do Sul do país a adotar a tecnologia *off-set* de impressão, em 1969, o que tornou competitiva a área industrial da empresa (FACCIN, 2009). Além da superação financeira, o jornal *Zero Hora*

¹ Informações retirados do *site* do Grupo RBS. Disponível em: www.rbs.com.br. Acesso em: 1º out. 2013.

teve que enfrentar outros problemas. Em 1972 a rotativa ficou alagada durante uma enxurrada em Porto Alegre e a edição precisou ser impressa em uma gráfica. Naquela época, o jornal já circulava em todo o estado. Em 1973, a redação foi destruída por um incêndio, assim como o acervo fotográfico e das edições do antigo Última Hora. Na edição do dia seguinte, 29 de março, o jornal não mais contava as tragédias de terceiros, mas a sua própria (LOPES, 2007).

Em pouco tempo, o jornal já estava consolidado. De acordo com Lopes (2007), em 1980 era o mais lido na grande Porto Alegre, todos os dias da semana. Quatro anos depois, quando completou 20 anos, já era o quinto maior jornal do país com impressão de 3 milhões de exemplares por mês. O sistema eletrônico, que fez com que a redação abandonasse as máquinas de escrever e agilizasse a produção, foi introduzido em 1988. No ano seguinte, *ZH* contabilizava mais 30 mil assinantes e 130 mil exemplares por dia útil (LOPES, 2007).

Editado em Porto Alegre, *Zero Hora* é um dos jornais com maior circulação nacional, ocupando a 7ª posição. Com uma tiragem de 184.663 exemplares, possui as editorias Geral, Mundo, Economia, Polícia, Política, Esportes, Segundo Caderno e Opinião (RUBIN, 2011). Os cadernos são editados mensal ou semanalmente, somando 24 títulos. A equipe tem cerca de 120 profissionais entre repórteres, redatores, fotógrafos, diagramadores, subeditores, editores, chefes de reportagem, pauteiros, editorialistas, secretário de redação, editor-chefe (RUBIN, 2011).

Zero Hora tem como característica a valorização do regional. Para Faccin (2009), a consolidação da inserção regional do jornal ocorre com inúmeros movimentos da empresa. Ele destaca a implantação de novos jornais pelo Grupo RBS como o *Diário de Santa Maria* e a instalação de sucursais de *ZH* no interior do estado. Dessa forma, favorece a cobertura jornalística em todo o Rio Grande do Sul e dá visibilidade às diferentes regiões. Por essas características do jornal, a circulação nacional e a valorização do que é do estado, torna-se instigante a análise do discurso feito pela *Zero Hora* na cobertura do incêndio da *Boate Kiss*, comparado ao discurso do jornal *Diário de Santa Maria*, mas com características próprias e com sede na cidade do acontecimento.

A *ZH* costuma montar o que se chama de *força-tarefa de cobertura*. Lopes (2013)² explica que em situações atípicas, como no caso do incêndio da Kiss, os melhores repórteres de cada editoria se unem e trabalham juntos naquela cobertura. Com parte da equipe em Porto Alegre e parte em Santa Maria, a edição do dia 28 de janeiro, analisada por esta pesquisa,

² Rodrigo Lopes é editor de Geral da *Zero Hora*. Na cobertura do incêndio da Kiss, ele ainda exercia a função de editor de capa. Coordenou, junto a Marta Gleich, diretora de redação do jornal, os trabalhos via redação em Porto Alegre.

começou a ser organizada na tarde de domingo. A orientação dos editores aos repórteres era de textos sóbrios e respeitosos, que visassem esclarecer o fato aos leitores. Lopes (2013), que tem experiência em coberturas de tragédias como repórter (como no terremoto do Haiti, por exemplo), destaca a importância do trabalho da equipe que ficou na capital gaúcha. Para ele, o distanciamento emocional permitiu a organização dos trabalhos.

A cobertura da *ZH* seguiu três linhas específicas (VARGAS, 2013)³. As informações e fontes eram buscadas no intuito de abordar na edição de segunda-feira o atendimento das vítimas e das famílias dos que morreram, as investigações oficiais e o trabalho investigativo do jornal; e a cidade, o trauma, a busca da recuperação. Vargas (2013) destaca como função do jornal, naquele momento, informar da forma mais rápida e mais correta possível. Já Lopes (2013) diz acreditar na função social do jornalismo de, em um momento de dor como o incêndio em Santa Maria, ajudar as pessoas, por meio de informação, a superar aquele momento difícil.

A equipe de *Zero Hora* que estava em Santa Maria contou com a estrutura, e também equipe, do *Diário de Santa Maria*. Apesar de terem características específicas, por serem do mesmo grupo, os jornais acabaram trabalhando juntos ao longo do dia. No entanto, as edições dos jornais foram organizadas de forma individual, uma vez que o público leitor não era o mesmo, assim como a função do veículo impresso naquele momento.

4.1.3 *Diário de Santa Maria*: o jornal da região central do RS

O jornal *Diário de Santa Maria* é um dos 8 veículos impressos do Grupo RBS. Localizado em Santa Maria, no interior do Estado do Rio Grande do Sul, ele foi lançado em 19 de junho de 2002. O nome foi escolhido por meio de um concurso cultural e foi em cores desde a primeira edição. Exatamente três meses depois de começar a circular, o jornal ganhou um site, o diariosm.com.br. E, quatro meses depois do início do jornal, o *Classificados* passa a ser incluído nos fins de semana (FONTANA, 2013).

O *DSM* circula em 39 cidades gaúchas, em edições de segunda a sexta e edição única de fim de semana. De acordo com Fontana (2013), a circulação média diária do tabloide passa dos 20 mil exemplares. Além do *Primeiro Caderno* e dos *Classificados*, o jornal publica os cadernos *Variedades*, o *Diário 2* e uma revista de fim de semana, a *MIX*. Ao completar sete

³ Nilson Vargas é editor-executivo do jornal *Zero Hora*. Trabalhou na cobertura do incêndio da *Kiss* via Santa Maria.

anos, em 19 de junho de 2009, o *site* do jornal passou a ser atualizado 24 horas por dia e conta com mais de 500 mil visitas mensais.

No aniversário de 10 anos, em 2012, o jornal fez a última reforma gráfica e editorial, tanto no primeiro quanto no segundo caderno. A novidade ficou ancorada em cinco pilares: 1) Modernizar o projeto gráfico, tornando as páginas mais limpas e leves; 2) Qualificar a opinião do *DSM*; 3) Ampliar a prestação de serviço; 4) Valorizar a capa e a contracapa, portas de entrada de leitura; e 5) Desenvolver cada uma das editorias do jornal, com a mudança no comando de várias delas (FONTANA, 2013). Atualmente, o jornal é composto pelas editorias de Geral, Polícia, Diário da Região, Política, Economia, Esportes, Variedades e Online. A publicação conta com uma equipe de 31 profissionais, além de sete colunistas e sete cronistas fixos.

Se o jornal *Zero Hora* tem como característica a valorização do regional, com o *Diário de Santa Maria* não é diferente, embora a região do segundo seja o centro do Rio Grande do Sul, e não o estado como um todo. Ele é reconhecido pelo forte envolvimento com a comunidade onde atua. O *DSM*, apesar de ser uma publicação com pouco mais de dez anos, já é o jornal mais lido na região central do estado (FONTANA, 2013).

A cobertura do jornal *Diário de Santa Maria*, no incêndio da Kiss, mobilizou toda a redação antes das 6 horas (SPARREMBERG, 2013). Todas as editorias trabalharam juntas no episódio. A prioridade da manhã era abastecer o *site* com as primeiras informações. Para dar conta da demanda de trabalho, *freelas* de texto e foto foram contratados. De acordo com Sparremberg (2013)⁴, ao longo do dia jornais do país e do exterior ligavam para pedir textos e fotos, mas que essa demanda praticamente não pôde ser atendida em decorrência do volume de outras tarefas que o jornal já tinha a cumprir.

O principal objetivo do jornal era levar o máximo de informação checada aos leitores e ser um prestador de serviços. O que estava acontecendo e onde, como as pessoas poderiam ajudar, e o nome das vítimas, exemplifica Sparremberg (2013). Várias frentes de trabalho foram montadas e o número atualizado, e confirmado, de mortos era buscado a todo momento. As pautas que seriam trabalhadas na edição de segunda-feira, 28, foram decididas no início da tarde, mas não havia muito controle quanto o número de páginas da edição (SPARREMBERG, 2013).

⁴ Fabiana Sparremberg é editora-executiva do jornal *Diário de Santa Maria*. Substituiu a editora-chefe Andreia Fontana na coordenação dos trabalhos de cobertura da *Boate Kiss*.

O trabalho em conjunto com *ZH* facilitou em alguns aspectos, por terem uma equipe maior e mais experiente. Contudo, era preciso manter o foco da edição e saber separar esse trabalho: o que era interessante para um veículo não necessariamente era interessante para o outro (SPARREMBERG, 2013). Tradicionalmente a edição de segunda-feira no *DSM* possui 16 páginas. Nessa edição, que foi toda sobre o incêndio na Kiss, o número de páginas dobrou para 32.

Do trabalho desenvolvido naquele domingo, pode-se destacar a autonomia que o repórter precisou exercer, pois não havia tempo suficiente para consultar editores ou receber orientações (SPARREMBERG, 2013). Para a editora, cobrir a Kiss foi mais que cobrir uma guerra: demandou muito do jornalista, tanto profissional quanto emocionalmente.

5 INCÊNDIO NA KISS: PESQUISA E ANÁLISE DE DISCURSO

A pesquisa analisa a cobertura do incêndio na *Boate Kiss*, em Santa Maria, que levou 242 pessoas a óbito, feita pelos jornais *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria*, publicada nas edições do dia 28 de janeiro, um dia após o acontecimento. Para a análise, usou-se como base a análise de discurso (AD). Esse é o principal método de pesquisa, na intenção de compreender como ambos os jornais narraram os fatos daquele domingo, 27. E, assim, identificar se há semelhança entre os discursos, uma vez que ambos têm públicos distintos, sendo um jornal de circulação regional e outro estadual.

O principal objetivo desta pesquisa foi compreender o discurso dos dois jornais no episódio para depois compará-los. Para isso, o critério de seleção dos textos foram as pautas trabalhadas. Analisou-se o discurso de seis textos jornalísticos⁵, três de cada veículo. A opção por eles foi feita a fim de restringir o volume de material a ser analisado e para abordar três dos principais momentos do dia 27: o incêndio, a espera dos familiares por notícia e o início dos funerais. Entende-se que este recorte corresponde ao que foi o dia 27 de janeiro de 2013 em Santa Maria. Compreende-se, também, que se trata de um recorte feito dentro de edições temáticas, que em sua totalidade, sim, tratam do episódio como um todo.

Por meio de uma pesquisa qualitativa, foi feita uma revisão bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas com editores e repórteres dos jornais, a análise de discurso dos textos e ainda um estudo comparado entre os dois. As técnicas utilizadas buscam compreender a complexidade do objeto de estudo. De forma individual, ou em conjunto, esse trabalho faz uso dessas diversas técnicas de pesquisa no intuito de chegar a um resultado que responda aos questionamentos iniciais.

5.1 Pesquisa qualitativa: a interpretação da realidade

Para este trabalho, como já dito, optou-se pela pesquisa qualitativa. Até os anos 70, as pesquisas na área das ciências humanas e sociais, onde se encaixa o jornalismo e a comunicação social, eram sustentadas pela pesquisa quantitativa que prioriza os números e estatísticas (BAPTISTA, 1999). Contudo, as especificidades humanas motivaram uma metodologia própria para esse grupo, a pesquisa qualitativa. O uso dessa metodologia ocorreu em decorrência de que, por meio dela, foi possível abranger as especificidades do objeto de

⁵ ANEXOS A, B, C, D, E e F. Os textos do *Diário de Santa Maria*, por serem imagens da *web*, estão em baixa resolução. Para lê-los na íntegra, acesse <http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/geral/pagina/a-historia-da-tragedia-na-kiss.html>

estudo. Ela, portanto, foi a mais adequada, uma vez que este trabalho se estabelece na área das ciências sociais e a pesquisa qualitativa não analisa apenas números, mas visa obter dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos (EPSTEIN, 2006).

A pesquisa qualitativa evita números e trabalha com a interpretação da realidade social. Essas informações demandam do pesquisador criatividade e flexibilidade (GOLDENBERG, 2000). Essa metodologia mudou o entendimento de que para se conseguir resultados significativos fosse necessário ter como base a exatidão da estatística, presente na pesquisa quantitativa. "Portanto, as ciências sociais devem se preocupar com a compreensão de casos particulares e não com a formulação de leis generalizantes, como fazem as ciências naturais" (GOLDENBERG, 2000, p.19).

Entende-se que o conhecimento não é reduzido a dados isolados, mas a inúmeros fatores que juntos levam a uma compreensão. O objeto de pesquisa nas ciências sociais é possuído de significados e relações. As pesquisas qualitativas deixam de lado

a verificação das regularidades para se dedicarem à análise dos significados que os indivíduos dão às suas ações, no espaço que constroem as suas vidas e suas relações, ou seja, à compreensão do sentido dos atos e das decisões dos atores sociais, assim como dos vínculos das ações particulares com o contexto social mais amplo em que estas se dão. (BAPTISTA, 1999, p. 35).

Os dados da pesquisa qualitativa são colhidos de um contexto de relações, num processo de interação com os sujeitos (BAPTISTA, 1999). Essa metodologia fez parte, no início do século XX, da produção da Escola de Chicago, nos Estados Unidos. As fontes da pesquisa em torno dos problemas ligados à imigração, em geral, eram documentais. Boa parte dessa pesquisa foi coordenada por Robert Park, que exerceu a profissão de jornalista antes de ser docente em Chicago (GOLDENBERG, 2000). Park foi um dos primeiros pesquisadores a apontar o jornalismo como forma de conhecimento.

A figura do pesquisador que utiliza dessa metodologia também deve ser observada. Para Baptista (1999, p. 37), a acuidade inventiva dele é fundamental no processo. Trata-se de um "ativo descobridor do significado das ações e das relações que se ocultam nas estruturas sociais". A autora destaca a necessidade da constante ampliação do conhecimento do pesquisador e, também, uma reflexão crítica intensa com relação às teorias e às técnicas.

5.1.1 Pesquisa bibliográfica

Para o início deste trabalho foi preciso uma pesquisa bibliográfica. Por meio dela é possível mapear o que já foi estudado sobre o tema a fim de delimitá-lo. É possível identificar, selecionar e localizar documentos que sejam importantes para a contextualização da pesquisa. A pesquisa bibliográfica, em outras palavras, é

[...] um conjunto de procedimentos que visa identificar informações bibliográficas, selecionar os documentos pertinentes ao tema estudado e proceder à respectiva anotação ou fichamento das referências e dos dados dos documentos para que sejam posteriormente utilizados na redação de um trabalho acadêmico. (STUMPF, 2006, p. 54).

Essa necessidade surge para que o pesquisador possa identificar o material já existente e, assim, evitar esforços em problemas que já tenham sido solucionados (STUMPF, 2006). Dessa forma, será possível, por meio da pesquisa, analisar, criticar e discutir a prática de forma crítica e embasada. Trata-se de um trabalho contínuo que inicia na formulação do problema e segue até a finalização da pesquisa, quando a análise é feita. “Após a leitura do material disponível, o pesquisador organiza uma sequência de ideias lógicas para formar um quadro referencial teórico e conceitual que vai lhe oferecer elementos para o modelo de pesquisa escolhido” (STUMPF, 2006, p. 54).

A revisão bibliográfica partiu de conceitos amplos, como a definição do que é de fato jornalismo e qual sua função na sociedade. E ainda os objetivos e as funções do jornalista. Parte-se, então, para um plano um pouco mais restrito. Procurou-se entender a técnica jornalística – pauta, fontes e apuração -, os critérios de noticiabilidade. Os conceitos de linguagem e linguagem jornalística também foram revisados.

5.1.2 Pesquisa documental

Os documentos preservam a história. A análise documental se apresenta como uma base, um apoio para a pesquisa científica. Nesta pesquisa ela foi feita através do uso das edições do dia 28 de janeiro de 2013, uma segunda-feira, dos jornais *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria*. Edições que, vale destacar, foram temáticas e abordaram o incêndio na *Boate Kiss*, em Santa Maria. A edição de *ZH* foi adquirida pela pesquisadora no dia da publicação, já a do *DSM* foi buscada no acervo *online* de edições especiais do jornal. Muito utilizada em algumas áreas do conhecimento, a análise documental ainda é pouco utilizada na Comunicação.

[...] em parte por que construiu um recorte mais recente do campo científico, em constante e mutante processo de delimitação, o recurso de análise documental costuma ser utilizado no resgate da história de meios de comunicação, personagens ou períodos. As fontes mais comuns são os acervos impressos. (MOREIRA, 2006, p. 269-270).

A pesquisa documental qualifica o trabalho científico. No caso desta pesquisa, sem as edições dos jornais, a análise não seria possível. Moreira (2006) indica que se trata de uma das técnicas possíveis para isso. Apesar de a autora acreditar que se trata de uma técnica pouco usada, a análise documental está ligada às pesquisas em comunicação. Na fase inicial dos trabalhos foi preciso selecionar de forma criteriosa os recursos metodológicos que foram utilizados.

Frequentemente as fontes de análise documental são de origem secundária. São aquelas que constituem conhecimento, dados ou informação já organizados, a mídia impressa é um exemplo disso (MOREIRA, 2006). Deve-se observar que, além dos documentos, as entrevistas também são coletas de dados secundários que colaboram na construção do quadro de análise de discurso, proposta desta pesquisa.

5.1.3 Entrevista em profundidade e semiaberta

No decorrer da pesquisa foram realizadas entrevistas em profundidade com os editores da *Zero Hora* e do *Diário de Santa Maria*. Para a aplicação desta técnica, escolhe-se alguém que detenha as informações que o pesquisador deseja obter, no caso os editores, e se buscam as respostas a partir da experiência subjetiva do entrevistado (DUARTE, 2006). No momento da análise, a fala dos entrevistados, assim como a prática encontrada nos textos selecionados, é colocada em confronto com a teoria estudada.

Para Duarte (2006), o objetivo das entrevistas em profundidade está relacionado com a obtenção de elementos para compreensão de determinada situação. Esta técnica possibilita explorar e aprofundar o objeto de estudo, por meio da descrição de processos e fluxos, analisar e discutir circunstâncias. Ainda para o autor, é uma técnica dinâmica e flexível, útil para a compreensão de uma realidade, na qual o entrevistado está inserido.

Optou-se pela entrevista no formato semiaberto (ANEXO G), com um roteiro prévio. Nela utiliza-se um roteiro prévio de perguntas, onde

o pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. O roteiro exige poucas questões, mas suficientemente amplas para serem discutidas em profundidade sem que haja interferências entre elas ou redundâncias. A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador. (DUARTE, 2006, p. 66).

Num primeiro momento, selecionou-se um editor de cada jornal para que fossem entrevistados sobre a cobertura do incêndio na Kiss. Depois de um primeiro contato, percebeu-se a necessidade de conversar com outras pessoas envolvidas, no intuito de que mais questões referentes ao episódio e úteis a esta pesquisa pudessem ser respondidas. Desta forma, foi possível obter um relato consistente dos acontecimentos, de perspectivas diferentes de cada um dos jornais estudados. Santa Cruz do Sul tem fácil acesso a Porto Alegre e Santa Maria. No entanto, por questões de incompatibilidade de agenda, uma entrevista não foi realizada pessoalmente: foi preciso utilizar o *e-mail*, também, como instrumentos de coleta.

A entrevista ocorreu com a editora-executiva do jornal *Diário de Santa Maria*, Fabiana Sparremberg, na redação do jornal, em Santa Maria, no dia 9 de outubro de 2013. O primeiro contato foi feito com a editora-chefe, Andreia Fontana, mas ela estava em licença maternidade na época do incêndio, e a responsabilidade de coordenar a cobertura ficou a cargo de Fabiana Sparremberg. Já no jornal *Zero Hora* o contato inicial foi com Nilson Vargas, editor-chefe, que coordenou os trabalhos da *ZH* em Santa Maria. Esta entrevista foi feita por *e-mail*, depois de algumas tentativas de fazê-la por telefone. Percebeu-se a necessidade de ter um segundo olhar de um jornalista de *ZH*, que tivesse coordenado os trabalhos via Porto Alegre. Entrevistou-se, então, o editor de geral Rodrigo Lopes que, junto com a diretora de redação, Marta Gleich, coordenou os trabalhos de *ZH* via capital gaúcha. A entrevista com Rodrigo Lopes foi realizada na redação de *Zero Hora*, em Porto Alegre, no dia 8 de novembro.

Por meio desta técnica tentou-se entender os procedimentos no processo de cobertura dos fatos relacionados ao incêndio, que foram motivos de pauta e de produção de textos jornalísticos nos jornais *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria*. Pretendeu-se, com isto, compreender e ter mais clareza com relação ao material que foi publicado e da forma como foi editado e, assim, contrapor os dados coletados nos jornais, nas entrevistas e no referencial teórico para, então, compará-los.

5.1.4 Estudo comparado

A proposta desta pesquisa, além de analisar o discurso dos jornais *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria*, foi também comparar esses discursos, visto que são dois veículos impressos de um mesmo grupo de comunicação, ainda que com histórias e características distintas. Esta técnica de estudo comparado surgiu, de acordo com Machado (2010), a partir de estudos realizados por sociólogos, psicólogos e educadores, com contribuições das ciências sociais. O intuito de pesquisas comparadas era colocar em evidência as características estruturais dos periódicos.

No estudo comparado é possível descobrir irregularidades e transformações. Por meio dele, podem-se identificar continuidades ou descontinuidades, semelhanças e diferenças (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998). É preciso considerar, no entanto, as peculiaridades de cada um dos objetos a serem contrapostos. A aplicação desse método nas ciências sociais permite, de acordo com os autores, formular teorias que melhor expliquem o social e, por isso, trata-se de uma técnica importante nessa área. Seja isso em um estudo de um objeto específico ou de mais de uma situação, como foi o caso desta pesquisa.

Esta técnica pode se articular de diversas maneiras. Schneider e Schmitt (1998) consideram três perspectivas: a seleção de dois ou mais casos que possam ser comparados, a definição dos elementos a serem comparados e a generalização. Seguindo este conceito, para este estudo foram selecionados dois casos, as coberturas dos jornais *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria* no incêndio da Boate Kiss; e foram definidos os elementos, o discurso de três textos de cada jornal. Por isso, é importante considerar que a seleção dos fatos a serem comparados

não implica apenas na definição de recortes claramente delineados no tempo e no espaço, [...], mas, mais do que isso, na construção de instâncias empíricas capazes de reproduzir os aspectos essenciais dos fatos ou fenômenos investigados, selecionados e coligidas em totalidades coerentes. (SCHNEIDER; SCHMITT, 1998, p. 34).

Em alguns estudos, como este, as variáveis a serem comparadas derivam da análise dos próprios casos selecionados. Para Schneider e Schmitt (1998), a execução de um estudo comparado exige do pesquisador decisões metodológicas que são decisivas no resultado final da pesquisa, já que nem sempre conceitos e teorias estabelecem relações claras com o objeto estudado. A análise de discurso, nesse sentido, enriquece esta pesquisa.

5.2 Entre a ideologia e o texto: uma análise de discurso

A compreensão deste trabalho sobre a cobertura jornalística dos jornais *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria* teve como base os estudos da análise de discurso (AD) filiada à Escola Francesa⁶ além das técnicas já apresentadas. Maingueneau (1976), citado por Brandão (2004), explica que o campo dos estudos linguísticos, posteriormente chamado de discurso, foi aberto pelos formalistas russos. Por discursividade entende-se a apropriação da linguagem por um emissor. “A linguagem é um instrumento de comunicação que está sempre em atividade, seja nas relações cotidianas, coloquiais, seja nas interações institucionais, formais” (MANHÃES, 2006, p. 305). A AD consiste em desconstruir o texto para que se possa identificar de que forma ele foi construído.

Dizer e interpretar são movimentos de construção de sentidos, e, assim como o dizer, também o interpretar está afetado por sistemas de significação. A AD está preocupada com este movimento de instauração de sentidos, que exige compreender os modos de funcionamento de um discurso. (BENETTI, 2007, p. 109).

A AD filiada à Escola Francesa nasceu tendo como base a interdisciplinaridade e com uma articulação entre a linguística, o marxismo e a psicanálise. A análise de discurso foi influenciada por duas grandes vertentes por meio das quais Michel Pêcheux, principal pesquisador na área, criou suas próprias elaborações. São elas: os conceitos de Althusser e os de Foucault (BRANDÃO, 2004). A AD francesa se caracteriza pelo assujeitamento do emissor, que se expressaria por meio da incorporação de discursos sociais, como o jornalístico (MANHÃES, 2006).

Esta metodologia se apoia nos conceitos e métodos da linguística. No entanto, é preciso considerar, como aponta Maingueneau (1993), outras dimensões. Assim, devem ser considerados também o contexto em que o discurso é produzido e as relações históricas e sociais. Como complementa Brandão,

dessa forma, a linguagem passa a ser um fenômeno que deve ser estudado não só em relação ao seu sistema interno, enquanto formação linguística a exigir de seus usuários uma competência específica, mas também enquanto formação ideológica, que se manifesta através de uma competência socioideológica. (BRANDÃO, 2004, p. 17).

Principal forma de comunicação humana, o discurso é, portanto, o ponto de articulação dos processos ideológicos e dos fenômenos linguísticos (BRANDÃO, 2004). Não se trata, porém, de um sistema de ideias, nem de uma totalidade estratificada, como lembra

⁶ Outra linha de pesquisa da Análise de Discurso está filiada à Escola Russa, mas esta não foi utilizada neste trabalho.

Maingueneau (2008), ou algo que se possa fragmentar de uma forma mecânica. Trata-se, sim, de um sistema de regras que define a especificidade de uma enunciação e a intenção do autor nas entrelinhas desses enunciados.

O discurso é a mediação: a capacidade do homem de significar e significar-se. Já a AD pressupõe que o sujeito sempre deixa marcas, e é por meio destas marcas que é possível identificar a presença do sujeito e o modo como ele construiu o texto (MANHÃES, 2006). Desta forma, ela busca desvendar como o texto organiza gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido e, por isso, vai além do óbvio, daquilo que está posto.

Benetti (2007) define o discurso como fruto do trabalho de interação entre sujeitos, com característica dialógica e intersubjetiva, que inclui tanto o processo de dizer, quanto o processo de interpretar. Ele também representa algo em movimento, com relação à apropriação da linguagem (MANHÃES, 2006). O contexto em que um determinado enunciado for construído é que irá definir a significação. Uma mesma palavra ou expressão podem ter significados, ou interpretações, diferentes, dependendo do contexto em que estão inseridas.

A ideologia de um sujeito se concretiza no discurso. Para Brandão (2004, p. 46), ao analisar a articulação da ideologia no discurso, dois conceitos “tradicionais” devem ser considerados: o de formação ideológica (FI) e o de formação discursiva (FD). Ressaltam-se aqui as considerações de Gill (2002) que orientam para diferentes enfoques teóricos da AD.

É proveitoso pensar a análise de discurso como tendo quatro temas principais: uma preocupação com o discurso em si mesmo; uma visão da linguagem como construtiva (criadora) e construída; uma ênfase no discurso como uma forma de ação; e uma convicção na organização retórica do discurso. (GILL, 2002, p. 247).

A AD vai além do óbvio. Ela busca desvendar no texto a relação entre sujeito e sentido. O sentido, na AD, é fundamental. Canguilhem (1980, apud BRANDÃO, 2004) aponta três áreas do conhecimento na análise de discurso que envolvem a compreensão dos sentidos. São elas: a teoria da sintaxe e da enunciação, a teoria da ideologia e a teoria do discurso como determinação histórica dos processos de significação. O sujeito, por sua vez, pode ser identificado por meio da desconstrução do texto em vozes ou, como indica Brandão (2004), na identificação da polifonia.

Ao realizar a AD, o analista deve se perguntar o que significa cada termo e que interpretação ele proporciona. Ele deve ter uma leitura cuidadosa entre texto e contexto (ORLANDI, 1996). É fundamental, para que seja realizada uma boa pesquisa, que o analista tenha consciência da complexidade de seu objeto. Como indica Benetti (2007, p. 112), as

interpretações baseadas nas impressões do analista não são aceitáveis. “É preciso construir um quadro de FDs justificadas explicitamente pelos textos em análise”.

Para a realização da análise, é preciso enxergar a existência de duas camadas. A primeira, mais visível, é a discursiva, a segunda é a ideológica, que fica evidente quando se aplica o método (BENETTI, 2007). Análise inicia, portanto, a partir da identificação das formações discursivas.

Chamaremos, então, formação discursiva aquilo que, numa posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta das classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc). (PÊCHEUX, 1995, p. 60).

Dizer e interpretar são movimentos de construção de sentidos. Ambos são afetados por sistemas de significação. Sistemas formados pela língua, pela cultura, pela ideologia e pelo imaginário (BENETTI, 2007). As palavras são carregadas de sentido. A AD se preocupa justamente com isso: em compreender os modos de funcionamento do discurso. No entendimento da técnica existe um sentido construído no processo de interlocução e, por isto, o contexto é tão importante para este entendimento. Pêcheux, citado por Brandão (2004), diz que o sentido das palavras muda conforme a formação discursiva a que elas pertencem.

O discurso jornalístico é, ou deveria ser, plural, constituído por diversos sujeitos, por diversas vozes. De acordo com Benetti (2007), nos estudos jornalísticos de análise de discurso o não dito tem tanta força quanto o dito. Para a compreensão deste discurso, o analista precisa deter conhecimento sobre o assunto tratado. Para que assim, depois de mapear os sentidos, ele possa identificar a pluralidade de vozes e os sentidos silenciados, mas muitas vezes implícitos.

5.2.1 O sujeito e a criação do sentido na AD

Palavras e expressões podem ter diversos significados. Para que a sua ideologia esteja em evidência em um texto, o sujeito irá se apropriar da linguagem no intuito de melhor expressar o mundo pelo seu ponto de vista. Entre as marcas deixadas pelo sujeito, Manhães (2006) destaca os indicadores de pessoa, tempo e espaço e, ainda, a utilização de voz passiva ou ativa. O sujeito é essencialmente histórico e ideológico (BRANDÃO, 2004). Sua fala é produzida a partir de determinado lugar e de determinado tempo. É, ainda, um recorte de um contexto histórico e social.

Na análise de discurso o sujeito é concebido como tendo sua polaridade centrada ora no *eu* ora no *tu*, que se enriquece na relação dinâmica entre identidade e alteridade (BRANDÃO, 2004). É no espaço criado entre estes sujeitos que está o centro de interesse da AD, no espaço discursivo. A autora, ao citar Orlandi e Pêcheux, orienta para duas ideias básicas da análise de discurso. Na primeira, o sentido e o sujeito são constituídos no discurso, processados, simultaneamente, por meio da ideologia contida no texto. Já, na segunda, a ideia de um sujeito descentralizado, pois passa a integrar o funcionamento dos enunciados, mas, ainda assim, fundamental, visto que não existe discurso sem sujeito.

[...] sua fala é produzida a partir de um determinado lugar e de um determinado tempo, à concepção de um sujeito histórico articula-se outra noção fundamental: a de um sujeito ideológico. Sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social. (BRANDÃO, 2004, p. 59).

A Escola Francesa, como dito no **5.2**, caracteriza-se pelo assujeitamento do emissor. Neste quadro, o sujeito é determinado pela exterioridade na sua relação com os sentidos. Ele é, ao mesmo tempo, livre e submisso: se de um lado pode dizer tudo, de outro, depende do uso da língua para fazê-lo. O assujeitamento se faz, de acordo com Orlandi (2001), de um modo que o discurso apareça como instrumento do pensamento do sujeito e do reflexo da sua realidade.

Historicamente o sujeito está atrelado a uma reflexão da língua. Saussure, citado por Brandão (2004), estabelece a língua como um sistema abstrato, virtual ou potencial, sendo a fala a realização concreta da língua. Nela, segundo a autora, a categoria de demonstrativos passa a significar os atos de linguagem como adição e predicação e inclui o estudo dos pronomes e da subjetividade. O sujeito, neste contexto, aparece ocupando uma posição na linguagem: a de constituição da subjetividade.

A compreensão de que o sujeito se apropria da linguagem não apenas para se comunicar, mas também construir ações, se dá por meio da desconstrução do texto mediante a identificação de alguns indicadores. Manhães (2006) complementa que a forma como o sujeito expressa a sua voz e constrói o discurso materializam intenções e visam efeitos sociais. Evidencia-se que indicadores de tempo e de espaço, por exemplo, não necessariamente possuem o sentido dos advérbios os quais representam. Nos indicadores de pessoa, destaca o autor, o *eu* é a pessoa que assume a posição do sujeito do discurso no texto.

5.2.2 A construção do *corpus* da pesquisa e a interpretação na AD

Na análise de discurso, o *corpus* representa a delimitação com a qual o pesquisador vai trabalhar. A partir dos textos selecionados para o estudo, o analista delimita trechos de enunciados que sejam mais ou menos longos ou semelhantes no que toca a homogeneidade (MAZIÈRE, 2007). Para esta pesquisa foram selecionados seis textos publicados no dia 28 de janeiro de 2013: três pelo jornal *Zero Hora* e os outros três pelo jornal *Diário de Santa Maria*.

A opção deste primeiro recorte se deu em decorrência do entendimento da acadêmica acerca da relevância do primeiro dia de cobertura e ainda de que os textos selecionados representam, em síntese, o trabalho inicial dos jornais. Ainda fazem parte do *corpus* da pesquisa, as entrevistas realizadas e a pesquisa bibliográfica. Entende-se que o discurso jornalístico é constituído por uma pluralidade de textos, principalmente no caso desta pesquisa, em que eles foram retirados de edições temáticas. Isso acarreta diferentes formações discursivas. A partir da definição do *corpus*, o analista segue em direção à interpretação do discurso por meio dos métodos da AD e também a definir os aspectos a serem analisados.

O discurso é formado por uma teia de elementos e enunciados. Para Orlandi (2001), o analista deve interpretar e, neste ato, contrapor o dito com o não dito, o sentido das palavras e expressões e o que é dito em um lugar em contraposição do que é dito em outro. É possível identificar em todo enunciado um espaço de interpretação, onde se encontra a manifestação da ideologia e da produção de sentidos pelo sujeito (PÊCHEUX, 1995).

Descrição e interpretação se relacionam. Orlandi (2001) defende que a interpretação está presente em dois momentos da análise: num primeiro momento deve se considerar que a interpretação faz parte do objeto de análise, ou seja, o sujeito que fala e interpreta; e, num segundo momento, a compreensão de que não há descrição sem interpretação. A interpretação na AD dispõe de diferentes processos. Para esta pesquisa, optou-se por realizar a análise de discurso pelas técnicas de interpretação da polifonia, dito e não dito e silêncio.

5.2.3 Uma pluralidade de vozes: a polifonia

A polifonia foi trabalhada inicialmente por Bathkin na literatura. Posteriormente recebeu um tratado linguístico por Ducrot. Ela refere-se ao fato de um discurso ser atravessado por um discurso de outro, de uma fala ser atravessada pela fala de outro (BRANDÃO, 2004). A polifonia faz referência ao fato de os textos, na maioria das vezes, veicularem pontos de vista diferentes. Significa dizer que, ao longo do texto, um mesmo

sujeito pode ter vozes diferentes, em diferentes enunciados (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008).

Os estudos de Ducrot, citados por Maingueneau (1993), têm como objetivo central contestar a tese de que um único sujeito fala no discurso. O discurso, mostra Benetti (2007), é dialógico, mas não necessariamente polifônico. A análise da existência de polifonia no discurso jornalístico pode identificar, como indica a autora, que muitas vezes o jornalismo não é plural. Para isso é preciso fazer um mapeamento de vozes. Podem ser citados como vozes no jornalismo: as fontes, o jornalista-indivíduo que assina o texto, o jornalista instituição quando o texto não é assinado, o leitor que assina a carta publicada (BENETTI, 2007).

Para o estudo da AD no jornalismo, Benetti (2007) sugere a definição de polifonia proposta por Ducrot, que distingue locutor e enunciador. Em sua tese, Ducrot comporta duas ideias: a atribuição à enunciação de um ou vários sujeitos, que seriam sua origem; e a necessidade de se distinguir entre estes sujeitos pelo menos dois tipos de personagens, os locutores e os enunciadores (BRANDÃO, 2004).

Para compreender melhor a técnica, é preciso saber quais são as definições desses sujeitos. Ducrot (1987), citado por Brandão (2004), conceitua o locutor como alguém que é apresentado como responsável de determinado enunciado. Já os enunciadores são os responsáveis pelas vozes da enunciação. Maingueneau (1993, p. 77) complementa: “[...] efetivamente eles não falam, mas a enunciação permite expressar seu ponto de vista”.

Por exemplo, um texto jornalístico vai ter o locutor 1, o jornalista, e mais três fontes (L2, L3, L4). Compõe-se o quadro de quatro locutores neste texto. Supondo que todos apresentem o mesmo ponto de vista sobre o assunto tratado, haverá apenas um enunciador (E1). Brandão (2004) destaca que polifonia pode ocorrer tanto no nível do locutor, como no exemplo, quanto no do enunciador. Um texto com várias vozes, ou seja, vários locutores, pode ser, na realidade, monofônico, caso apenas um enunciador seja identificado. Além da identificação das vozes dentro dos textos, e conseqüentemente dos sentidos, há que se identificar nesta pesquisa o dito e o não dito e o silêncio.

5.2.4 O dito, o não dito e o silêncio

O entendimento de que os sentidos que constroem o discurso estão para além das palavras postas nos textos, traz consigo a reflexão acerca do sentido que as palavras ganham por meio do posicionamento em que são empregadas. É nas entrelinhas do discurso, no interdiscurso, no que há entre o dito e o não dito, que se encontram as formações discursivas.

O dizer e o não dizer têm sido estudado por alguns linguistas. Orlandi (2001) cita os estudos de Ducrot (1977) para explicar que o autor separa aquilo que deriva da instância da linguagem (pressuposto) do que dá em um contexto (subentendido).

A partir desta conceituação entende-se que o não dito está, em geral, implícito no dito. Ou seja, por meio do sentido que as palavras postas expressam, o não dito pode ser identificado por meio da interpretação do dito. “Essa teoria [...] desenvolveu-se aprofundando certas noções, modificando outras, mas mantém o fato de que o não-dito é subsidiário ao dito. De alguma forma, o complementa, acrescenta-se” (ORLANDI, 2001, p. 82).

Considera-se que no dizer sempre há um não dizer necessário. O não dizer, na análise de discurso, também pode ser trabalhado pelo silêncio. Orlandi (2001) aponta diferentes tipos de silêncio: o silêncio fundador, aquele que faz com que o dizer signifique; e o silenciamento, que se divide, ainda, em silêncio constitutivo e silêncio local. Na análise deve-se observar o que não está sendo dito ou aquilo que, no enunciado, não pode ser dito pelo locutor.

6 O DISCURSO COMPARADO DOS JORNAIS ZH E DSM

Os textos analisados nesta pesquisa integram edições temáticas sobre o incêndio na *Boate Kiss*. A edição de *Zero Hora* teve 56 páginas, enquanto a do *Diário de Santa Maria*, 32. As pautas, em ambos jornais, tratam de como o incêndio aconteceu, os sobreviventes, o lugar em que as vítimas estavam internadas, a busca dos familiares pelas vítimas, o reconhecimento dos corpos, investigações acerca das causas do incêndio, a lista com o nome dos mortos, o trabalho dos bombeiros, mensagens de apoio, a ida da presidente Dilma Rousseff a Santa Maria e muitos depoimentos e textos opinativos de colunistas e colaboradores. Como descrito no capítulo 5, os seis textos selecionados foram escolhidos no intuito de que, de alguma forma, eles pudessem dar conta de narrar o dia do incêndio.

Os textos apresentados a seguir foram numerados, com o objetivo de tornar a análise mais dinâmica. O primeiro texto de *Zero Hora* analisado não tem título. Nesta pesquisa ele foi chamado de *Santa Maria, 27/01/2013 (texto 1 – ZH)*, que consta no alto da página 4 onde foi publicado. Ele aborda o incêndio de forma generalizada: fala da festa que acontecia na *Boate Kiss*, como a maioria das pessoas escapou, o que levou tantas outras à morte e a necessidade de respostas para o que ocorreu. O do *Diário de Santa Maria, Jamais esqueceremos (texto 1 – DSM)*, publicado na página 4, segue a mesma linha. Ele cita, porém, outros momentos do dia 27, como as mensagens de apoio enviadas por governantes de diversos países e uma narrativa carregada de humanismo sobre o que aconteceu dentro e fora da *Kiss*. O texto menciona também os sobreviventes que voltaram para salvar os amigos e o cancelamento de eventos no Rio Grande do Sul.

Os outros dois textos selecionados tratam da espera dos familiares por notícias. O de *Zero Hora*, na página 10, *A pior notícia (texto 2 – ZH)*, foi assinado por Humberto Trezzi. O jornalista descreve a reação das pessoas ao saberem da morte de seus familiares e de um sistema solidário, e voluntário, que os amparava. No *DSM*, na página 24, em *Um vale de lágrimas (texto 2 – DSM)*, a descrição focou no cenário em torno do ginásio, onde os corpos foram identificados e também em alguns depoimentos: tanto dessa identificação, quanto também de jovens que, depois de saírem do local, voltaram à boate para resgatar os amigos.

Os dois últimos textos abordam os funerais e os primeiros sepultamentos. No texto de *ZH*, publicado na página 41, *Hora do adeus (texto 3 – ZH)*, falou-se sobre a organização para a realização dos velórios no ginásio e dos cemitérios, para que pudessem atender as famílias em meio a uma grande demanda de serviço funerário. O *DSM*, na página 9, em *A dura hora da despedida (texto 3 – DSM)*, além de abordar as mesmas questões, mencionou também os

funerais em outras cidades da região, para onde foram levados corpos das vítimas que não eram de Santa Maria.

A análise do discurso dos jornais *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria*, nos textos selecionados, seguiu alguns processos utilizados na Análise de Discurso filiada à Escola Francesa, apresentados no capítulo 5, aplicados nos próximos itens. Por discurso jornalístico se compreende aquilo que é dito sobre a realidade, a construção e a interpretação dos acontecimentos diários. Interpretar o discurso jornalístico é um desafio. Para Benetti (2007), é preciso compreender que a estrutura do texto surge de um movimento de forças exterior. Ele é apenas a parte visível de um processo que inicia na sociedade, na cultura, na ideologia e no imaginário.

A análise está estruturada em dois itens: a polifonia e o dito, não-dito e silêncio. Os textos dos dois jornais foram analisados juntos, sem separação de veículos por tópicos, mas sempre com a origem destacada pela numeração já especificada. Eles nem sempre seguem a ordem crescente de numeração, visto suas semelhanças ou diferenças nos dois aspectos analisados. Cada um dos itens é finalizado com a comparação entre os dois discursos.

6.1 A pluralidade de vozes na cobertura do incêndio da Boate Kiss

O discurso só é discurso quando aquilo que está sendo dito é atribuído à responsabilidade de um sujeito que manifesta a sua ideologia acerca do que está dizendo (MAINGUENEAU, 2001). Apesar de sujeito e locutor terem conceituações diferentes, o primeiro sempre vai ter uma voz dentro do texto e, portanto, também irá cumprir o papel de locutor. Na polifonia, o intuito é mostrar que em um único discurso pode haver outros tantos discursos, constituídos por meio de diferentes vozes. No jornalismo, essa pluralidade deve ser constituída por meio das fontes. Nesse sentido, pode-se afirmar a pluralidade do jornalismo, já que se sabe da importância do uso de fontes para dar credibilidade àquilo que está sendo dito pelos veículos de comunicação (SCHMITZ, 2010). É essa existência, ou não, de vozes, que é analisada nos itens a seguir.

Para compreender se determinado texto é polifônico ou monofônico, é preciso identificar as vozes que constituem o discurso. Em geral, as matérias jornalísticas devem apontar divergências de opiniões, construídas por meio da enunciação de diferentes fontes. No **texto 1 - ZH**, uma vez que não consta assinatura, de acordo com a prática jornalística, a responsabilidade do texto passa a ser dos editores. É deles a voz principal do texto. De acordo com o princípio de autoria, defendido por Orlandi (2001, p. 78), na representação do sujeito

como autor, que se cobra ser tanto a origem, quanto a fonte, do discurso. Essa mesma situação, de não constar assinatura no texto, também é observada no **texto 3 - ZH**. Lopes (2013) justifica esse fato:

Nós colocamos um repórter na redação aqui em Porto Alegre para compilar tudo o que tinha acontecido e tudo o que ele estava lendo. Às vezes entrava alguma informação pela rádio de alguma coisa, às vezes entrava uma notícia pela internet e fica tudo muito picotado. O repórter, lá em Santa Maria, não vai escrever um texto. Ele vai ligar para a redação com as informações e declarações que conseguiu. E o jornalista aqui, junta tudo e faz um texto, mais completo. Nessas horas não tem como o repórter que está lá, parar, e ‘agora vou escrever o texto’.

No *Diário de Santa Maria*, o **texto 2 – DSM** e o **texto 3- DSM** também não foram assinados. Sparremberg (2013) explicou que, ao longo do dia, muitas informações chegavam à redação e, posteriormente, elas foram compiladas. Essas afirmações dos editores, tanto de *ZH* quanto do *DSM*, auxiliaram na compreensão das vozes que compõem os textos. Permitiu que, mesmo que a origem da informação não fosse mencionada, os locutores fossem identificados. Junto a isto, a revisão bibliográfica no capítulo **3** sobre a técnica jornalística, assim como o que se conhece da prática, possibilitou que a acadêmica identificasse as fontes.

O que se observou no **texto 1 – ZH** foi a ausência de citação das fontes, de forma ainda mais evidente do que nos outros textos, que citam uma ou outra. Claramente, pessoas foram consultadas para obter as informações que constam no texto, mas não há indicação dessa origem. Mesmo assim, foi possível identificar os diferentes locutores. Observou-se, no parágrafo 1, a presença de dois locutores, grifados no texto, sendo **L1** o responsável pelo texto, o sujeito, e **L2** e **L3**, fontes consultadas. Pressupõe-se que **L2** seja uma fonte especializada (SCHIMITZ, 2010), como os bombeiros, por exemplo, que poderiam deter esse tipo de informação. Já **L3**, uma fonte referência, caracterizada pela pesquisa em arquivo (SCHMITZ, 2010).

O Rio Grande do Sul despertou ontem dentro do pior dos pesadelos. Um pesadelo do qual não era possível acordar. O absurdo tornou-se realidade. O mundo estava sangrando por Santa Maria (**L1**). Havia 233 mortos e mais de uma centena de feridos no incêndio na Boate Kiss, no centro da cidade (**L2**) – a maior tragédia que o Estado já teve de enfrentar (**L3**).

O locutor, como dito no capítulo **5**, pode ser identificado por variadas marcas, sejam elas o jornalista que assina ou não assina (e repassa a identificação ao veículo), a fonte citada ou não citada (BENETTI, 2007). Ao longo do texto, outros locutores puderam ser identificados, em meio à enunciação de **L1**. O **L4** classificou-se como uma fonte testemunhal

(SCHMITZ, 2010), aquela que detém informação por ter presenciado o fato, no caso, algum sobrevivente do incêndio.

Pouco depois das 2h, durante uma apresentação do grupo musical Gurizada Fandangueira, um sinalizador lançado como parte do espetáculo fez arder a espuma para isolamento acústico que reveste o teto da boate. [...]. Eram centenas de rapazes e moças no local, talvez mais de mil. [...] eles só tinham uma chance de viver: alcançar a única porta do estabelecimento, com cerca de dois metros de largura (**L4**).

Observou-se também a presença de mais uma fonte especializada (SCHMITZ, 2010), como no trecho a seguir, em que se pode identificar a voz de alguém que teve contato ao atendimento às vítimas do incêndio. “[...] A maior parte das mortes ocorreu por asfixia [...]. É possível que parte dos mortos tenha sido pisoteada. Alguns queimaram” (**L5**). Destacaram-se ainda as evidências de duas fontes oficiais, **L6a e L6b** (LAGE, 2003).

[...] Fez a presidente Dilma Rousseff cancelar seus compromissos no Chile e voar a Santa Maria para prestar solidariedade (**L6a**). Motivou o governador Tarso Genro a decretar sete dias de luto oficial (**L6b**). Pôs um fato local nas manchetes da imprensa internacional (**L1**) [...].

Há uma pluralidade de locutores no primeiro texto selecionado de *ZH*. Porém, observou-se apenas um enunciador. Diferente dos locutores, eles expressam seu ponto de vista, sua posição e sua atitude por meio da enunciação, sem necessariamente falarem. Eles expõem um posicionamento em relação ao acontecimento observado (BRANDÃO, 2012). O **E1** do texto apresentou uma cidade do interior do Rio Grande do Sul de luto, em decorrência do incêndio que matou - até o momento em que o texto foi escrito - 233 jovens e constrói um cenário de horror. “Converteu o Rio Grande do Sul, desde a madrugada de ontem, no lugar com maior concentração de tristeza do mundo” (**E1**).

O **texto 2 – ZH**, diferente dos outros dois, foi assinado. Quem o assina e, conseqüentemente, assume a responsabilidade de sujeito locutor 1 do texto, é o jornalista Humberto Trezzi. Benetti (2007) lembra, porém, que mesmo quando o texto é assinado, o veículo de comunicação possui responsabilidade pelo que é publicado. Tem-se, assim, o **L1**. Nesse caso analisado o sujeito cita as fontes e dá voz a elas, o que pressupõe um discurso polifônico. “Muitas vezes, colocar uma unidade entre aspas significa transferir a responsabilidade de seu emprego a outra pessoa” (MAINGUENEAU, 2001, 161). Em *Zero Hora* o uso de aspas é substituído pelo travessão.

- Médico, médico! – gritam desesperados, os parentes da senhora, que acaba de reconhecer o filho de 20 anos como um dos mais de 200 mortos na tragédia da danceteria Kiss (**L2**).

- Meu filho, meu filho! Eu quero meu filho, tragam meu filho de volta! (**L3**).

- O Exército me convocou. Eu não estava de plantão, mas tinha de ajudar. Conheço gente que estava na boate (**L4**).

L2 e **L3** são vozes que também apareceram em outros enunciados, construídos por **L1**, mas em forma de citação indireta.

Tia e madrinha do rapaz cuja mãe se desesperava, uma comerciária de 48 anos, mal conseguia falar. Ela e o marido reconheceram o jovem em meio à montanha de corpos [...]. Inconfundível, porque estava pilchado, “gaudério” como sempre foi. Tanto que tinha ido à boate, como sempre fazia, para curtir um grupo de fandango (**L2**).

Nesse segundo texto analisado, o jornalista que assina a matéria, além de ser o sujeito do texto (**L1**), também é fonte, o que o configura como **L5**, pois se enquadra no que Charaudeau (2007) classifica como fonte interna, neste caso, um enviado especial. Dessa forma o jornalista também é testemunha de determinado acontecimento, no caso do texto, do que acontecia dentro do Centro Desportivo Municipal, em Santa Maria, onde era feito o reconhecimento dos corpos.

[...] Assim como não voltarão dezenas de jovens cujos parentes tinham, desde o final da manhã de ontem, a missão de identificar as vítimas do incêndio [...] (**L1**). O ginásio parece um formigueiro. A confusão era tanta que mesmo quem queria ajudar tinha de ter crachá para passar por uma sólida barreira formada por PMs do Batalhão de Operações Especiais de Santa Maria (**L5**).

No trecho a seguir, identificou-se o último locutor do **texto 2 – ZH**. Entendeu-se que, mesmo sendo o jornalista uma fonte testemunha, as informações que constam nesse enunciado não seriam obtidas apenas pela observação, elas certamente vieram de uma fonte relacionada ao Comitê de Crise, instaurado no ginásio onde estava o jornalista. Sendo assim, uma fonte institucional (SCHMITZ, 2010). “[...] tomado por centenas de voluntários que acorreram ao chamado de ajuda feito por meio de rádios. Além de médicos e psicólogos, compareceram assistentes sociais, enfermeiros, soldados e policiais. [...]” (**L6**).

No que toca à identificação de enunciadores, mais uma vez diferente do texto anterior, há uma pluralidade deles. Identificaram-se dois enunciadores. Um apresenta um cenário de caos, dor e sofrimento no Centro Desportivo Municipal. O outro, pelo contrário, destaca a rede de solidariedade formada por voluntários que foram até o local para ajudar no que fosse possível, desde atendimento aos familiares e amigos dos mortos até cuidar das doações que chegavam e fazer exames nos corpos.

A maioria dos voluntários nem conhecia vítimas e, mesmo assim, se dispôs a sair do conforto caseiro para o cenário de guerra em que se transformou o centro de Santa Maria na madrugada de domingo (**E2**). [...] Gritos, lágrimas e desmaios se sucediam, em sequência (**E1**).

Um discurso só é polifônico quando mais de um enunciador é identificado. E no jornalismo só há pluralidade e diversidade quando o discurso for efetivamente polifônico (BENETTI, 2007). No caso analisado, a complexidade fica pelo fato de **E1** e **E2** serem perspectivas diferentes de um mesmo locutor, **L5**. Portanto, tem-se um discurso polifônico no **texto 2 - ZH**. Essa variante dos enunciadores vai ao encontro daquilo que diz a teoria, sobre o jornalismo ser uma representação da realidade. Para Chaparro (2009, p. 3), o jornalismo só se aproxima de fato dos conceitos e do processo do conhecimento, se souber usar os diversos tipos de fontes em “combinações inteligentes”.

No **texto 3 - ZH**, o quadro do primeiro texto se repetiu. Identificou-se apenas um enunciador (**E1**) entre os locutores. Esse enunciador é o sujeito que diz que o caos gerado pelo incêndio na Kiss, em Santa Maria, no início da manhã, se estende até o final do dia e a manhã de segunda-feira, em decorrência da falta de estrutura para a realização de tantos velórios e enterros. Dessa forma, o texto se caracterizou como monofônico, pois apenas um ponto de vista foi apresentado. No entanto, vários locutores foram identificados.

Os corpos das vítimas do incêndio [...] ainda eram reconhecidos quando, no mesmo local [...], já se iniciava o velório coletivo de alguns dos mortos (**L1**) da maior tragédia do Rio Grande do Sul (**L2**).

Por volta das 16h30min, dois caixões que, segundo informações, eram de duas jovens, já esperavam os familiares (**L3**) para a longa noite e dolorosa noite que marcará para sempre centenas de famílias (**L4**).

O trabalho também foi dobrado para funerárias da região, que tiveram de pedir reforço para atender a grande quantidade de pedidos (**L5**).

- Foi essa a solução que encontramos para facilitar as pessoas sem local de fazer o velório (**L6**).

[...] muitos familiares decidiram procurar outros locais para a realização das cerimônias ou enterrar as vítimas nas cidades de onde eram provenientes (**L7**).

- Decidimos montar esta força-tarefa para dar conta da procura que começou desde cedo (**L8**).

- Começaremos os enterros às 7h, e serão realizados a cada meia hora, que é o tempo necessário para a cerimônia (**L9**).

Cerimônias estão marcadas em Ijuí, Cruz Alta, Palmeira das Missões, entre outros municípios (**L10**).

Os locutores mencionados são vozes que emergem a partir da identificação das fontes que, como afirma Pinto (2000), não precisam necessariamente ser pessoas, podem ser também instituições sociais, documentos ou dados. A informação fornecida por **L2**, por exemplo, certamente provém de uma fonte de dados. Já **L7** enquadra-se naquilo que Schmitz (2010) classifica como fonte individual. No caso de **L1**, deve tratar-se de algum representante do Comitê de Crise, assim como **L3**, o que os caracterizou como fontes institucionais. O sujeito do discurso, que nos textos anteriores era marcado pelo locutor 1, neste, apareceu como **L4**: é ele que dá voz às fontes. **L5** e **L10** têm origem semelhante, visto que são informações de fora de Santa Maria. Se, de um lado, algumas fontes não foram mencionadas, de outro, o sujeito do texto, neste caso **L4**, apresenta de quem são as vozes, como ocorre com **L8** e **L9**, que são representantes de dois cemitérios da cidade.

Se pelo viés dos enunciadores o texto é um falso plural (BENETTI, 2007), por outro lado, no que toca à identificação das vozes dos locutores, há sim uma polifonia. Para Brandão (2004), ela pode ocorrer tanto no nível do locutor quanto no do enunciador. Assim, pode-se afirmar que, de acordo com o que defende a autora, os três textos de *ZH* são polifônicos, pois apresentam mais de um locutor nos seus enunciados. Já pela perspectiva de Benetti (2007), que concentra seus estudos de AD no jornalismo, apenas um texto é polifônico e os outros falsamente plurais, ou monofônicos, já que, apesar de apresentarem inúmeros locutores, eles possuem um enunciador, aquele sujeito da consciência.

A informação jornalística é plural, tem origem nos diferentes tipos de fontes, “que o jornalista utiliza com o propósito de reforçar ou confirmar a verdade no relato dos fatos” (SCHMITZ, 2010, p. 6). Foi o que se observou no **texto 1 – DSM**. Assim como o **texto 2 - ZH**, ele é assinado. Quem se responsabiliza pelo sujeito do texto, pela voz principal, é a jornalista Tatiana Py Dutra. Responsabilidade esta que não assume sozinha, mas junto com o *Diário de Santa Maria*, como foi citado anteriormente por Benetti (2007). A autora não mencionou a origem das informações, nos mesmos moldes do **texto 1 – ZH**, e escreveu o texto em primeira pessoa. Ela tomou para si a responsabilidade de reforçar o cenário de luto em que estava Santa Maria, ainda que não tenha se colocado como uma testemunha do ocorrido.

A objetividade é uma característica do jornalismo bastante questionada pelos teóricos. De um lado estão os que defendem que o jornalista deve se manter neutro, de outro, os que dizem ser impossível separar a pauta do jornalista que a está vivendo. Para Kunczik (1997), uma conceituação não exclui a outra. Já para Traquina (2001), o jornalista deve ser cauteloso e não emitir opinião. Rossi (1984) diz ser inviável exigir que os jornalistas se portem

assépticos diante dos acontecimentos. O fato é que o *DSM* arriscou um texto um pouco revista, um pouco editorial.

Santa Maria tinha mais Vinicius, Joãos, Augustos, Marias, Julianas, Brunas, Gabrielas... Sem eles, somos menos. Menos felizes, mais vazios, mais doloridos (**L1**).

No texto há uma voz que diz que o incêndio na Boate Kiss é “a maior tragédia da história do Rio Grande do Sul e a segunda maior do país”. Identificou-se, aqui, o **L2**, uma fonte referência. Na sequência, surgiu o **L3**, como uma fonte oficial, relacionada com a Presidência da República. “Governos de 10 países enviaram condolências oficiais à presidente Dilma Rousseff – que interrompeu viagem ao Chile para vir a Santa Maria, acompanhada do governador, Tarso Genro”. Identificou-se também nesse texto a voz de testemunhas, que narram como o incêndio iniciou dentro da Kiss e a sequência dos fatos. Tem-se, então o locutor 4.

[...] um incêndio que, segundo testemunhas, começou com uma brincadeira sobre o palco. Por volta das 2h30min, um dos músicos teria acionado uma espécie de sinalizador e uma fagulha teria alcançado o revestimento acústico da casa noturna, iniciando um incêndio que teria se alastrado rápido, mas não o suficiente para ser percebido pelos agentes de segurança que ficavam à distância, na porta da frente. Os primeiros a correr para a rua teriam encontrado a porta fechada (**L4**).

No intuito de fundamentar o que é dito na notícia, o jornalista recorre aos diferentes tipos de fontes, como se analisou nos textos anteriores. A fonte individual, classificada por Schmitz (2010), é um exemplo disso. No **texto 1 – DSM**, ela foi representada no **L5a**. “Segundo a família, o militar Leonardo Silva Machado, 26 anos, salvou a mulher das chamas e da fumaça e retornou à boate para resgatar outras vítimas”. Trata-se de um relato isolado, mas que ilustra o fato noticiado. Também foram classificadas de **L5b** e **L5c**, por terem a mesma função, mas representarem vozes distintas.

[...] dezenas foram pisoteados. Ficaram no chão. Com eles, os frequentadores que inalaram muita da fumaça tóxica que se desprendia do revestimento de isopor e gesso. Muitos perderam a vida ali (**L5b**). [...] Houve quem fosse para as frentes de hospitais e do Centro Desportivo Municipal (CDM) para oferecer ajuda, um copo d’água, um ombro amigo, uma oração (**L5c**).

As fontes oficiais, por sua vez, possuem elementos de Relações Públicas. Elas lançam comunicados e convocam entrevistas coletivas e geram publicidade positiva (SANTOS, 2003). Foram encontradas cinco dessas fontes no texto. Elas apresentam informações oficiais de instituições distintas. Mais uma vez optou-se por caracterizá-las pelo mesmo número, mas com o indicativo de que são vozes de origens diferentes.

O prefeito Cezar Schirmer decretou luto oficial de 30 dias no município (**L7a**). A 11ª edição do Santa Maria Vídeo e Cinema (SMVC) começaria hoje. Foi cancelada (**L7b**). A rodada do Campeonato Gaúcho ontem, foi suspensa (**L7c**), assim como o concurso Garota Verão em Itaara, Mata e São João do Polêsine (**L7d**). O Planeta Atlântida, que ocorreria nos dias 1º e 2 de fevereiro, na praia de Atlântida, também está suspenso (**L7e**).

Na mesma linha dos textos anteriores, o **texto 1 – DSM** apresenta a voz de **E1** como aquela que narra uma história de dor e sofrimento. Mais do que isso, esse enunciador se coloca como parte dos que sofrem pelo acontecimento. “E isso dói. O sofrimento é nosso, de pais, mães, irmãos, amigos. Do mundo que voltou os olhos para Santa Maria ontem com assombro e tristeza”. Contudo, identificou-se um segundo enunciador, **E2**: uma voz que fala sobre o espírito de união instaurado na cidade. “Somos menos 230 (pelo menos), mas estamos unidos. Tristes, mas juntos”. A complexidade fica por conta de os dois enunciadores pertencerem ao **L1**. A presença de dois enunciadores classifica o texto como polifônico.

Baseada na afirmação de Sparremberg (2013) sobre a produção das notícias no *DSM* para a edição do dia 28 de janeiro, constatou-se também no **texto 2 – DSM** a presença de várias fontes, que dão origem aos locutores identificados. Trata-se de mais um texto não assinado. Ele inicia com uma citação direta que, diferente das outras, tanto em *ZH*, quanto no próprio *DSM*, está entre aspas e não destacada pelo uso do travessão. “Parece uma cena de guerra. Não dá para acreditar que isso está acontecendo aqui” (**L1**).

O sujeito do texto, aquele que também é autor, apresenta uma peculiaridade. Além de se apresentar como tal (**L2a**), ele ainda se mostra testemunha (**L2b**), mesmo que, diferente do que fez Humberto Trezzi no **texto 2 – ZH**, ele não mencione que a equipe de reportagem acompanhou tudo de perto.

A espera pela entrada no ginásio onde estavam os corpos demorou toda a manhã. E foi dolorida (**L2a**). Quando o choro cessava de um lado, começava do outro. Enquanto isso, bastava olhar para qualquer lado ao redor do cordão de isolamento para ver uma cena que se repetia, independentemente de nomes e sobrenomes: pessoas abraçadas chorando (**L2b**).

Em meio às vozes de **L2a** e **L2b**, existe a presença de um terceiro locutor. Em uma leitura atenta, com um olhar jornalístico, ou seja, um olhar de quem sabe que as informações são fornecidas por alguém, percebe-se esse locutor quase escondido, certamente uma fonte individual.

[...] mas para a maioria das pessoas que se aglomeraram em frente ao CDM, elas não eram boas (**L2a**). Isso porque, o local onde foram concentrados os corpos das vítimas, geralmente era o último a ser procurado. Na peregrinação das famílias, antes vinham cada um dos hospitais, as casas de amigos dos filhos [...] (**L3**).

O texto é finalizado com uma sequência de outras fontes individuais que, no conjunto, acabam juntas, construindo uma narrativa de experiências.

- Minha missa hoje vai ser essa. **(L4a)**
- Eu fui buscar ela na casa do pai dela. Agora, estou acompanhando ele aqui, em busca do corpo da filha. Isso não pode ter acontecido. **(L4b)**
- Cheguei na boate à meia-noite. Logo que vi a fumaça, consegui sair. Ajudei a levar muita gente para fora. Tentei fazer respiração boa a boca, tentei fazer massagem cardíaca. Era muito triste ver aquela gente toda, da nossa idade, morta. Era terrível. Uma coisa que não se esquece nunca na vida. **(L4c)**.
- Ele tirou um primo e voltou para ajudar outras pessoas, mas não conseguiu mais sair. **(L4d)**.

Essas vozes, além de mostrar locutores diferentes, também auxiliam na compreensão do posicionamento do sujeito do texto, do enunciador. Isso foi possível pela observação das afirmações escolhidas por ele para comporem o texto. Identificou-se, dessa forma, e também por meio de outros enunciados, a presença de dois enunciadores. Assim, o **texto 2 – DSM** também é polifônico.

- Não eram só os corpos que denunciavam a morte de mais de duas centenas de jovens. Eram os corpos, a tristeza, a morte que veio de um golpe só, como se uma bomba tivesse explodido e deixado um rastro de vítimas. **(E1)**.
- Em meio a multidão sobravam relatos que mostravam que não foi preciso ser super-homem para se aventurar em meio a fumaça e tentar salvar seus amigos e também uma multidão de desconhecidos **(E2)**.

Santos (2003) destaca que cada agente social, como as fontes, por exemplo, procura definir um significado próprio sobre o acontecimento e o relata de acordo com suas perspectivas. Por isso, as fontes individuais ajudaram a compor a tonalidade da notícia. No **texto 3 – DSM** o uso de fontes individuais mais uma vez formou uma história coletiva. Com exceção do **L1**, que representa o sujeito autor dos enunciados, algumas fontes testemunhais e oficiais. “Passada a dor de esperar por notícias e de identificar as vítimas, as famílias ainda precisaram ter forças para cuidar da despedida de seus queridos” **(L1a)**. Esse locutor também apareceu como testemunha, **L1b**. “Debruçados nos caixões e sentados em cadeiras escolares, os familiares recebiam o consolo dos voluntários que ofereciam água para refrescar o calor e a presença de religiosas em orações de mãos dadas.”

As fontes oficiais (SCHMITZ, 2010) estão representadas por **L3a** e **L3b**. A primeira fala do número de mortos, a outra, de um pedido do secretário de Relações de Governo e Comunicação de Santa Maria. Essa última exerce um sentido no texto de demonstrar a preocupação do poder executivo do município em ser solidário naquele momento.

A lista oficial do governo do Estado, divulgada no final da noite de domingo, é de 231 mortos, mas os números são divergentes e podem aumentar ao longo da semana (**L3a**). [...] O secretário de Relações de Governo e Comunicação de Santa Maria, Giovani Manica, pede que quem passar pelo velório coletivo do CDM leve flores para homenagear as vítimas (**L3b**).

Para completar esse quadro, o jornalista fez uso fontes individuais, de acordo com a categorização de fontes proposta por Schmitz (2010), identificadas no texto como **L4a** e **L4b**. São as vozes que deram credibilidade a atmosfera de tristeza criada por um dos enunciadores.

A história de João Aloisio Treulieb, 29 anos, é uma das tantas dolorosas. Ele completaria 30 anos amanhã e aguardava ansiosamente pela chegada da primeira filha (**L4a**). Já Rafaela Schmitt Nunes, 18 anos, havia sido admitida no sábado, um emprego novo, em um restaurante (**L4b**).

As fontes primárias, aquelas que detêm a informação principal e são como testemunhas oculares (SCHMITZ, 2010), constituíram a maior parte do **texto 3 – DSM**. Elas representam oito vozes, em diferentes enunciados, onde mostram fatos e suas versões.

Encontrar locais para velórios e sepultamentos não foi tarefa fácil, até a igreja foi usada para velar corpos (**L2a**). [...] Algumas delas (*funerárias*) tiveram, por exemplo de mandar vir mais caixões de outras cidades como Erechim (**L2b**). [...] Os cemitérios do interior também foram uma alternativa para algumas famílias que não encontraram vagas para sepultar seus entes queridos no Cemitério Ecumênico Municipal (**L2c**). Diante da quantidade de vítimas, um pavilhão do Centro Desportivo Municipal foi destinado para um velório coletivo (**L2d**). [...] Para hoje, há enterros marcados desde o começo da manhã (**L2e**). [...] Em Itaara, cidade que teve pelo menos oito vítimas, uma cerimônia coletiva também foi organizada, no Ginásio de Esportes do centro da cidade (**L2f**). Hoje, em Agudo, serão veladas outras quatro vítimas, no Atlético Clube Avenida (**L2g**). [...] e de muitos cursos universitários que terão, por vezes, mais de um nome na chamada ausente (**L2h**).

Esse último texto analisado na polifonia é o único em que se identificaram três enunciadores. O primeiro, diferente do que ocorreu com os demais, não pareceu preocupado com a angulação do texto. É o que mais se aproxima da objetividade. “Para hoje, há enterros marcados desde o início da manhã. As capelas funerárias da cidade permaneceram lotadas (**E1**)”. Contudo, quase no fim, no sétimo, de nove, parágrafos, identificou-se outro enunciador. “Muitas acabaram de chegar (*conquistas*), outras estavam por vir. São tristes histórias [...]” (**E2**). E no oitavo parágrafo, como se voltasse atrás, o enunciador mostra algo de bom em meio à tristeza já mencionada. “[...] os familiares recebiam o consolo dos voluntários que ofereciam água para refrescar o calor e a presença de religiosas em orações de mãos dadas (**E3**)”.

A análise da polifonia nesses seis textos fez emergir algumas semelhanças e diferenças, tanto com relação à quantificação de locutores e enunciadores, quanto na

classificação de fontes. E ainda, o sentido da presença de determinadas vozes em cada um dos jornais.

6.1.1 *ZH* e *DSM*: a polifonia comparada

Ainda que os textos de ambos jornais tenham apresentado enunciadores que mostravam o lado triste e dolorido do incêndio, os do *Diário de Santa Maria* foram de uma intensidade muito maior. Lopes (2013) explica que, apesar da vontade de estar em Santa Maria para contar a história do centro do acontecimento, sabia da importância da equipe que ficou em Porto Alegre. Para ele, esse distanciamento foi fundamental para que os textos estivessem na tonalidade certa. O objetivo era de que não houvesse envolvimento emocional dos redatores e editores, que recebiam as informações via a equipe que estava em Santa Maria. Equipe esta, que, de acordo com ele, estava visivelmente abalada.

Outro aspecto que denota a diferença de um jornal regional para um estadual⁷, são as vozes ouvidas no **texto 1 – ZH** e **texto 1 – DSM**. Evidentemente, o que interessa ao leitor de Santa Maria e região, não necessariamente interessa ao público de *ZH*. A exemplo disso pode-se citar a presença de vozes oficiais regionais, no *DSM*, como o prefeito Cezar Schirmer e as informações sobre eventos locais ou regionais. Mesmo que o jornal também tenha mencionado a presidente Dilma Rousseff e o governador Tarso Genro, o sentido dado por *ZH* evidenciou uma maior importância desses locutores no texto.

O posicionamento de **L1** nos textos é outro ponto interessante. No *DSM*, ele assume o texto em primeira pessoa e dá um sentido de aproximação com o leitor do jornal que, em função da localidade, certamente tem um envolvimento maior com o assunto. McQuail (2013) explica que uma das características do jornalismo regional é justamente essa, a de um conjunto de valores-notícia que são relevantes aos leitores, e inclui, também, a forma como a pauta é trabalhada.

A proximidade espacial, por sua vez, confere à notícia um caráter de interesse particular quando o fato ocorreu no mesmo espaço físico que o da própria instância de recepção. As representações profissionais postulam que um acontecimento próximo interessa mais de perto ao cidadão. (CHARAUDEAU, 2007, p. 135-136).

O que se percebe com os textos analisados é o que diz Santos (2003) sobre a construção do significado do acontecimento pela imprensa. Para ele, cada agente social, cada

⁷ Destaca-se uma diferença na forma como o *DSM* é tratado no texto. O jornal é regional, pois circula em 39 cidades gaúchas e noticia a região central do Estado. No entanto, fez uma cobertura essencialmente local na cobertura do incêndio na *Kíss*.

organização, procura definir esse sentido de acordo com as suas perspectivas sociais e organizacionais. Essa afirmação, vista pelo viés da AD, complementa a compreensão da construção dos enunciadores nas notícias. Schmitz (2010), por sua vez, afirma que a notícia polifônica converge da diversidade de opiniões, relatos e testemunhos das mídias. Assegura que, para ser considerado jornalismo, um texto deve ter uma pluralidade de enunciadores.

Se, de um lado, os textos de *ZH* conseguiram manter uma distância do acontecimento, de outro, de acordo com o mapeamento das vozes feito, os três textos do *DSM* são polifônicos e, portanto, jornalísticos nesse aspecto, pois todos apresentaram mais de um enunciador. Já em *ZH*, apenas no **texto 2 – ZH** havia a presença de dois enunciadores. Na contagem de locutores, o jornal de Santa Maria também ficou à frente, com uma média de três locutores a mais em cada texto. Um maior número de locutores evidencia mais fontes ouvidas. Cada uma delas contribui com mais informação para os textos.

A natureza pública do jornalismo exige que ele seja um lugar de circulação de diferentes saberes sobre os fatos e o mundo (BENETTI, 2007). Para isso, os textos jornalísticos devem conter a pluralidade de perspectiva enunciativa, o que ocorre com a presença de mais de um enunciador. Para a autora, apenas assim o jornalismo pode ser considerado representativo da diversidade social.

Com esse mapeamento das vozes, pode-se considerar que os sujeitos dos textos do *DSM* cumpriram melhor o seu papel. Para Brandão (2012), o sujeito é aquele que se situa no contexto sócio-histórico de uma comunidade, num tempo e espaço concreto. Sua fala, de acordo com a autora, reflete os valores e as crenças de um grupo social. O discurso, como se sabe, divide espaço com outras vozes, as fontes, com quem dialoga e constrói os enunciados.

6.2 O dito, não dito e o silêncio nos textos de *ZH* e *DSM*

As palavras ganham sentido de acordo com a forma com que são empregadas nos enunciados. Orlandi (2001) apresenta a técnica do dito e não dito pela perspectiva de Ducrot. Ele separa o deriva da linguagem (dito) para o que pode ser interpretado (não dito). O posto sempre traz junto o pressuposto e, muitas vezes, ainda o silêncio. Por meio da linguagem, como mostra Motta (2004), se transmite informação e também sentimentos. Para ele, todo ato comunicativo é um jogo de criação de sentidos tanto da parte do emissor, quanto da parte do destinatário. Os textos analisados possuem esses jogos de sentido que puderam ser identificados por meio da interpretação do dito, não dito e silêncio. O **texto 1 – ZH** inicia com

o discurso explícito de que a notícia do incêndio na *Boate Kiss* chegou aos gaúchos ainda pela manhã e que chocou a todos. Esse é o dito do enunciado.

O Rio Grande do Sul despertou ontem dentro do pior dos pesadelos. Um pesadelo do qual não era possível acordar. O absurdo tornara-se realidade. O mundo estava sangrando por Santa Maria⁸.

Já o não dito é identificado pela interpretação do implícito. Nessa camada discursiva, o *despertar* remete ao perceber a precariedade dos sistemas de prevenção contra incêndio e vulnerabilidade a que todos estão submetidos quando se trata do assunto. *O pior dos pesadelos* tem um sentido ruim. Sabe-se que o sonho é o positivo e o pesadelo, o negativo. Cabe questionar que pesadelo é esse e se ele realmente é o pior deles. E então o enunciado se contradiz. Primeiro o Estado desperta, depois é impossível acordar. Por pesadelo também se entende algo irreal, que não existe. Mas na sequência, o sujeito do texto fala em realidade. Motta (2004) destaca que para produzir sentido, o emissor articula um jogo de linguagem e cita como exemplo as figuras de linguagem, que podem ser percebidas em *o mundo estava sangrando por Santa Maria*. O enunciado produz um sentido de pessoas, não necessariamente do mundo todo, que estariam sofrendo. Trata-se de um sentido figurado.

O incêndio na *Boate Kiss* foi tratado tanto pelo *DSM* quanto pela *ZH* por *Tragédia de Santa Maria*. De acordo com a teoria apresentada no capítulo 4, a tragédia é uma calamidade com grande abrangência social e que envolve um grande número de mortos.

[...] a maior tragédia que o Estado já teve de enfrentar.

Neste enunciado do **texto 1 – ZH**, o sujeito mostra o incêndio na casa noturna como a maior tragédia do Rio Grande do Sul. A abrangência social é impossível medir. De outro lado, o número de mortos era bastante expressivo, cerca de 230 contabilizados ainda no domingo. Mas o Estado já passou por diversas revoluções, por exemplo, onde morreram mais pessoas. O texto silencia os critérios utilizados para caracterizar como tragédia o acontecimento e, ao fazê-lo, emite opinião e não informação. No 2º parágrafo desse texto, o sujeito usa a expressão espetáculo, para se referir à apresentação que deu início ao fogo. O termo também remete a *tragédia*, mas àquela primitiva, com origem nas apresentações teatrais. Esse dito, de um cenário de horror e tristeza, permeia outros enunciados.

⁸ Sabe-se o que dizem as normas da ABNT sobre citações curtas e longas. Mas compreende-se que, neste caso, por questões de didática, para uma melhor visualização do enunciado, optou-se por esse formato, para que fique claro de que trecho está sendo referido.

O fogo transformou o oxigênio em fumaça, e a festa, em luta desesperada pela sobrevivência. [...] É possível que parte dos mortos tenha sido pisoteada. Alguns queimaram. Quem escapou com vida uniu-se do lado de fora a policiais e bombeiros para uma das mais desesperadas operações de resgate de que o Rio Grande do Sul já teve notícia.

Fica explícito nesse trecho que quem estava dentro da *Kiss* teve dificuldades de respiração e que o que todos queriam era sair de dentro da casa noturna. Além de algumas pessoas morrerem asfixiadas, morreram também pisoteadas e queimadas. E houve os sobreviventes que auxiliaram no resgate de outras vítimas junto aos bombeiros. O não-dito é observado por meio de algumas expressões específicas. O termo *desesperadas* é utilizado duas vezes e em sequência. Expressa opinião do emissor e cria empatia com o leitor que certamente se solidariza ainda mais com todos os envolvidos. As causas das mortes são apresentadas de formas distintas. Uma afirma que algumas vítimas queimaram, outra supõe que alguns tenham sido pisoteados. Isso evidencia falta de apuração por parte do repórter ou, como se sabe, por parte da equipe que buscou as informações as quais compõem o texto. Para Pereira Júnior (2006), o jornalismo só constrói sentidos se reduz incertezas e essas são reduzidas por meio de uma apuração que prioriza a checagem e exatidão das informações. A afirmação do fim do enunciado, sobre *uma das mais desesperadas operações de resgate* no Estado é mais uma informação frágil. O parâmetro utilizado é silenciado. O mesmo ocorre com outro enunciado.

Converteu o Rio Grande do Sul, desde a madrugada de ontem, no lugar com maior concentração de tristeza do mundo.

Está dito no enunciado acima que o Estado está de luto. Implicitamente o uso de *Rio Grande do Sul* remete também ao governo, seja o local, seja o estadual. Generalizar, neste caso, faz com que o leitor gaúcho se identifique com o texto e se sinta parte da notícia. Afirmar que a maior concentração de tristeza do mundo estava em Santa Maria é, mais uma vez, não fazer uso de uma informação exata, como se espera no jornalismo, pois se trata de algo que não pode ser medido. Evidentemente esse quadro mudaria se a afirmação estivesse entre aspas, como fala de alguém que não o jornalista. Vale lembrar que, como visto no item **6.1**, nesse texto, o jornalista não é uma testemunha. Concentrar a tristeza no Estado gaúcho descarta a possibilidade de que naquele momento, tristezas diferentes estivessem sendo vividas fora do Rio Grande do Sul. Pode-se interpretar ainda que a grandeza da comoção era tão intensa, que não seria superada por nenhuma outra.

Como se vê, o discurso é pleno de possibilidades de interpretação. Para Benetti (2007), o jornalista constrói o texto e direciona o leitor para determinado sentido. De acordo com a

autora, sempre que problematizado pelo viés da linguagem, o objetivo do jornalismo de relatar fielmente os fatos se torna ilusório. O **texto 2 – ZH** apresenta diversos sentidos.

[...] o maior desastre já ocorrido no país desde a década de 1960.

Esse dito, ao contrário do texto anterior, não fala em *tragédia*, mas em desastre. Nele, o leitor é informado, por meio dessa primeira camada discursiva, de que há mais de 50 anos o Brasil não vivia um grande desastre. O não dito deixa implícito que, portanto, o incêndio na *Kiss* é o segundo maior desastre entre os brasileiros. É silenciado, no entanto, o que caracteriza um desastre e o que faz do ocorrido em Santa Maria o maior deles nesse século. Se o leitor acompanha as histórias trágicas do país, interpretaria o enunciado de uma outra forma. Compreenderia que o emissor se refere a desastres envolvendo incêndios, já que o incêndio com maior número de mortos registrados no país foi no Gran Circo Norte-americano, em Niterói, em 1961⁹, onde mais de 500 pessoas morreram¹⁰.

O uso de figuras de linguagem proposto por Motta (2004) também foi observado no **texto 2 – ZH**, quando o emissor se refere a uma *montanha de corpos*, um sentido certamente figurado, pois se sabe, por fotos e por outras notícias, que os corpos estavam enfileirados. Ao fazer uso da expressão, o jornalista cria um cenário de horror.

Ela e o marido reconheceram o jovem em meio à montanha de corpos que se formou inicialmente em uma das alas do ginásio. Inconfundível, porque estava pilchado, “gaudério” como sempre foi.

Fica explícito que o casal reconheceu o corpo do jovem entre tantos outros. Já o implícito permite identificar outro discurso. Na segunda oração do enunciado, pode-se interpretar que o corpo só foi identificado pela vestimenta da vítima. Ao optar por contar essa história de reconhecimento e não outra, o **texto 2 – ZH** reafirma a identidade gaúcha e silencia outros testemunhos. Os locais de origem dos voluntários também foram silenciados.

O ginásio parecia um formigueiro tomado por centenas de voluntários [...]. Muitos de chinelo de dedo e bermuda, que emergência não combina com etiqueta. [...] A maioria dos voluntários nem conhecia as vítimas e, mesmo assim, se dispôs a sair do conforto caseiro para o cenário de guerra em que se transformou o centro de Santa Maria na madrugada de domingo.

Está dito no trecho acima que, mesmo sem conhecer as vítimas, muitos voluntários foram até o CDM, onde eram feitos os reconhecimentos dos corpos, para ajudar no que fosse

⁹ VENTURA, Mauro. *O espetáculo mais triste da terra: o incêndio do Gran Circo Norte-Americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

¹⁰ Nunca se confirmou um número exato de mortos.

preciso. Benetti (2007) ressalta que o dizer e o interpretar são movimentos de construção de sentidos e ambos são afetados por sistemas de significação com a linguagem, a cultura e a ideologia. Na interpretação do enunciado, identifica-se um sentido de ordem. O termo *formigueiro* remete não só a algo com grande movimento, mas também a organização. Compreende-se dessa forma que, apesar da tristeza das pessoas, havia um sistema organizado que fazia com que tudo funcionasse. E de outro lado, que esse sistema de auxílio às famílias foi montado às pressas. Essa interpretação é implícita quando o emissor fala das vestimentas dos voluntários e usa a palavra *emergência*. Na sequência, o não dito mostra ao leitor a solidariedade dessas pessoas que, de forma voluntária, já que não conheciam as vítimas, se dispuseram a ajudar. Fica evidente que eles trocaram uma situação confortável, aquela que mantém distância do acontecimento, para estarem no centro dele. Quando o autor menciona *cenário de guerra*, reafirma a situação de emergência, de improviso. Guerras também exigem ordens e comando. É silenciado quem está à frente dos trabalhos no CDM e onde cada voluntário atuou, embora eles devam ter sido distribuídos de acordo com suas áreas de conhecimento. O trecho abaixo confirma essa interpretação ao usar *desesperado*.

Gritos, lágrimas e desmaios se sucediam, em sequência. Um vaivém desesperado que incluía o uivo da sirene das ambulâncias, a gritaria de policiais e o entra e sai de agentes funerários, trazendo mais cadáveres. Todos jovens que a tragédia ceifou.

O que se transmite com a primeira camada do enunciado não é o mesmo que se interpreta na segunda camada discursiva. Nela, o não dito reforça o cenário de horror. Ao se referir a *gritos, lágrimas e desmaios*, o emissor cria um sentido de sofrimento coletivo, já que eles eram em *sequência*. No entanto, é silenciado de onde eles vinham, quem eram essas pessoas. E se primeiro o jornalista usou a palavra *desastre* para adjetivar o acontecimento, nesse caso usou *tragédia*, ainda que não tenha mencionado o número de mortos. Outros questionamentos emergem deste enunciado. Apenas as funerárias carregaram os cadáveres. Há, em Santa Maria, funerárias suficientes que dessem conta da demanda? É silenciado, ainda, quantos voluntários estavam envolvidos. Diferente dos dois textos anteriores, o **texto 3** – **ZH** tem um discurso uniforme.

Os corpos das vítimas do incêndio na boate Kiss, em Santa Maria, ainda eram reconhecidos quando, no mesmo local, o Centro Desportivo Municipal (CDM), já se iniciava o velório coletivo de alguns dos mortos [...].

O dito dá conta do início dos velórios. O não dito, por sua vez, é identificado por meio de palavras-chave. O *ainda* e o *já* criam um discurso de agilidade. Ao usá-los, o emissor diz, na camada discursiva do implícito, que no CDM a identificação dos corpos estava sendo

rápida e eficiente. Esse discurso se mantém ao longo de toda a notícia, com o uso de expressões como *desde cedo* e *ontem mesmo*, que se repetem. Esse outro enunciado complementa o discurso.

Mesmo com o espaço disponível para os velórios, muitos familiares decidiram procurar outros locais para a realização das cerimônias ou enterrar as vítimas nas cidades de onde eram provenientes.

Fica explícito que nem todos os corpos foram velados nos locais disponibilizados e que outros foram levados para suas cidades de origem. Mas ao analisar bem a linguagem utilizada, percebe-se a intenção de dizer que se nem todos foram velados em Santa Maria, foi por opção própria, pois as funerárias, cemitérios e comitê de crise organizaram os locais de tal maneira que houvesse lugar para todos. E, assim, reforça a interpretação anterior de que o discurso mostra a eficiência dos serviços no município. Contudo, cabe analisar o motivo de as famílias não optarem pelos velórios coletivos. Há um silêncio no texto com relação a isso. Trata-se, em geral, de cerimônias privadas, em que a família chora a sua tristeza. Talvez um dos motivos, de algumas famílias não quererem o coletivo, tivesse sido justamente a vontade de privacidade e também para não corroborar a tristeza das outras famílias. Esse esforço de organização é enfatizado no trecho

No Parque Jardim Santa Rita de Cássia, as capelas estão lotadas, e a direção vai disponibilizar o saguão do local para a realização de um velório coletivo.

De acordo com Benetti (2007), no processo de construção de conhecimento, o jornalismo utiliza mapas culturais de significação e ajuda a reforçá-los e ou apagá-los, como se constatou nos enunciados. E contribui assim, para estabelecer consensos sobre os valores e atitudes em sociedade. A função do *Diário de Santa Maria*, nesse sentido, era de prestar serviço aos leitores, contribuir com informação checada (SPARREMBERG, 2013) e com isso, se solidarizar, uma vez que também são santa-marienses. No **texto 1 – DSM**, pode-se observar essa criação de sentido.

A maior tragédia da história do Rio Grande do Sul e a segunda do país escolheu como palco a cidade universitária [...].

O *DSM* também trabalhou com o termo *tragédia*. Pode-se perceber, outra vez, que o jornal utiliza a informação baseado em número de mortos em acidentes e, assim, trata-se da segunda maior no país, pois a maior foi o incêndio no circo em Niterói. Mas sendo essa uma informação externa ao texto, os critérios utilizados para o emprego do termo foram silenciados. Porém isso não é dito, está silenciado. Se de um lado o sentido de *tragédia*, nesse

enunciado, está atrelado a acontecimentos desastrosos, de outro, quando a jornalista usa a expressão *palco*, remete ao que diz o dicionário, como explicitado no capítulo 4, a origem do termo no teatro. Aqui, cabe questionar, ainda, o fato de a *tragédia escolher* um lugar para acontecer. O que se sabe é que um conjunto de fatores converge para o acontecimento. No caso da Kiss, por exemplo, o risco existia pelo menos desde agosto de 2012, quando venceu o plano de prevenção e controle de incêndio. Outro trecho evidencia a tristeza dos santamarienses, e do mundo, no que está dito.

O sofrimento é nosso, de pais, mães, irmãos, amigos. Do mundo que voltou os olhos para Santa Maria ontem com assombro e tristeza. [...] Mas por mais que a perplexidade seja coletiva, sobrou para nós, santa-marienses, tentar entender o que aconteceu na madrugada dentro da boate Kiss. De viver a angústia por informações.

O pressuposto diz que a autora é de Santa Maria, já que escreve o texto em primeira pessoa. Se as pessoas *do mundo* receberam a notícia do incêndio na Kiss com *assombro*, então estavam com medo, com pavor. O enunciado silencia do que o mundo sentiu medo. Se considerado o contexto da situação, como sugere a teoria da AD para a análise, pressupõe-se que seja pela falta de segurança contra incêndios. A autora também sugere que o sofrimento maior é dos moradores de Santa Maria e que cabe a eles buscar as respostas e receber as informações. Descarta, dessa forma, o fato de as notícias referentes ao ocorrido interessarem o *mundo*. Ao supervalorizar o local, ela descarta também a *angústia* dos familiares e amigos das vítimas da região, fora da cidade sede do incêndio. Essa característica de valorizar o local também é observada no enunciado abaixo.

Somos menos 230 (pelo menos), mas estamos unidos. Tristes, mas juntos.

O dito traz a união das pessoas naquele momento. O não dito, a solidariedade dos santamarienses com seus conterrâneos que perderam familiares ou amigos. Mostra que se criou uma força coletiva para superar a tristeza e o luto. Quanto à informação sobre o número de mortos, a jornalista deixa claro que aquela era a informação até o momento de fechamento da edição. Mas que a tendência era aumentar. Silencia o motivo. Porém sabe-se que era em decorrência ao número de vítimas que estavam hospitalizadas em estado grave. A questão da solidariedade também foi observada no trecho a seguir, em *a boa vontade do povo desta cidade*.

[...] salvou a mulher das chamas e da fumaça e retornou à boate para resgatar outras vítimas. A tragédia fez um herói. Mas a solidariedade do militar – e de tantos heróis anônimos – parece ter se multiplicado a boa vontade do povo desta cidade.

Usar a linguagem não é apenas articular as palavras. Mas “ativar uma série de conhecimentos que as palavras evocam para os participantes do ato comunicativo e que não necessitam fazer-se explícita” (MOTTA, 2004). O enunciado acima do **texto 1 – DSM** evoca a bondade. Ele tem a intenção de, em meio à tristeza, deixar os santa-marienses orgulhosos da bravura dessas pessoas que arriscaram, e até perderam, a vida para salvar outras. Há, ainda, uma pequena contradição. Primeiro a tragédia fez *um* herói. Depois a jornalista volta atrás e fala em *tantos heróis anônimos*. Há um silêncio que esconde se esses heróis eram apenas de Santa Maria ou se tinham origem em outras cidades.

A mensagem do emissor na notícia é interpretada pelo leitor (receptor). Ele recebe a informação dita no texto de forma parcial pelo conteúdo literal e parcialmente por meio dos estímulos implícitos (MOTTA, 2004), que podem dar outro sentido ao que é dito, por meio do não dito. Foi o que se analisou, também, no **texto 2 – DSM**.

Todos queriam notícias, mas, para a maioria das pessoas que se aglomeraram em frente ao CDM, elas não eram boas. [...] Uma multidão de telefones em mãos, à espera de notícias.

O enunciado se refere à espera das famílias por notícias dos jovens que tinham ido à *Kiss* na noite de sábado. O não dito deixa claro que a maioria recebeu a notícia da morte desses jovens. Afinal, nesse contexto, uma notícia ruim, só poderia dar conta disto. Para Orlandi (2001), ao analisar o implícito é preciso considerar o contexto. Dessa maneira, mencionar os *telefones* no texto faz com que o leitor lembre-se de um dos fatos mais comentados no domingo, 27: os telefones que tocavam sobre os corpos que aguardavam pela identificação. E assim causa comoção. Sentimento que também é causado pelo enunciado abaixo.

A espera pela entrada no ginásio onde estavam os corpos demorou toda a manhã. E foi dolorida. [...] Enquanto isso, bastava olhar para qualquer lado ao redor do cordão de isolamento para ver uma cena que se repetia, independentemente de nomes e sobrenomes: pessoas abraçadas chorando. Muitas delas eram jovens, algumas ainda estavam sujas de fuligem ou arranhadas.

A espera que durou toda a manhã, explícita no trecho, permite a interpretação de que isso colaborou para aumentar a ansiedade das pessoas. Ao dizer que ela foi dolorida, o enunciador silencia para quem e o porquê de ter sido assim. A cena das *pessoas abraçadas chorando* ganha um sentido de igualdade, já que não dependia de nomes e sobrenomes. Mostra que ali todos eram iguais e vivenciavam a mesma dor. Apesar de não estar dito, esse cenário estava composto por sobreviventes do incêndio, os jovens *sujos de fuligem ou arranhados*. Sobreviventes estes que são silenciados ao longo dos seis textos, visto que não

são citados de forma explícita. A solidariedade dos santa-marienses, identificada nos sentidos dos outros textos, também foi observada no **texto 2 – DSM**.

Em meio à multidão, sobravam relatos que mostravam que não foi preciso ser super-homem para se aventurar em meio à fumaça e tentar salvar seus amigos e também uma multidão de desconhecidos.

Está dito no enunciado que várias pessoas tentaram resgatar quem estava dentro da boate. *Sobravam* indica um implícito de que eram muitos depoimentos. Mais que isso, de que não foi por falta de socorro que houve tantas mortes. O sentido de igualdade reaparece nesse trecho, quando o emissor diz que aqueles que tentaram ajudar não buscaram socorrer apenas os amigos, mas também os desconhecidos. A figura do *não super-homem* mostra pessoas sem preparo, que não estão acostumadas com o risco que correram ao salvar outras vidas, mas mesmo assim se *aventuraram*, tentaram. E isso implicava o risco de sair de dentro da *Kiss* sem vida.

O sentido é configurado por formações ideológicas, presentes na camada implícita do enunciado. Para Benetti (2007), uma formação discursiva é composta por aqui que pode e deve ser dito e também pelo que não pode e não deve ser dito. Há marcadores que evidenciam esses sentidos. No **texto 3 – DSM**, expressões como *ainda* e *desde cedo* cumprem esse papel.

Passada a dor de esperar por notícias e de identificar as vítimas, as famílias ainda precisaram ter forças para cuidar das despedidas de seus queridos. E encontrar locais para velórios e sepultamentos não foi tarefa fácil, até igreja foi usada para velar corpos, foi preciso muito jogo de cintura das funerárias diante da quantidade de mortos.

O não dito diz que, como se não bastasse o sofrimento que as famílias das vítimas fatais da *Kiss* tiveram ao longo do domingo, precisavam organizar os funerais de seus familiares e isso era um problema na cidade, visto o grande número de mortos e a falta de estrutura para atender tanta gente. Não ter sido *tarefa fácil* produz um sentimento de desorganização, ao menos inicial, já que na sequência o emissor diz que *até igreja foi usada*, como se este fosse um dos últimos recursos possíveis. O *jogo de cintura das funerárias* auxilia a complementar esse quadro que parece voltar atrás e dizer que, apesar de difícil, tudo foi resolvido e houve espaço para todos.

Alguns dos mortos já foram sepultados ontem em Santa Maria. Para hoje, há enterros marcados desde o início da manhã. As capelas funerárias da cidade permaneceram lotadas.

Nesse enunciado, o não dito reafirma a capacidade de organização da cidade. Diz que, apesar do cenário de guerra em decorrência do grande número de mortos, o reconhecimento

foi feito cedo, assim como foram organizados cedo os funerais, o que possibilitou que *alguns dos mortos já* tivessem sido *sepultados* no domingo mesmo. E reforça, ainda, o *jogo de cintura das funerárias*, que agendaram *enterros desde o início da manhã* da segunda-feira, para que houvesse tempo para todas as cerimônias. Não menciona, porém, se houve ou não esforço por parte dos padres ou pastores para realizar as cerimônias e se os que trabalham em Santa Maria foram suficientes. Também foi observado no texto um discurso sensato do emissor, em que ele pondera a informação.

A lista oficial do governo do Estado, divulgada no final da noite de domingo, é de 231 mortos, mas os números são divergentes e podem aumentar ao longo da semana.

Para mencionar o número de mortos na tragédia, o autor do texto cita a origem da informação e alerta que, apesar de ser oficial, ela pode não estar exata. Silencia, porém, o porquê de serem *divergentes*. No dizer *podem aumentar ao longo da semana* identificou-se um não dito que fala sobre a possibilidade de morte dos sobreviventes, o que tornaria a *tragédia* ainda maior e, conseqüentemente, um silêncio. E aceitá-la, de acordo com o enunciado abaixo, não foi tarefa fácil.

Nada confortava a dor de perder tão brutalmente alguém a quem se ama muito. Como entender que, mesmo tendo ido juntos para a festa, amigos e parentes tiveram rumos diferentes? Difícil. Quase impossível.

Para Motta (2004, p. 120), o jornalismo busca a eficiência informativa por meio da objetividade, “preservando-as de emoções ou valores”. Considera, porém, que isto não impede uma percepção pragmática e nem uma interpretação poética. No enunciado citado do **texto 3 –DSM**, a informação é cheia de emoção. A linguagem utilizada permite identificar o não dito. O trecho *rumos diferentes* traz para o enunciado as vítimas do incêndio, sejam os sobreviventes, ou seja os mortos. No questionamento e na afirmação feita pelo emissor, de que é difícil entender o que aconteceu, ele se inclui e cria empatia com o leitor, que se sente mais próximo do texto e, conseqüentemente, do jornal.

Apesar de produzirem sentidos semelhantes, há diferenças expressivas nos discursos dos jornais *Zero Hora* e *Diário de Santa Maria*. Por meio de uma comparação dos ditos, não ditos e silêncios identificados, é possível ter uma melhor compreensão do que estava explícito nos textos selecionados, mas também o que estava na segunda camada discursiva.

6.2.1 O dito, não dito e silêncio: um comparativo

Os seis textos analisados fazem aquilo que Bucci (2012) aponta como característica da atividade jornalística. Para o autor, o que o jornalismo faz é levar até ao leitor, no caso do impresso, o que as pessoas envolvidas com os fatos, selecionados de acordo com os critérios de noticiabilidade, estão fazendo, falando e sentindo. “O jornalismo é uma história narrada a quente” (BUCCI, 2012, p. 28). Esse é exatamente o sentido principal de boa parte dos textos, produzidos pelo dito, não dito e silêncio, pois eles significam. Mas, isso não quer dizer que tudo o que não foi dito deve ser considerado na análise, mas sim aquilo que é pertinente à pesquisa (ORLANDI, 2001). Para este estudo considerou-se que a linguagem é articulada também por meio de diferentes naturezas de exterioridade como o contexto, a situação empírica, o interdiscurso e as condições de produção das notícias. E com essa articulação constituem um movimento de instauração do sentido (BENETTI, 2007).

Os textos **1**, de *ZH* e *DSM*, têm como semelhança um discurso que se contradiz em alguns momentos específicos, quando o explícito diz algo e o implícito, no mesmo enunciado, outro. E também alguns silêncios que evidenciam falta de apuração, ou falta de tempo para isso. Eles se assemelham, ainda, no cenário de tristeza e horror que criam. Ao falarem de *tragédia*, ambos silenciam os critérios utilizados para o emprego do termo. Criam sentido ao emitir não apenas informação, mas também opinião. A grande diferença foi identificada na aproximação com o leitor. *ZH* cria empatia; o *DSM*, por sua vez, não só cria empatia, como supervaloriza o local. No **texto 1 – DSM**, um jogo de linguagens é utilizado de tal maneira que é como se o jornal dissesse: ‘Estamos sofrendo, mas devemos nos orgulhar da bravura de nossos conterrâneos que arriscaram a vida para salvar as vítimas do incêndio’.

A *AD* considera o contexto em que o objeto analisado está inserido. Dessa forma, cabe a esta pesquisa lembrar de que pauta tratam esses textos **1**: o incêndio na *Kiss*. O texto de *ZH*, apesar de silenciar em mais de um enunciado e de emitir opinião, se mantém mais distante do acontecimento do que o *DSM*, que produz o sentido por meio de um não dito criado em primeira pessoa. Ainda assim, o jornal de Santa Maria contém mais informação que o jornal estadual: informa não apenas pelo explícito, mas também pelo implícito. Para Bucci (2012, p. 26), o jornalismo é isso, a “sintetização e difusão de discursos informativos imediatos”.

A segunda pauta analisada era sobre a espera dos familiares por notícias e para o reconhecimento dos corpos. Nos textos **2**, observaram-se mais diferenças do que semelhanças. Sentido de tristeza e dor permeou os enunciados, mas de forma mais expressiva em *ZH*. Nessa pauta, identificou-se o contrário da anterior: foi o *DSM* que conseguiu manter uma distância

maior daquilo que estava sendo noticiado. Enquanto *Zero Hora* se manteve no discurso que criava um cenário de horror, o *Diário de Santa Maria* deu um espaço maior para a solidariedade e a comoção generalizada. Criou um sentido de igualdade entre os envolvidos e, mais uma vez, valorizou o santa-mariense, que teria feito o possível para, naquele momento, organizar os serviços da melhor forma. *ZH* também instituiu o sentido de solidariedade no **texto 2**. O jornal ainda valorizou o seu público leitor, o gaúcho.

Já os textos **3** mantiveram um discurso uniforme e muito próximo. Nos seus não ditos, ambos enfatizaram a eficiência e agilidade dos serviços de funerárias e dos cemitérios. O *DSM*, contudo, manteve um discurso com o intuito de criar empatia com o leitor e se aproximar, provavelmente com um propósito editorial de mostrar a eles que compartilhavam da mesma dor. Como afirma Benetti (2007), a notícia é um dos eixos que norteiam os parâmetros da sociedade que dizem o que é normal ou anormal. Para a autora, a notícia é uma construção social. Para existir, ela depende de alguns fatores como a realidade, os acontecimentos, as políticas editoriais e os critérios de noticiabilidade. As notícias, como se pode perceber com essa parte da análise, não apenas descrevem os acontecimentos do mundo. Elas seduzem, afirmam, analisam, esclarecem, criticam e julgam (MOTTA, 2004). Mais do que informar, as notícias produzem sentidos nas diferentes camadas discursivas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em qualquer área do conhecimento, a teoria orienta, direciona. Mas quando vista pelo viés da prática é que ela se complementa. A revisão teórica feita, as entrevistas e visitas às redações dos jornais assim como a escolha da metodologia formaram um conjunto importante para esta pesquisa. Além disso, a comparação entre os discursos se mostrou um diferencial nessa compreensão. Havia nos discursos dos jornais um sentido de pertencimento e aproximação com o leitor. Isso ocorreu de formas distintas. A *Zero Hora* reforçou a identidade gaúcha na tragédia e mostrou, de forma muito sutil, a agilidade e a eficiência com que tudo foi providenciado ainda no domingo. É como se dissesse que essa organização é uma característica do Rio Grande do Sul. E o *Diário de Santa Maria* deixou clara a intenção de mostrar aos leitores de que a dor era coletiva na cidade e, dessa maneira, também atingia a empresa jornalística. A diferença foi identificada com o foco dado a esse sentido: cada um priorizou o seu público leitor. Isso permite afirmar que o discurso, do ponto de vista editorial, foi igual nos dois jornais, pois é preciso considerar as peculiaridades de cada veículo.

Em outros aspectos, porém, a pesquisa identificou que o discurso dos dois jornais não foi igual. As semelhanças entre eles são bem evidentes, mas as diferenças são muito sutis e só foram possíveis de serem identificadas por meio do uso da análise de discurso como metodologia. Apesar de esta pesquisa não trabalhar com hipótese, acreditava-se que o discurso de *Zero Hora* seria mais completo do ponto de vista da informação, por diversos motivos. Mas, principalmente pela distância do acontecimento, mais ainda quando se soube que uma equipe em Porto Alegre redigiu a maior parte das notícias justamente para manter essa distância, e também pela experiência que o jornal, por ser estadual, tem nesse tipo de cobertura de *tragédia*. Contudo, o discurso identificado foi outro.

O *Diário de Santa Maria* apresentou, nos três textos analisados, uma pluralidade de vozes. O que significa dizer que ele permitiu que seu leitor visse o fato de, pelo menos, dois ângulos diferentes. *Zero Hora*, por sua vez, fez isso em apenas um dos três textos, o que evidenciou uma intenção implícita de reforçar o sentido de horror em torno do incêndio da *Kiss*. Por meio da amostragem selecionada, o jornal regional mostrou-se polifônico na cobertura, diferente do jornal estadual que foi identificado apenas como um falso plural, já que deu espaço para diferentes locutores, mas que possuíam a mesma perspectiva, sendo, assim, monofônico. A semelhança entre eles nesse aspecto ficou por conta da tonalidade e da angulação dada pela voz do enunciador principal, com a diferença de que no *DSM* ele era bem mais intenso devido ao envolvimento emocional da equipe.

Os sentidos presentes nos textos, identificados por meio da interpretação do dito, não dito e silêncio, evidenciaram um discurso na camada do dito se não igual, muito semelhante. Contudo, ao analisar com cuidado o implícito nos textos, foi possível perceber que o *Diário de Santa Maria* conseguiu passar aos seus leitores informações positivas com relação ao incidente de forma mais efetiva que a *Zero Hora*. Uma das semelhanças encontradas é o fato de informações serem desencontradas, nas duas camadas discursivas. De um lado, mostra que pode ter faltado apuração por parte dos jornalistas, de outro comprova o que disseram Vargas, Lopes e Sparremberg sobre a rotina da cobertura: tudo precisava ser rápido, as informações mudavam de uma hora para outra e não havia tempo para uma apuração mais eficaz.

O discurso mais completo, ou seja, aquele que apresentou maior número de informações, foi o do *Diário de Santa Maria*. Mesmo com aspectos a favor de *Zero Hora* para uma cobertura mais completa, como a experiência nesse tipo de trabalho, o tamanho da equipe e os recursos financeiros, foi o jornal de Santa Maria que levou textos mais completos do ponto de vista do discurso aos seus leitores. É preciso destacar ainda que, pelo menos durante a manhã do domingo, os jornais trabalharam juntos e *ZH* fez uso da redação do *DSM*. Contudo o discurso mais objetivo, ou seja, que nessa situação não se deixou levar tanto pela emoção, foi o do jornal estadual, algo praticamente impossível de ser realizado regionalmente, devido à proximidade com o fato.

Aspectos mais pontuais evidenciados nos textos devem ser ponderados. O que aparece como falta de apuração pode ter chegado até à redação, mas por falta de espaço, ou ainda, pela falta de percepção do redator, tais informações tenham sido silenciadas. Apesar de os discursos enfatizarem a unanimidade gaúcha, houve vítimas de outros Estados como Pará e Rio de Janeiro. Ao supervalorizarem o local ou estadual, os jornais excluem do acontecimento ou as cidades da região central, no caso do *DSM*, ou os outros Estados brasileiros, no caso de *ZH*. É inegável que ambos os jornais se solidarizaram com os envolvidos na *tragédia*, ainda que em graus diferentes. Outro elemento que cabe destacar é o sentido de eficiência nos serviços. Ao fazer esse discurso, os jornais mascaram o outro lado: a ineficiência com relação à elaboração e exigência dos Planos de Prevenção Contra Incêndios. Cada um, com a sua linguagem, descreve o acontecimento que, sim, era complexo, mas que era real, e por isso decifrável jornalisticamente.

A comoção generalizada é criada, em diferentes acontecimentos, pelos veículos de comunicação. Nos textos analisados, a comoção foi causada por meio da história dos mortos e de suas famílias. Eles ganharam voz, enquanto os vivos foram silenciados. Os indícios dizem que cerca de mil pessoas estavam na *Kiss* naquela noite. Sendo assim, cerca de três quartos

sobreviveram. A *tragédia* poderia ser maior. E isso não foi dito nem deixado implícito. O lado positivo foi trabalhado pelo viés da solidariedade, mas que de alguma forma estava ligada aos mortos. A vida foi silenciada, enquanto as histórias de reencontros dos sobreviventes com suas famílias poderiam igualmente ilustrar os textos **1** e **2**, pelo menos.

Algumas questões emergiram deste estudo e suscitam novas pesquisas. A principal delas é o fato de o material acerca de coberturas de *tragédias* ser escasso, quase nulo. O encontrado, quase não trata de condições de trabalho e de como resolvê-las. Os trabalhos científicos em torno do tema sempre envolvem o sensacionalismo e muitas vezes de forma leviana. Mesmo com tantas *tragédias* no país e sabendo que esse se trata de um dos principais e mais antigos critérios de noticiabilidade e, portanto, interessa e causa curiosidade no leitor, a academia parece não visualizar essa imensa área para pesquisa. É preciso considerar que, embora a teoria sugira que o bom jornalismo é aquele objetivo, que não emite opinião e que não mostra a presença do repórter - ainda que este cenário esteja mudando -, ele é feito por pessoas e não por máquinas. E por terem esta condição humana, sentem, sofrem e se contagiam com a circunstância em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

ADGHIRINI, Z.; MOURA, D.; PEREIRA, F. (Org). *Jornalismo e sociedade: teorias e metodologias*. Florianópolis: Insular, 2012.

AMARAL, Luiz. *Jornalismo: matéria de primeira página*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

_____. *Técnica de jornal e periódico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978.

AZEVEDO, Anna Carolina Ulandovski; MARTINS, Maura Oliveira. A tragédia jornalística: análise de estratégias discursivas em eventos potencialmente trágicos que não respondem ao critério "quantidade de mortes". *VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJOR*. São Paulo, 2008. Disponível em: http://sbpjour.kamotini.kinghost.net/sbpjour/admjor/arquivos/individual_10_annacarolinaazevedo.pdf. Acesso em: 03 out. 2013.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. São Paulo: Ática, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997a.

_____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997b.

BAPTISTA, Dulce Maria. O debate sobre o uso de técnicas qualitativas e quantitativas de pesquisa. In: MARTINELLI, Maria Lúcia (Org.) *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo; Veras Editora, 1999. p. 31-40.

BARTHES, Roland. *Mitologia*. São Paulo: Difel, 1980.

BELTRÃO, Luiz. *Iniciação á filosofia do jornalismo*. São Paulo: Com-Arte, 1992.

BENETTI, Márcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. In: LAGO, C; BENETTI, M (Org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis; Vozes, 2007. p. 107-122.

BILL, Bruna Greicy. *Catarse midiática: a tragédia no jornalismo pós-moderno*. Paraná, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bill-jornalismo-jornalismo.pdf>. Acesso em: 10 out. 2013.

BOND, Fraser. *Introdução ao jornalismo: uma análise do quarto poder em todas as suas formas*. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BRANDÃO, Helena. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.

_____. Enunciação e construção do sentido. In: FIGARO, Roseli (Org.). *Comunicação e análise de discurso*. São Paulo: Contexto, 2012.

BUCCI, Eugênio. Uma profissão, um conceito. *Revista de Jornalismo ESPM*, São Paulo, ano 1, n. 3, p. 26-30, 2012.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Jornalismo na fonte. In: DINES, Alberto; MALIN, Mauro. *Jornalismo brasileiro: no caminho das transformações*. Brasília: Banco do Brasil, 1996.

_____. *Pragmática do jornalismo: busca prática para uma teoria da ação jornalística*. São Paulo: Summus, 1994.

_____. *Sotaques d'além mar: travessias para uma nova teoria de gêneros jornalísticos*. São Paulo: Summus, 2008.

_____. *Iniciação a uma teoria das fontes: tipificação das fontes*. O xis da questão (blog). Disponível em: <oxisdaquestão.com.br/integra_integra.asp?codigo=377>. 2009. Acesso em: 13 out. 2013.

CHARAUDEAU, Patrick. *O discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2007.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise de discurso*. São Paulo: Contexto, 2008.

COTTA, Pery. *Jornalismo: teoria e prática*. Rio de Janeiro; Rubio, 2005.

DELEVATI, Ananda. *Comunicação de risco e cobertura de desastres: o campo jornalístico e as fontes especializadas*. Dissertação de Mestrado (Comunicação). Universidade Federal de Santa Maria. 2012. Online. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/poscom/wp-content/uploads/2013/05/dissertacao-ananda.pdf>. Acesso em: 03 out. 2013.

DIÁRIO DE SANTA MARIA, Santa Maria, ed. 3.304, 28 de janeiro de 2013, ano 11.

DINES, Alberto. *O papel do jornal: uma releitura*. São Paulo: Summus, 1986.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE Jorge; BARROS, Antonio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006. p. 62-83.

DUCROT, Oswald. *Princípios da semântica linguística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.

EPSTEIN, Isaac. Ciência, poder e comunicação. In: DUARTE Jorge; BARROS, Antonio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006. p. 15-32.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. São Paulo: Ática, 1991.

FACCIN, Milton Julio. Zero Hora, a voz que une os gaúchos. *VII Encontro Nacional de História da Mídia: mídia, alternativa e alternativas midiáticas*. Fortaleza, 2009.

FERRARI, M. H.; SODRÉ, M.. *Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

FONTANA, Andreia. *Histórico do jornal Diário de Santa Maria*. E-mail recebido por <nessa.costa.oliveira@gmail.com>, em 14 out. 2013.

GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Florianópolis: Insular, 2012.

GILL, Rosalinda. Análise de discurso. In: BAUER, M.W; GASKELL, G. (Ed.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p.214-270.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GOMES, Mayra Rodrigues. *Jornalismo e ciências sociais*. São Paulo: Hacker, 2000.

HENN, Ronaldo. *Os fluxos da notícia: uma semiose sistêmica*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

_____. *Pauta e notícia: uma abordagem semiótica*. Canoas: Ed. Ulbra, 1996.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir*. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

KUNCZIK, Michael. *Conceitos de jornalismo: norte e sul*. São Paulo: Edusp, 1997.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 2006.

_____. *A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. Barueri: Manole, 2009.

LOPES, Poliana. *O movimento diretas já e a cobertura do jornal Zero Hora: uma análise a partir da agenda-setting*. 2007. Monografia (Especialização em História, Comunicação e Memória do Brasil Contemporâneo)- Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2007.

LOPES, Rodrigo. *Guerras e tormentas: diário de um correspondente internacional*. Porto Alegre: Besouro Box, 2011.

_____. *O trabalho de ZH, via redação em Porto Alegre, na cobertura do incêndio na Boate Kiss*. Entrevistadora: V. C. Oliveira, 2013. 1 arquivo de áudio digital (40 minutos). Entrevista concedida à pesquisa *As vozes e a construção de sentidos: uma análise do discurso dos jornais Zero Hora e Diário de Santa Maria na cobertura do incêndio na Boate Kiss*.

MACHADO, Elias. Metodologias de pesquisa em Jornalismo: uma revisão histórica e perspectivas para a produção de manuais de orientação. In: *Brazilian Journalism Research*, v.6, n.1, 2010. p. 09-28.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas tendências em análise do discurso*. Campinas: Pontes, 1993.

_____. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

MANHÃES, Eduardo. Análise do discurso. In: DUARTE Jorge; BARROS, Antonio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006. p. 305-315.

MARCONDES FILHO, Ciro. *A saga dos cães perdidos*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

_____. *Ser jornalista: o desafio das tecnologias e o fim das ilusões*. São Paulo: Paulus, 2009.

MAZIÈRE, Francine. *A análise do discurso: história e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

MCQUAIL, Denis. *Teorias da comunicação de massa*. Porto Alegre: Penso, 2013.

MEDITSCH, Eduardo. *O conhecimento do jornalismo*. Florianópolis, Ed. UFSC, 1992.

MOREIRA, Sonia Virgínia. Análise documental como método e técnica. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006. p. 269-279.

MOTTA, Juliana; RUBLSKI, Anelise. Cobertura ao vivo em televisão: o improvisado e o testemunho em situação de tragédias. In: *V Seminário internacional de pesquisa em comunicação*. Santa Maria, 2013. Disponível em: http://coral.ufsm.br/sipecom/2013/wp-content/uploads/gravity_forms/1-997169d8a192ed05af1de5bcf3ac7daa/2013/08/Motta-Rubleski-V-Sipecom.pdf. Acesso em: 10 out. 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jogos de linguagem e efeitos e sentido da comunicação jornalística. *Estudos em jornalismo e mídia*, v.1, n.2, p. 13-30, 2º semestre de 2004.

MÜLLER, Igor. *A atualização do portal Diário de Santa Maria no dia 27 de janeiro de 2013*. Entrevistadora: V. C. Oliveira, 2013. 1 arquivo de áudio digital (10 minutos). Entrevista concedida à pesquisa *As vozes e a construção de sentidos: uma análise do discurso dos jornais Zero Hora e Diário de Santa Maria na cobertura do incêndio na Boate Kiss*.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas de discurso*. Campinas: Pontes, 1996.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas: Unicamp, 1995.

- PEREIRA JR, Alfredo Eurico Vizeu. *Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*. Petrópolis: Vozes, 2006.
- PEUCER, Tobias. Os relatos jornalísticos. *Estudos em jornalismo e mídia*, v.1, n.2, p. 13-30, 2º semestre de 2004.
- PINTO, Manuel. Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. In: *Comunicação e sociedade*. 2. Cadernos do noroeste. Série Comunicação. Vol. 14 (277-294), 2000.
- PULITZER, Joseph. *A escola de jornalismo na Universidade de Columbia: a opinião pública*. Florianópolis: Insular, 2009.
- RABAÇA, C. A.; BARBOSA, G.. *Dicionário de comunicação*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. Discurso e poder: a contribuição barthesiana para os estudos de linguagem. *Revista Brasileira de ciências da comunicação*. São Paulo: Intercom, v. XXVII, nº 1, p. 79-93, janeiro/junho de 2004.
- RODRIGO ALSINA, Miquel. *A construção da notícia*. Petrópolis: Vozes, 2009.
- ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- RUBIN, Anaqueli. *Da previsão do tempo às catástrofes: os valores-notícia dos acontecimentos climáticos no jornal Zero Hora*. 2011. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2011.
- SANTI, Vilso Junior. O desafio da apuração no ciberespaço. In: *Sessões do imaginário-cinema, cibercultura, tecnologias da imagem*. Porto Alegre, n.24, p. 8-17, jan/jun., 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/File/9021/6244>. Acesso em: 5 out. 2013.
- SANTOS, Volnei Edson dos. *O trágico e seus rastros*. Londrina: Editora UEL, 2002.
- SANTOS, Rogério. *Jornalistas e fontes de informação: a sua relação na perspectiva da sociologia do jornalismo*. Coimbra: Minerva, 2003.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SCHMITZ, Aldo Antonio. *Classificação das fontes de notícias*. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/schmitz-aldo-classificacao-das-fontes-de-noticias.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2013.
- SCHNEIDER, S.; SCHIMITT, C. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. *Cadernos de Sociologia*, Porto Alegre, v.9, p.49-87, 1998.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos de jornalismo e mídia*, Florianópolis: Insular, v.2, n.1 p. 104-105, 2005, 1º semestre de 2005.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

SONTAG, Susan. *Diante da dor dos outros*. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos do jornalismo*. Publicado em 2001. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-de-jornalismo-impreso.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2013.

SPARREMBERG, Fabiana. *A cobertura do Diário de Santa Maria no episódio do incêndio da Boate Kiss*. Entrevistadora: V. C. Oliveira, 2013. 1 arquivo de áudio digital (21 minutos). Entrevista concedida à pesquisa *As vozes e a construção de sentidos: uma análise do discurso dos jornais Zero Hora e Diário de Santa Maria na cobertura do incêndio na Boate Kiss*.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE Jorge; BARROS, Antonio (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2006. p. 51-61.

TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

_____(Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1999.

_____. *Teorias do jornalismo: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

VARGAS, Nilson. *O trabalho de ZH em Santa Maria na cobertura do incêndio na Boate Kiss*. Entrevistadora: V. C. Oliveira, 2013. 1 arquivo de texto. (9.775 caracteres). Entrevista concedida por e-mail à pesquisa *As vozes e a construção de sentidos: uma análise do discurso dos jornais Zero Hora e Diário de Santa Maria na cobertura do incêndio na Boate Kiss*.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 2009.

ZERO HORA, Porto Alegre, ed. 17.278, 28 de janeiro de 2013, ano 49.

ANEXO A - Texto 1 - DSM

DIÁRIO DE SANTA MARIA
SEGUNDA-FEIRA, 29 DE JANEIRO DE 2013 4SÉBASTIAO PY DUTRA
@sebastiao.pydutra

Santa Maria tinha mais Vitorino, João, Augusto, Mário, Mário, Bruno, Gabriel... Sem eles, somos menos. Menos felizes, mais tristes, mais doeridos.

A maior tragédia da história do Rio Grande do Sul e a segunda do país escalham como puka a cidade universitária e, por infelicidade, acabou por criar um terrível cenário de juventude e de promessas de futuro. E isso dói. Do sofrimento e noivo, de pais, mães, irmãos, amigos. Do mundo que voltou os olhos para Santa Maria ontem com assombro e tristeza.

Governos de 10 países enviaram condolências oficiais à presidente Dilma Rousseff – que interromperá viagem ao Chile para vir a Santa Maria, acompanhada do governador, Tarso Genro. Marchetes de sites e redes de TV nacionais e internacionais acompanham a tragédia. Mas por mais que a plenitude seja estética, sóbros para nós, santa-marienses, tentar entender o que aconteceu na madrugada dentro da boate Kiss. De viver a angústia por informações.

A maioria do público que curtiu a balada, na noite de sábado, em estuante universitária que promoveu uma festa para arrecadar recursos para a fermantra. Futuros interrompidos por um incêndio que, segundo informações de testemunhas, começou com uma brincadeira sobre o puka. Por volta das 23h30m, um dos músicos teria acionado uma espécie de sirene e uma ligante teria ocasionado o revestimento acústico do caso noturno, iniciando um incêndio que teria se alastrado rápido, mas não o suficiente para ser percebido pelos agentes de segurança que ficaram à distância, na porta da frente. Os primeiros a correr para a rua teriam encontrado a porta fechada.

No empurrão-empurrão, dezenas foram pisoteados. Ficaram no chão. Com eles, os frequentadores que isolaram muito da fumaça viciosa que se despendia do revestimento de isopor e gesso. Muitos perderam a vida ali. Outras dezenas encontraram a morte dentro dos banheiros da boate, iludidos pela possibilidade de proteção ou fuga por baculantes.

O dia que não havia nada aumentou a impressão de terror daqueles que testemunharam o caso noturno se consumindo em brasa enquanto os sobreviventes, presos de fuligem e com os corpos queimados, saíam um a um, porta afora, com a insustentável ocupação de um tropa de voluntários, militares e policiais depositos a diminuir o saldo da tragédia. Boate quem morreu tomando. Segundo a família, o militar Leonardo Silva Machado, 25 anos, salvou a mulher das chamas e do fumaça e ressonou à boate para resgatar outros vítimas. A tragédia ter um herói.

Mas a solidariedade do militar – e de tantos heróis anônimos – parece ter se multiplicado à boa vontade do povo desta cidade. Boate quem fosse para as feridas de hospitais e do Centro Desportivo Municipal (CDM) para oferecer ajuda, um copo d'água, um ombro amigo, uma oração. Somos menos 230 (pelo menos), mas estamos unidos. Tristes, mas juntos.

O prefeito Cesar Schirmer decretou luto oficial de 30 dias no município. A 11ª edição do Santa Maria Vídeo e Cinema (SMVC) começaria hoje. Foi cancelada. A rodada do Campeonato Gaúcho de futebol, foi suspensa, assim como o concerto Geron Vento em Bateria, Meta e São João do Politécnico. O Planeta Atlântida, que ocorria nos dias 1º e 2 de fevereiro, no teatro de Atlântida, também está suspenso.

Jamais esqueceremos



Um vale de lágrimas

"Parece uma cena de guerra. Não dá para acreditar que isso está acontecendo aqui". Assim, um funcionário da Guarda Municipal, que acompanhou a retirada de corpos do Boate Kiss, e depois trabalhou no Centro Desportivo Municipal, definiu o cenário que tomou conta de Santa Maria neste domingo.

Não eram só os corpos que denunciavam a morte de mais de duas centenas de jovens. Em um corpo, a triboleta, a morte que veio de um golpe só, o trauma de uma bomba (típica explosão) e deixado um rastro de vítimas. Em os caminhões que circulavam pela cidade em direção ao Centro Desportivo Municipal levando um dos que, mais tarde, seria o fim da esperança de tantos amigos e familiares. Em os sinais das ambulâncias, o desespero a cada toque dos telefones. Todos queriam notícias, mas para a maioria das pessoas que se aglomeraram em frente ao CDM, elas não eram boas. Logo depois, o local onde foram concentrados os corpos das vítimas, geralmente era o último a ser procurado. Na peregrinação das famílias, antes viravam cada um dos hospitais, as casas de amigos dos filhos, a expectativa de mais uma ligação para o telefone do ente querido que, quem sabe, pudesse ser atendido. Uma multidão de telefones em mãos, à espera de notícias.

– Minha mãe hoje vai ser essa – disse a irmã franciscana Ido Teresinha, que reuniu os familiares de vítimas que estavam em busca de informações sobre pessoas desaparecidas, para uma roda de orações.

A espera pela entrada no ginásio onde estavam os corpos demorou toda a manhã. E foi difícil. Quando o chão cessava de um lado, começava do outro. Enquanto isso, bastava olhar para qualquer lado ao redor do prédio de isolamento para ver uma cena que se repetia, independentemente de nomes e sobrenomes: pessoas abraçadas chorando. Muitas delas eram jovens, algumas ainda estavam sujas de fuligem ou amareladas. Mas também havia muitos pais em busca de um sinal qualquer sobre o filho que não atendia o celular, nem dava notícias.

Durante a tarde, as famílias foram divididas em filas para aguardar o cadastramento e reconhecimento dos mortos. D-se só no cubo piores ainda mais a angústia de quem



PROCURA DESOLADORA

O cenário no CDM, por onde foram levados os corpos das vítimas, em algo desolador

enfrentava horas e horas de espera. Vidas e mães, voluntários traziam água. Ambulâncias chegaram para prestar os primeiros socorros a quem precisava de atendimento e não eram mais os casos.

– Eu fui buscar ela na casa do pai dela. Agora, estou acompanhando ele aqui, em busca do corpo da filha. Isso não pode ter acontecido – repetia, desesperado, Erick Neto, sobre a perda da amiga Mariana Kertermann Balgeoni.

Em meio à multidão, sobriam relatos que mostravam que não foi preciso ser super-herói para se atentar em meio à fumaça e tentar salvar seus amigos e também uma multidão de desconhecidos.

– Cheguei na boate à meia-noite. Logo que vi a fumaça, consegui sair. Ajudei a levar

muita gente para fora. Tentei fazer respiração boca a boca, tentei fazer massagem cardíaca. Era muito triste ver aquela gente toda, da nossa idade, morta. Era terrível. Uma amiga daqueles que não se esquece nunca no vida – contou Cláudio Ruppel, 21 anos, estudante de Veterinária da Universidade Federal de Santa Maria, enquanto esperava pela identificação de amigos.

Mas nem todos os que tentaram ajudar conseguiram sobreviver. Matheus Douglas Moreira Leites, 18 anos, terminando o local e voltado, para tentar resgatar um familiar.

– Ele levou um primo e voltou para ajudar outras pessoas, mas não conseguiu mais sair – lamenta Gladis Bitencourt, que acompanhou a família da vítima enquanto aguardava pela identificação.

Muitos familiares das vítimas passaram por hospitais e casas de amigos à procura de seus entes antes de chegar ao CDM

ANEXO C – Texto 3 – DSM

DIÁRIO DE SANTA MARIA
SEXTA-FEIRA, 20 DE JANEIRO DE 2011 9

A dura hora da despedida

**COMOÇÃO GENERALIZADA**

Parentes e amigos se embrenham diante do túmulo e das dezenas de colônias que compõem o velório coletivo que começou no tarde de ontem em um dos pavilhões do Centro Desportivo Municipal.

Passado a dor de esperar por notícias e de identificar as vítimas, as famílias ainda precisam ter forças para cuidar da despedida de seus queridos. E encontrar locais para velórios e sepultamentos não foi tarefa fácil, até igreja foi usada para velar corpos. Foi preciso muito jogo de cintura das funerárias diante da quantidade de mortos. Algumas delas tiveram, por exemplo, de mandar mais caixões de outras cidades, como Encarnão. A lei oficial do governo do Estado, dirigida ao final da noite de domingo, é de 231 mortos, mas os números são divergentes e podem aumentar ao longo da semana. Até porque, nessa contabilidade do governo, não foram incluídas as vítimas que morreram em hospitais do município e do Estado.

O secretário de Relações de Governo e Comunicação de Santa Maria, Giovanni Marinho, pede que quem passe pelo velório coletivo do CDM leve flores para homenagear as vítimas.

Cerimônias coletivas ocorrem em Santa Maria e em Itaara. Cemitérios do Interior foram a alternativa

Os cemitérios do interior também foram uma alternativa para algumas famílias que não encontraram vagas para sepultar seus entes queridos no Cemitério Euzébio Municipal.

Diante da quantidade de vítimas, um pavilhão do Centro Desportivo Municipal foi destinado para um velório coletivo. Alguns dos mortos já foram sepultados antes em Santa

Maria. Para hoje, há enterros marcados desde o começo da manhã. As capelas funerárias da cidade permanecem lotadas.

Em Itaara, cidade que teve pelo menos oito vítimas, uma cerimônia coletiva também foi organizada, no Ginásio de Esportes do centro da cidade. Hoje, em Agudo, serão realizadas outras quatro vítimas, no Atlético Clube Arenópolis.

So velar os familiares e amigos, as famílias de pessoas que participaram de uma terrible maratona de velórios que começou no momento da tarde de ontem viram, encorajados,

zemenas de sonhos e angústias. Muitos acabaram de chegar, outros estavam por vir. São tristes histórias de quem acabou comprando um emprego, de quem esperaria apenas mais dois meses para conhecer a primogênita e de muitos cursos universitários que terão, por vezes, mais de um nome do dia-a-dia a ser feito.

Debruçados nos caixões e sentados em cadeiras escolares, as famílias recebem o conforto dos voluntários que oferecem água para refrescar a calor e a presença de religiosos em orações de mãos dadas. Não credenciam a dor de perder tão brutalmente alguém a quem se ama muito. Como entender tantos sonhos interrompidos? Como entender que, mesmo tendo ido juntos para a festa, amigos e parentes tiveram caminhos diferentes? Difícil. Quase impossível.

A história de João Alvoisio Teschell, 29 anos, é uma das tantas dolorosas. Ele completaria seus 30 anos amanhã e aguardava ansiosamente pela chegada da primeira filha, Jéssica Schmitt Nunes, 18 anos, havia sido admitida, no sábado, em um emprego novo em um restaurante.

**NO GINÁSIO MUNICIPAL**

Uma vítima de Itaara busca conforto juntos, no maior espaço público da cidade.

ANEXO D – Texto 1 – ZH

4

ZERO HORA SEGUNDA-FEIRA, 28 DE JANEIRO DE 2013

SANTA MARIA, 27/01/2013

O Rio Grande do Sul despertou ontem dentro do pior dos pesadelos. Um pesadelo do qual não era possível acordar. O absurdo tornara-se realidade. O mundo estava sangrando por Santa Maria. Havia 233 mortos e mais de uma centena de feridos no incêndio na boate Kiss, no centro da cidade – a maior tragédia que o Estado já teve de enfrentar.

Pouco depois das 2h, durante uma apresentação do grupo musical Gurizada Fandangueira, um sinalizador lançado como parte do espetáculo fez arder a espuma para isolamento acústico que reveste o teto da boate. O fogo transformou o oxigênio em fumaça, e a festa, em luta desesperada pela sobrevivência.

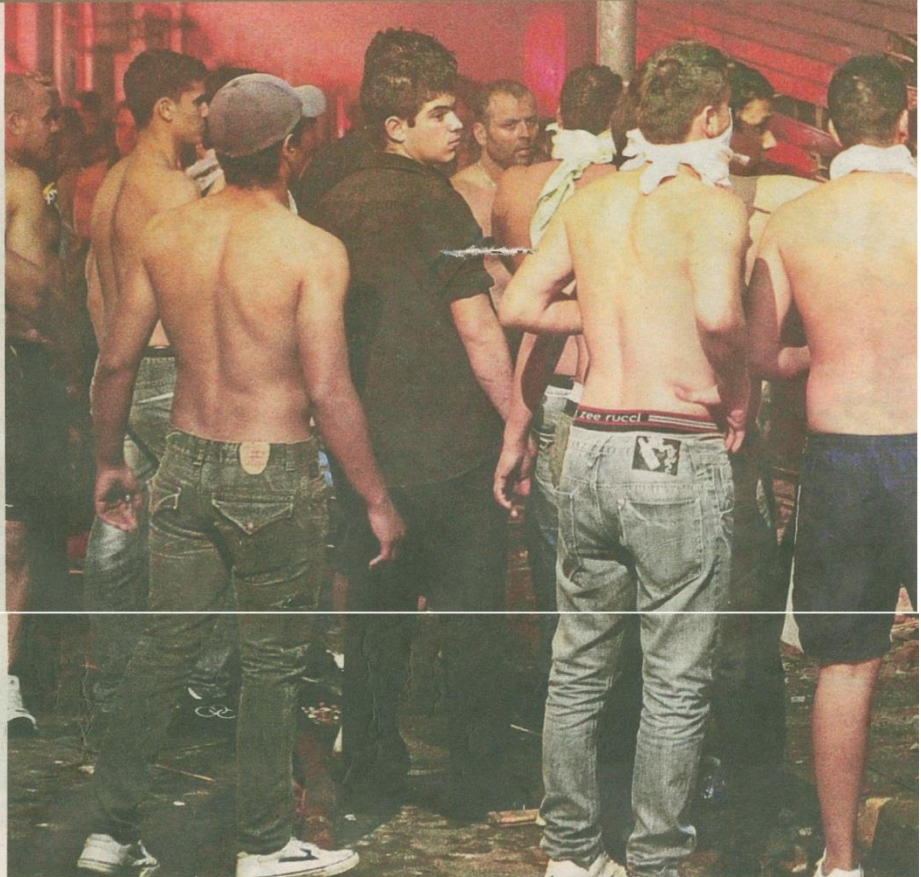
Eram centenas de rapazes e moças no local, talvez mais de mil. Por causa da greve do ano passado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), as aulas se estenderam janeiro adentro e mantiveram a cidade repleta de jovens. Sufocados pela fumaça negra, eles só tinham uma chance de viver: alcançar a única porta do estabelecimento, com cerca de dois metros de largura.

Santa Maria à procura respostas

Era pouca saída para tanta gente. A maior parte das mortes ocorreu por asfixia, algumas a poucos passos do ar da noite. É possível que parte dos mortos tenha sido pisoteada. Alguns queimaram. Quem escapou com vida uniu-se do lado de fora a policiais e bombeiros para uma das mais desesperadas operações de resgate de que o Rio Grande do Sul já teve notícia. Houve voluntários que entraram na boate enfumaçada para salvar e somaram-se ao cômputo das vítimas.

Em meio ao pranto e ao luto, começou pouco a pouco a busca dos porquês. Por que fazer um show pirotécnico em um ambiente fechado? Por que o alvará de incêndio estava vencido? Por que faltaram alternativas para a evacuação de emergência? Por que a segurança da casa teria tentado barrar a saída dos jovens?

A tragédia era grande demais para ficar sem respostas. Ela pôs Santa Maria a chorar diante das duas centenas de corpos enfileirados para reconhecimento no Ginásio Farreão, mergulhou os gaúchos em negro luto e foi o único tema do domingo no Brasil. Fez a presidente Dilma Rousseff cancelar seus compromissos no Chile e voar a Santa Maria para prestar solidariedade. Motivou o governador Irsno Genro a decretar sete dias de luto oficial. Pôs um fato local nas manchetes da imprensa internacional como nunca antes ocorrera. Converteu o Rio Grande do Sul, desde a madrugada de ontem, no lugar com maior concentração de tristeza no mundo.



Bombeiros só puderam resgatar as centenas de corpos após conter as chamas do prédio



O fato de a danceteria ter

ANEXO E – Texto 2 – ZH

SANTA MARIA, 27/01/2013



Policiais militares, profissionais da saúde e voluntários prestaram atendimento a familiares que foram reconhecer as vítimas no Centro Municipal de Esportes

A pior notícia

Humberto Trezzi

humberto.trezzi@zerohora.com.br



“

Um amigo que estava lá e que conseguiu sair disse que a boate parecia uma zona de guerra. Meus vizinhos estão chorando, desesperados. Muitas pessoas estão indo a hospitais para doar sangue ou procurar amigos. É desolador.

MATHEUS LUZ,
estudante, 19 anos

Santa Maria

Escorada no ombro de familiares, a mulher com vestido azul e calça branca sai da parte menor do ginásio, tenta sentar em uma cadeira de plástico e desaba, indo ao chão com estrondo.

– Médico, médico! – gritam, desesperados, os parentes da senhora, que acaba de reconhecer o filho de 20 anos como um dos mais de 200 mortos na tragédia da dançeteria Kiss.

Um grupo de enfermeiras e psicólogas, com esparadrapos identificatórios no lugar de improvisados crachás, acode a mãe, que não para de gritar:

– Meu filho, meu filho! Eu quero meu filho, tragam meu filho de volta! Mas ele não volta.

Assim como não voltarão dezenas de jovens cujos parentes tinham, desde o final da manhã da ontem, a

missão de identificar as vítimas do incêndio, o maior desastre já ocorrido no país desde a década de 1960.

Zero Hora acompanhou, de dentro do Centro Desportivo Municipal, o Farreão (homenagem ao ex-prefeito santa-mariense e atual vice, José Farret), a dor de quem perdeu o familiar na flor da idade. Tia e madrinha do rapaz cuja mãe se desesperava, uma comerciante de 48 anos mal conseguia falar. Ela e o marido reconheceram o jovem em meio à montanha de corpos que se formou inicialmente em uma das alas do ginásio. Inconfundível, porque estava pilchado, “gaudério” como sempre foi. Tanto que tinha ido à boate, como sempre fazia, para curtir um grupo de fandangos. Morreu pisoteado e asfixiado, como a maioria.

– Estou tão nervosa que voltei a fumar – desabafou ela, acendendo um cigarro no outro.

O ginásio parecia um formigueiro,

tomado por centenas de voluntários que correram ao chamado de ajuda feito por meio das rádios. Além de médicos e psicólogos, compareceram assistentes sociais, enfermeiros, soldados e policiais. Muitos em chinelo de dedo e bermuda, que emergência não combina com etiqueta. Um jovem de branco, cabelo despendeado, comentou com colegas:

– O Exército me convocou. Eu não estava de plantão, mas tinha de ajudar. Conheço gente que estava na boate.

Adeus na Sala do Desespero

A maioria dos voluntários nem conhecia vítimas e, mesmo assim, se dispôs a sair do conforto caseiro para o cenário de guerra em que se transformou o centro de Santa Maria na madrugada de domingo. A confusão era tanta que mesmo quem queria

ajudar tinha de ter crachá para passar por uma sólida barreira formada por PMs do Batalhão de Operações Especiais de Santa Maria. Assim que ingressava, o voluntário recebia uma etiqueta para colar na roupa, com nome e profissão anotados. Ai, era designado, pelo Comitê de Crise, para consolar parentes, administrar medicamentos ou examinar os corpos.

Foi por volta do meio-dia de ontem, sob um calor sufocante, que os familiares, em fila, começaram a entrar na Sala do Desespero. Assim foi apelidado o local onde os corpos eram depositados, um ginásio menor do que o Farreão, mas também situado no CDM. Gritos, lágrimas e desmaios se sucediam, em sequência. Um vaivém desesperado que incluía o uivo da sirene de ambulâncias, a gritaria de policiais e o entra e sai de agentes funerários, trazendo mais cadáveres. Todos jovens que a tragédia ceifou.

ANEXO F – texto 3 – ZH

Hora do adeus

Os corpos das vítimas do incêndio na boate Kiss, em Santa Maria, ainda eram reconhecidos quando, no mesmo local, o Centro Desportivo Municipal (CDM), já se iniciava o velório coletivo de alguns dos mortos da maior tragédia do Rio Grande do Sul.

Por volta das 16h30min, dois caixões que, segundo informações, eram de duas jovens, já esperavam os familiares para a longa e dolorosa noite que marcará para sempre centenas de famílias.

Aos poucos, outros caixões se somaram aos dois primeiros chegados ao local para o velório coletivo, solução encontrada pelo grupo de Gerenciamento da Crise para lidar com a falta de locais apropriados para a realização dos velórios.

Desde cedo foram providenciadas cadeiras, mesas e cavaletes para as famílias que quiseram fazer naquele local a despedida dos parentes mortos no incêndio. O trabalho também foi dobrado para funerárias da região, que tiveram de pedir reforço para atende-

der a grande quantidade de pedidos.

– Foi essa a solução que encontramos para facilitar as pessoas sem local de fazer o velório – afirma o major do Batalhão de Operações Especiais (BOE), Cleberson Braida Bastianello.

Famílias começam a enterrar vítimas

Mesmo com o espaço disponível para os velórios, muitos familiares decidiram procurar outros locais para a realização das cerimônias ou enterrar as vítimas nas cidades de onde eram provenientes. A tragédia alterou a rotina dos cemitérios da cidade, que se mobilizaram em força-tarefa para atender uma demanda anormal para Santa Maria, considerada uma cidade de porte médio.

No Cemitério Municipal, um plantão foi acionado para poder receber os pedidos de enterros, que começarão às 9h de hoje. Segundo Carla Fonseca, uma das administradoras do local, muito cedo os funcionários

atenderam um grande volume de telefonemas pedindo informações para a realização dos cultos ecumênicos.

– Decidimos montar esta força-tarefa para dar conta da procura que começou desde cedo – salienta Carla.

No Parque Jardim Santa Rita de Cássia, as capelas estão lotadas, e a direção vai disponibilizar o saguão do local para a realização de um velório coletivo.

Desde cedo funcionários começaram a abrir os terrenos com o objetivo de acolher os corpos das vítimas que serão enterradas no local, que ontem mesmo acabou recebendo um primeiro funeral de vítima do incêndio da boate Kiss.

– Começaremos os enterros às 7h, e serão realizados a cada meia hora, que é o tempo necessário para a cerimônia – ressalta Alison Cassol, um dos funcionários da administração do cemitério.

Outras cidades gaúchas também vão enterrar os mortos da tragédia. Cerimônias estão marcadas em Ijuí, Cruz Alta, Palmeira das Missões, entre outros municípios.

“

Vi um tumulto e pensei que era uma briga. Dei um passo, olhei para trás e começou a pegar fogo. Pegou fogo na cortina e no palco. Depois, começou o tumulto, aquela correria, as pessoas tentando sair e não conseguindo, as pessoas já sem respirar, no chão (...) Depois, eu apaguei e acordei só lá fora.

LEONARDO DA ROSA,
19 ANOS



Ontem já foi realizado um primeiro sepultamento, mas a partir das 7h de hoje será providenciada a maioria dos enterros: cemitérios montaram força-tarefa

ANEXO G – Questionário semiaberto para entrevista com editores

- Como a cobertura do incêndio na Boate Kiss foi organizada no primeiro dia?
- Qual era a função do veículo de comunicação naquele momento?
- Houve tempo, ao longo do dia, de discutir as pautas?
- Como as fontes foram selecionadas?
- O repórter tinha liberdade para definir a fonte?
- Alguns textos não citam a fonte da informação. Por que isso ocorreu?
- Qual era a origem das informações?
- E a apuração, seguiu alguma linha específica?
- Como a edição do dia 28 de janeiro foi planejada? Quais foram os critérios para a seleção do conteúdo?
- Qual foi a orientação dada aos repórteres para a cobertura?
- Como foi trabalhar paralelo ao Diário de Santa Maria que, apesar de ser do mesmo grupo, tem um público diferente do da Zero Hora e, tem sede na cidade do incêndio?
- Poderias fazer uma avaliação do trabalho do Diário de Santa Maria e da Zero Hora?
- Houve alguma orientação do Grupo RBS para a cobertura?
- Houve um monitoramento das redes sociais e se aproveitou alguma coisa desse meio?